



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PROLING)

FABÍOLA NÓBREGA

**A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-
DISCURSIVA: UM ENFOQUE ENUNCIATIVO DO VERBO
INTRANSITIVO EM REPORTAGENS IMPRESSAS**

JOÃO PESSOA - PB

2015

FABÍOLA NÓBREGA

**A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA: UM
ENFOQUE ENUNCIATIVO DO VERBO INTRANSITIVO EM REPORTAGENS
IMPRESSAS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Farias Francelino.

João Pessoa - PB

2015

FABÍOLA NÓBREGA

**A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA: UM
ENFOQUE ENUNCIATIVO DO VERBO INTRANSITIVO EM REPORTAGENS
IMPRESSAS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Farias Francelino.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino – UFPB
ORIENTADOR

Camilo Rosa Silva – UFPB
EXAMINADOR INTERNO

Prof. Dr.^a Maria de Fátima Almeida - UFPB
EXAMINADORA INTERNA

Prof. Dr.^a Alvanira Barros – UFPB/Campus IV
EXAMINADORA EXTERNA

Prof. Dr.^a Marluce Pereira da Silva – UFPB/Campus IV
EXAMINADORA EXTERNA

Prof. Dr.^a Ana Cristina de Souza Aldrigue - UFPB
SUPLENTE INTERNO

Prof. Dr.^a Eliete Correia dos Santos - UEPB
SUPLENTE EXTERNO

Para três baluartes em minha existência (*in memoriam*): minha avó, Catarina de Medeiros Lopes; meu pai, Joílto Nóbrega, e minha irmã, Alexandra Lopes Sales, os quais me ensinaram que a importância de nossa caminhada não está em sua brevidade e sim na nossa edificação constante, bem como nas ações materializadas, buscando, com humildade, aperfeiçoar todas as nossas áreas e concretizar nossos idílios.

AGRADECIMENTOS

A Deus; toda honra e toda glória sejam dadas a Ele, Aquele que acalma tempestades, faz andar por sobre as águas, realiza o impossível, ressuscita mortos, faz leões dormirem, muralhas se dissiparem, um prisioneiro virar governador, um desconhecido ser um rei segundo o seu coração, o azeite da viúva multiplicar, o cego ver, o paralítico andar, cadeias se abrirem, o fogo descer do céu, o maná no deserto, a água brotar da rocha. Deus traz à existência aquilo que não existe, faz um ventre frutificar em condições desfavoráveis, um povo ser abençoado por pura misericórdia, um homem conduzir uma arca e pousar em terra seca, a restauração da personalidade de um trapaceiro (enganador, mentiroso) e, sobretudo, faz uma simples estudante, como eu, virar uma doutora em Linguística.

Ao meu orientador, Pedro Farias Francelino, por ter sido um aporte essencial para a realização desse trabalho, trilhando os caminhos adequados, sem os quais seria impossível acontecer.

Aos professores Dr.^a Alvanira Barros e Dr. Camilo Rosa Silva, que participaram da banca de qualificação, por suas valiosas e essenciais contribuições para a finalização desta tese. Através delas, foi possível nortear os pontos que faltavam em nossa pesquisa.

A meu esposo, Fernando Santos, por seu companheirismo, dedicação e, sobretudo, pelo incentivo para a realização dessa tese, lembrando-me sempre, em momentâneas fases de dispersão e dificuldades, a importância desse enriquecedor trabalho para a minha vida acadêmica e profissional.

À minha mãe, Adnoan Lopes Sales, meu maior presente divino, por sua força e delicadeza para me ensinar a confiar em meu potencial, acreditando em mim mesma nas horas de tensão em minha vida e, sobretudo, conduzindo-me à concretização de todos os meus sonhos. Por fim, meu muito obrigada pelo companheirismo, por estar sempre pronta para me ajudar e pelas infindas horas de escuta.

À minha irmã, Mônica Nóbrega, por ter me ensinado a dar os primeiros passos na Pós-Graduação, ajudando-me e acolhendo-me na minha caminhada rumo ao mestrado.

Aos meus irmãos, Adnoilton Nóbrega e Raul Alexandre Lopes Sales, os quais sempre foram alimento e sustento para todas as minhas conquistas, por seu companheirismo, disponibilidade e, especialmente, motivação.

Ao meu tio, Alírio de Medeiros Lopes, por ter me ensinado, inspirado e impulsionado a estudar e por todos os seus ensinamentos no tocante à importância de se lutar, realizando sonhos.

Aos meus alunos, por terem sido fonte inspiradora em todos os momentos aprazíveis e difíceis, conduzindo-me à finalização desta edificante etapa acadêmica.

Ao meu Diretor, Walter Cortez, por ter me apoiado em todos os momentos prazerosos, edificantes e conflitantes durante esses anos de conquista, acreditando em mim mesma em fases de pura incerteza.

À Profa. Me. Roberta Soares Paiva, pelas horas de escuta e por todo apoio que sempre me deu.

A todos que contribuíram indiretamente para a finalização desse doutorado.

Algumas vezes, é extremamente importante expor um fenômeno bem conhecido e aparentemente bem estudado a uma luz nova, reformulando-o como problema, isto é, iluminando novos aspectos dele através de uma série de questões bem orientadas. Isto é particularmente útil nos domínios em que a pesquisa desaba sob o peso de uma massa de descrições e de classificações meticulosas e detalhadas, mas destituídas de qualquer orientação. Uma problematização renovada pode colocar em evidência um caso aparentemente limitado e de interesse secundário como fenômeno cuja importância é fundamental para todo o campo de estudo.

Mikhail Bakhtin

RESUMO

A aglutinação sintático-semântico-discursiva é um processo que diz respeito à junção do complemento no verbo concebido pela Gramática Tradicional (GT) como intransitivo, não tendo a ocupação material do lugar de objeto. No entanto, em algumas situações, estes verbos podem ser usados com o complemento materializado no plano da sintaxe, havendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Este fenômeno é provocado por motivações de ordem enunciativa. Para tanto, tivemos como objetivo geral analisar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva em uma perspectiva enunciativa nos verbos definidos pela GT como intransitivos, utilizando, para isso, reportagens impressas. No propósito de atender a esta necessidade, desenvolvemos os seguintes objetivos específicos: caracterizar a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva como um fenômeno enunciativo; analisar o sentido de um elemento linguístico (verbo) através de dois vieses: tema (sentido contextual) e significação linguística (sentido dicionarizado), associando à compreensão ativa; compreender como a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva são usadas nos verbos escolhidos em uma reportagem impressa, observando o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo; discutir os fatores que proporcionam a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos selecionados para a análise. Para tal propósito, recorreremos ao construto teórico defendido por Bakhtin/Volochinov (1981, 1926), Bakhtin (2003), além de pesquisadores do pensamento linguístico do Círculo de Bakhtin. Nosso *corpus* foi composto por vinte e duas reportagens impressas da Revista Veja, publicadas no período de 1968 a 2013 e pesquisadas no *site* <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. A princípio, discutimos o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo das reportagens escolhidas. Posteriormente, analisamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir. E, posteriormente, discorreremos sobre a desaglutinação sintático-semântico-discursiva em alguns destes verbos. Com isso, podemos dizer que, em nossa tese, um fenômeno sintático (os verbos intransitivos) foi observado à luz da Teoria da Enunciação, conforme pontuaram Bakhtin/Volochinov (1981).

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Verbos Intransitivos. (Des)aglutinação sintático-semântico-discursiva. Gênero discursivo reportagem.

ABSTRACT

The syntactic-semantic-discursive agglutination is a process concerning to the junction of the complement in the verb designed by Traditional Grammar (GT) as intransitive, having no material occupation as the object. However, in some situations, these verbs can be used like complement materialized in the syntax plan, with the syntactic-semantic-discursive detachment. This phenomenon is caused by enunciative reasons. Therefore, we had as main objective to analyze the syntactic-semantic-discursive agglutination and detachment of the verbs defined by the Traditional Grammar in an enunciation perspective, using, for this, printed reports. In order to answer this need, we developed the following specific objectives: to characterize the syntactic-semantic-discursive agglutination/ detachment as an enunciative phenomenon; analyze the meaning of a linguistic element (the verb) through two biases: theme (contextual meaning) and linguistic significance (in dictionaries sense) by combining with the active comprehension; understand how the syntactic-semantic-discursive agglutination and detachment are used in targeted verbs in a printed report, observing the thematic content, compositional elements and the style; discuss the factors that provide the syntactic-semantic-discursive agglutination the syntactic-semantic-discursive detachment in selected verbs for analysis. For this purpose, we used the theoretical construct defended by Bakhtin / Voloshinov (1981, 1926), Bakhtin (2003), as well as researchers of the linguistic thought from the Bakhtin Circle. Our corpus comprised twenty-two printed reports of *Veja* magazine, published in the period from 1968 to 2013 and selected in <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. At first, we discuss the thematic content, compositional elements and the style of chosen reports. Subsequently, we analyze the syntactic-semantic-discursive agglutination in the verbs die, live, sunrise, fall, mature, aging, fight, react, dream, cry, smile, sleep, grow and laugh. And subsequently, we described some of the syntactic-semantic-discursive detachment in some of these verbs. Thus, we can say that, in this work, a syntactic phenomenon (the intransitive verbs) was observed by the Theory of Enunciation, according to Bakhtin / Voloshinov (1981).

KEYWORDS: Enunciation. Intransitive verbs. Syntactic-semantic-discursive agglutination/ Syntactic-semantic-discursive detachment. Genre report discursive.

RÉSUMÉ

L'agglutination syntaxique-sémantique-discursive est un processus par rapport la jonction du complément dans le verbe conçu par la grammaire traditionnelle (GT) comme intransitif, n'ayant aucune occupation matérielle comme objet. Cependant, dans certaines situations, ces verbes peuvent être utilisés avec complément matérialisé dans le plan de la syntaxe, avec la dispersion syntaxique-sémantique-discursive. Ce phénomène se produit pour des raisons énonciatives. Par conséquent, nous avons pour objectif principal analyser l'agglutination et la dispersion syntaxique-sémantique-discursive définie par la grammaire traditionnelle dans une perspective d'énonciation, et pour cela nous utilisons des reportages imprimés. Afin de répondre à ce besoin, nous avons développé comme objectifs spécifiques: caractériser l'agglutination et de la dispersion syntaxique-sémantique-discursive comme un phénomène énonciatif; analyser le sens d'un élément linguistique (le verbe) par deux biais: le thème (de signification contextuelle) et la signification linguistique (le sens du dictionnaire) travers une combinaison avec la compréhension active; comprendre comment l'agglutination et la dispersion syntaxique-sémantique-discursive sont utilisées dans les verbes envisagés dans un reportage imprimé, où nous observons le contenu thématique, les éléments de la composition et le style; discuter des facteurs qui fournissent l'agglutination syntaxique-sémantique-discursive et fournissent la dispersion syntaxique-sémantique-discursive dans les verbes choisis pour l'analyse. Pour cela, nous avons utilisé le cadre théorique fourni par Bakhtine / Voloshinov (1981, 1926), Bakhtine (2003), ainsi que des chercheurs de la pensée linguistique du Cercle Bakhtine. Notre corpus comprend vingt-deux reportages imprimés du magazine *Veja*, publiés dans la période de 1968 à 2013 et trouvées sur le site <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. Dans un premier moment, nous discutons le contenu thématique, les éléments de composition et le style des reportages choisis. Par la suite, nous analysons l'assemblage syntaxique-sémantique-discursive dans les verbes mourrir, vivre, naître, tomber, mûrir, vieillir, lutter, réagir, rêver, pleurer, sourire, grandir et rire. Ensuite nous avons décrit la dispersion syntaxique-sémantique-discursive dans certains de ces verbes. Ainsi, nous pouvons dire que, à notre avis, un phénomène syntaxique (les verbes intransitifs) a été observée à la théorie de l'énonciation, comme souligne Bakhtine / Voloshinov (1981).

MOTS-CLÉS: L'énonciation. Verbes intransitifs. Agglutination/dispersion syntaxique-sémantique-discursive. Genre discursif reportage.

LISTA DE FIGURAS E ELEMENTOS GRÁFICOS

FIGURA (1)	Tira da personagem Mafalda, do cartunista argentino Quino (Joaquín S. L. Tejón)	14
QUADRO (1)	A aglutinação sintático-semântico-discursiva (sem a ocupação do objeto).....	107
QUADRO (2)	A desaglutinação sintático-semântico-discursiva (com a ocupação do objeto).....	107

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO	14
1. CAPÍTULO 1: LINGUAGEM E DIALOGISMO	26
1.1 A linguagem na perspectiva dialógica	26
1.2 Tema e significação linguística	44
2. CAPÍTULO 2: OS GÊNEROS DISCURSIVOS	48
2.1 O gênero discursivo sob a ótica bakhtiniana	49
2.2 O gênero discursivo reportagem impressa	67
2.2.1 Um olhar bakhtiniano	67
2.2.2 Uma abordagem à luz da Comunicação Social	79
3. CAPÍTULO: O VERBO INTRANSITIVO E A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA	86
3.1 A transitividade verbal: dialogando com gramáticos	86
3.2 A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva: um novo olhar sobre os verbos intransitivos	101
4. CAPÍTULO 4: OS VERBOS INTRANSITIVOS: UM PROBLEMA SINTÁTICO À LUZ DA ENUNCIÇÃO	108
4.1 A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva: uma proposta enunciativa	109
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	156
ANEXOS	162
ANEXO A: Os três da Lua, Armstrong, Aldrin, Collins: quem são?	163
ANEXO B: Ilmos. planos do Correio, lentos, difíceis e ambiciosos	170
ANEXO C: JK riu por último	177
ANEXO D: Os pequenos imperadores	179
ANEXO E: Viver mais e melhor	185
ANEXO F: O fim dos mitos sobre o câncer	192

ANEXO G: A utopia real de Gabeira	200
ANEXO H: A rendição do último coronel	207
ANEXO I: O caos depois do desastre	212
ANEXO J: A vida melhorou	223
ANEXO K: Eu quero ser Eike	229
ANEXO L: O crack bate à nossa porta	241
ANEXO M: Cirurgia épica ao som de rock	248
ANEXO N: Memórias que não se apagam	254
ANEXO O: Afinal, a leitura da mente	261
ANEXO P: Vidas repaginadas	269
ANEXO Q: Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais	272
ANEXO R: Uma dama do lado direito da história	280
ANEXO S: Condenados pela impunidade	286
ANEXO T: A casa do horror	294
ANEXO U: Filhos? Não, obrigada	298
ANEXO V: O valor maior de Angelina	305

0.

INTRODUÇÃO

FIGURA (1): Tira da personagem Mafalda, do cartunista argentino Quino (Joaquín S. L. Tejón).



Fonte: <<http://tirasdemafalda.tumblr.com/>>.

A aglutinação¹ sintático-semântico-discursiva diz respeito à junção do complemento no verbo, visto pela Gramática Tradicional (GT) como intransitivo, não havendo, no plano da sintaxe (lugar material), a ocupação do objeto. Ao passo que a desaglutinação sintático-semântico-discursiva remete à materialização do complemento dos verbos citados no plano da sintaxe, tendo a ocupação do objeto. Este é um fenômeno enunciativo concebido através de um lugar, que pode ser materializado linguisticamente no plano da sintaxe ou simplesmente ocultado. No entanto, é possível percebê-lo no plano do enunciável, observando o diálogo entre interlocutores perfilados socialmente. Dessa forma, possibilita, mediante a inter-relação entre estes planos, a configuração de um saber de entremeio, pautado no diálogo entre o linguístico e o discursivo, assim como pontuou Dias (2006).

A título de ilustração, na reportagem intitulada *O caos depois do desastre*², temos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer* em (1):

Ex. (1)

Sob as trevas da noite o pavor aumenta. Os raros focos de luz são dos faróis de carros, dos postes de quartéis com geradores e das foqueiras... Assustadoras fogueiras alimentadas com escombros de corpos. [...] Um lugar de horror onde se aguardava a vez de *morrer*, ao lado de cahorros, lixo e o odor onipresente da gangrena [...]. (ESCOSTEGUY, 2010, p.73. Grifo nosso)

¹ O termo aglutinação nessa tese não será usado como processo de formação de palavra, focando os campos fonológico e morfológico, como fazem a Gramática Tradicional, os Dicionários especializados (Linguística e Filologia) etc., a exemplo de Rocha Lima (2007), Camara (1968), Cunha (1970), Dubois (1973), entre outros.

² ANEXO I.

Na reportagem *O caos depois do desastre*, o sujeito-enunciador aprecia negativamente a catástrofe que ocorreu no Haiti por causa do terremoto naquela época. À luz de Bakhtin/Volochinov (1981), considerando o sentido completo da enunciação, obsevamos que, no ponto de vista deste enunciador, lá estava sendo vivenciada uma situação caótica. Muitos haitianos morreram e outros ficaram mutilados, sem comida, moradia, vestimentas etc. Vidas foram dissipadas, sonhos desfeitos e famílias totalmente desconstruídas.

Na visão de mundo do sujeito-enunciador, Porto Príncipe ficou destruída, enfrentando uma fase difícilima: “[...] Um lugar de horror onde se aguardava a vez de *morrer*, ao lado de cahorros, lixo e o odor onipresente da gangrena³”, conforme podemos verificar no exemplo (1). Palavras como *horror*, *lixo*, *odor*, *gangrena* evidenciam os sentimentos e as emoções do enunciador frente à situação presenciada. A realidade retratada, por sua vez, passa a ser vista e valorada por ele como eminentemente negativa e destrutiva para os haitianos, já que as pessoas estavam em condições sub-humanas, restando-lhes esperar *a vez de morrer*. Nesse contexto, a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade autorizaram a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*, não havendo a ocupação do lugar do objeto (morte) no plano da sintaxe.

A nosso ver, desaglutinar o objeto *morte* no plano da sintaxe não contribui para que o sujeito-interlocutor possa compreender ativamente a palavra *morrer*, opondo uma contrapalavra. Assim como Bakhtin (2003) afirma ocorrer a compreensão ativa do sujeito.

Desta feita, na reportagem em discussão, vemos que a linguagem não está subjugada a um sistema imutável de regras, não obstante pressuponha uma forma. Segundo Volochinov (1930), as formas de linguagem são modificadas de acordo com a atuação de alguns fatores, entre eles: a interação verbal e o sistema linguístico. Para ele, qualquer situação pressupõe a presença de atores ou interlocutores (os sujeitos sociais), sendo o auditório de um enunciado encetado pela presença de todos os atores sociais envolvidos na situação.

Com isso, seguindo Volochinov/Bakhtin (1926), observamos que a reportagem em discussão configurou a interação social realizada entre o falante (Diogo Escosteguy),

³ Id. p. 73.

o ouvinte (leitor) e o tópico da fala, sendo materializada como produto. E a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer* resultou disso.

No entanto, segundo Rocha Lima (2006, p. 340), gramático tradicional, no exemplo (1), o verbo *morrer* seria intransitivo “encerrando em si a noção predicativa”; assim, dispensaria o complemento *morte*. Por outro lado, na sua concepção, haveria ocasiões em que verbos desta natureza passariam a ter o Objeto Direto Interno expreso, por exemplo, nas construções como “Morrer morte santa” (ROCHA LIMA, 2006, p. 248). No que diz respeito a esta situação, o gramático afirma que a informação *morte santa* assumiria a função sintática de Objeto Direto Interno, pois completa o sentido do verbo *morrer*. Para ele, isto é aceitável caso o verbo e o objeto possuam o mesmo radical, sendo o complemento representado por um substantivo seguido de um adjunto, consoante em “Morrer morte santa⁴”.

Algumas vezes, para ele, o Objeto Direto Interno poderia ser representado por uma expressão que, embora não tenha radical igual ao verbo, faça parte do que denominou “mesmo grupo de ideias⁵”, assim como em “Dormir um sono tranquilo⁶”. Aqui, *um sono tranquilo* seria o Objeto Direto Interno, já que é formado pelo substantivo *sono*, seguido do adjunto *tranquilo*. Embora *dormir* e *sono* não tenham o mesmo radical, o complemento é associado semanticamente ao verbo.

Para nós, os verbos denominados por Rocha Lima (2006) como intransitivos são casos de aglutinação sintático-semântico-discursiva, uma vez que o complemento está aglutinado nele, não havendo a ocupação do objeto no plano da sintaxe, assim como aconteceu no exemplo (1). O Objeto Direto Interno comportaria a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, existindo a ocupação material do objeto no plano da sintaxe, assim como ocorre nos dois exemplos analisados por ele (Morrer morte santa e Dormir um sono tranquilo). E esse fenômeno ocorre por questões enunciativas.

Em outros termos, na nossa concepção, se em enunciados como “Morrer morte santa”, *morte* assumiria a função sintática de Objeto Direto Interno, como o próprio Rocha Lima (2006) registrou, é porque este complemento existe. Todavia, como a pretensão do construto teórico proposto pela GT analisa essencialmente a estrutura linguística, ele só é percebido quando está materializado no plano da sintaxe. Achamos louvável o fato de este complemento ter sido percebido pelo gramático. No entanto, é

⁴ Id. p. 248.

⁵ Ibid. p. 248 Id.

⁶ Ibid. p. 248 Id.

necessário considerar sua existência também em situações em que ele não esteja materializado linguisticamente no plano da sintaxe, como analisamos no exemplo (1), observando aspectos enunciativos. Considerando estes apontamentos, surgiu a seguinte problemática: Se em algumas situações o gramático em discussão afirma que os verbos intransitivos podem apresentar o Objeto Direto Interno, quais os critérios para negar a sua existência em outras?

Pressupondo as considerações tecidas, esta tese tem por objetivo geral analisar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva em uma perspectiva enunciativa nos verbos definidos pela GT como intransitivos, utilizando, para isso, reportagens impressas. Para tanto, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Caracterizar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva como um fenômeno enunciativo;
- ✓ Analisar o sentido de um elemento linguístico (verbo) através de dois vieses: tema (sentido contextual) e significação linguística (sentido dicionarizado), associando à compreensão ativa;
- ✓ Compreender como a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva é usada nos verbos escolhidos em uma reportagem impressa, observando o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo;
- ✓ Discutir os fatores que proporcionam a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos selecionados para a análise.

Pelo exposto, observamos que a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva não foi aludida como um processo estritamente estrutural, visto que foram consideradas também as dimensões semânticas e discursivas, as quais fazem parte do jogo interativo da linguagem. Nesse sentido, a enunciação é vista como o resultado da interação entre indivíduos organizados socialmente, como postulam Bakhtin/Volochinov (1981).

Em relação à pesquisa aqui apresentada, para não correr o risco de vivenciar a situação descrita por Mafalda na tira que abre esta introdução, olhando para nossa proposta como um espelho e subvertendo-a, é necessário entender como nossa ideia emergiu.

Nosso trabalho surgiu de considerações precípuas no tocante à necessidade primária de observar a aglutinação sob outra ótica, tecidas em torno da língua por Dias⁷ (2000). Pensando nisso, o referido professor elaborou, na época em que lecionava na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o projeto do PIBIC intitulado *Gramática do português*, o qual continha três partes específicas a serem pesquisadas, sendo uma delas intitulada *Gramática do português: a aglutinação e os limites do campo gramatical*. Este projeto foi desenvolvido por nós, na condição de bolsista. Nesta primeira etapa acadêmica, foram tecidas apenas considerações iniciais acerca da aglutinação sintático-discursiva. Na época, atribuímos esta nomenclatura ao fenômeno, visualizando apenas a possibilidade de esse fenômeno ocorrer em enunciados, sem a preocupação com a noção de gêneros discursivos; dialogia na linguagem; tema e significação linguística; ideologia; valorização etc. Nesta fase, a aglutinação sintático-discursiva foi pensada dialogando com outras discussões teóricas, entre elas, Ducrot (1987).

Em seguida, ao concluir nossas atividades no PIBIC, ansiamos por continuar desenvolvendo o trabalho por ocasião do curso de mestrado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mediante a leitura da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, escrita por Bakhtin/Volochinov (1981), e da tese intitulada *Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em – mente*, de Ribeiro (2003), sobre o campo limítrofe entre o linguístico e o discurso, em relação à aglutinação sintático-discursiva, percebemos que era necessário mudar o foco teórico, no propósito de conferir a esse fenômeno um olhar mais específico. Por isso, ele foi visto à luz do construto teórico bakhtiniano, fato que não tinha sido, *a priori*, pensado no PIBIC. Isto possibilitou lançar à aglutinação um olhar reflexivo e gerar uma inquietude, segundo Nóbrega (2006, p. 11), conduzindo às seguintes reflexões:

Pode-se definir a aglutinação apenas a partir das perspectivas morfológica e fonológica? Uma definição pautada nesses dois campos não condiciona, em sala de aula, a observação da língua exclusivamente através da estrutura, fazendo com que o ensino do português trilhe este mesmo caminho?

Nesta fase, a preocupação era simplesmente observar a aglutinação (processo de formação de palavra) sob outra perspectiva, isto é, apresentar, segundo

⁷ Professor Dr. Luiz Francisco Dias, que atualmente leciona na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Bakhtin/Volochinov (1981), o conceito sobre a aglutinação sintático-discursiva, propondo um diálogo com o ensino da Língua Portuguesa. Assim, no curso de mestrado, concluído em 2006⁸, os questionamentos levantados por Nóbrega (2006) foram respondidos, desenvolvendo tal conceito. Na nossa tese, portanto, ele foi atualizado.

Na tentativa de apresentar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo definido pela GT como intransitivo, foi necessário desenvolver uma sequência em relação a discussões teóricas e análise de dados, dividindo-a em capítulos. O primeiro capítulo foi dividido em duas seções. Na primeira, explanamos a linguagem na perspectiva dialógica, no intuito de apresentar alguns dos eixos norteadores de nossa fundamentação teórica, baseados em Bakhtin/Volochinov (1926, 1981) e Volochinov (1930), dialogando com Marchezan (2006) e Barros (2005). Já na segunda, abordamos o tema e a significação linguística, à luz de Bakhtin/Volochinov (1981), associando estes dois conceitos à aglutinação sintático-semântico-discursiva. Para tanto, analisamos a reportagem *O valor maior de Angelina*⁹.

O segundo capítulo foi dividido em duas seções. Na primeira, consoante Bakhtin (2003), houve uma discussão acerca dos gêneros do discurso, expondo as diferenças entre o primário e o secundário, bem como as discrepâncias entre oração e enunciado, dialogando com outros autores, entre eles, Volochinov (1930). Na segunda, discutimos sobre a reportagem impressa, subdividindo a seção em dois tópicos específicos. No primeiro, à luz desses autores, tal gênero foi caracterizado, mostrando-o como secundário. A título de ilustração, foram analisados o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo em *Memórias que não se apagam*¹⁰, dialogando com casos de aglutinação sintático-semântico-discursiva.

Além disso, no tópico (2.2.2), por ser a reportagem impressa produzida em uma esfera social específica (Jornalismo), foi preciso ainda recorrer à área de Comunicação Social, registrando como aqui esse gênero é concebido. Por fim, apresentamos como os linguistas conceituam os gêneros jornalísticos, suscitando um diálogo entre os

⁸ Esse curso de mestrado foi realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

⁹ ANEXO V: reportagem escrita por Natália Cuminale, publicada em 22 de maio de 2013, p. 90-98.

¹⁰ ANEXO N: reportagem escrita por Gabriele Jimenez e Renata Betti, publicada na Revista Veja, em 30 de maio de 2012, p. 90-96.

apontamentos teóricos propostos por Lopes-Rossi (2008), Martin-Lagardette (2010), Souza (2008), entre outros.

O terceiro capítulo foi dividido em duas seções. Na primeira, mostramos como os gramáticos observam a Transitividade Verbal, enfatizando os verbos definidos como intransitivos. Com este propósito, recorremos a Rocha Lima (2006), Celso Cunha (1970), Bechara (2006), Perini (2006) e Neves (2000). Na segunda, apresentamos o conceito de aglutinação e de desaglutinação sintático-semântico-discursiva, mostrando um novo olhar sobre os verbos vistos pela GT como intransitivos.

No quarto capítulo, por fim, apresentamos a nossa proposta de análise, explanando os fatores que proporcionam a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir. Além disso, mostramos ainda o que possibilita a desaglutinação sintático-semântico-discursiva em alguns destes verbos, havendo a ocupação material do objeto no plano da sintaxe. Com esta finalidade, discutimos o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo das reportagens escolhidas.

Na nossa metodologia, seguimos a classificação proposta por Antonio Joaquim Severino (2012) em relação à modalidade e tipos, sendo possível considerar: a área da ciência, a natureza, os objetivos, os procedimentos, o objeto e a forma de abordagem. No que diz respeito à modalidade, podemos afirmar que nossa pesquisa é teórico-analítica, uma vez que atualiza o conceito de aglutinação sintático-discursiva proposto por Nóbrega (2006).

Referentemente ao tipo de pesquisa, considerando nossos objetivos, pontuamos que ela é descritiva, visto que a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva foram observadas, registradas, analisadas e interpretadas. Por sua vez, também é explicativa, pois foram identificados fatores que propiciam a ocorrência do fenômeno analisado. Já quanto à forma de abordagem, nosso trabalho é qualitativo, pois há o perfil descritivo, tendo a preocupação em interpretar o fenômeno e não com a quantidade relativa à sua ocorrência. Por outro lado, nossos dados foram analisados indutivamente, havendo a interpretação do fenômeno e a atribuição dos significados.

Nosso *corpus* é constituído por vinte e duas reportagens impressas publicadas no período de 1968 a 2013, na Revista Veja e pesquisadas no *site* <http://veja.abril.com.br/acervodigital>. Neste acervo digital, encontramos todas as

edições digitalizadas, publicadas de 1968 a 2015, havendo ferramentas específicas para realizarmos uma pesquisa segundo nosso interesse. Entre elas, assuntos, ano, edições, expressão exata etc. Fizemos nossa pesquisa através das ferramentas intituladas *período* e *busca avançada*, na qual digitamos a expressão exata que desejávamos e, logo em seguida, eram notificadas as aparições em todo o acervo com as devidas datas de publicação.

Para tanto, escolhemos os verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir. Uma vez encontrado o verbo procurado, seguimos com a leitura da reportagem em que ele apareceu. A princípio, pesquisamos os que foram trabalhados por Rocha Lima (2006) em relação ao Objeto Direto Interno. Após encontrá-los nas reportagens escolhidas, analisamos também outros que havia nelas. A título de ilustração, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir etc. Assim sendo, apresentamos abaixo tais reportagens:

- a) *Os três da Lua, Armstrong, Aldrin, Collins: quem são?*¹¹, escrita por Oriana Fallaci, publicada na Revista Veja em 16 de julho de 1969, p. 28-35.
- b) *Ilmos. planos do Correio, lentos, difíceis e ambiciosos*¹², escrita por Luiz Cláudio Cunha, publicada na Revista Veja em 03 de janeiro de 1973, p. 40-46.
- c) *JK riu por último*¹³, escrita por Paulo Perdigão, publicada na Revista Veja em 27 de agosto de 1980, p. 84-85.
- d) *Os pequenos imperadores*¹⁴, escrita por Fernanda Luna e Rodrigo Cardoso, publicada na Revista Veja em 07 de outubro de 1998, p. 136-141.
- e) *Viver mais e melhor*¹⁵, escrita por Thereza Venturoli, publicada na Revista Veja em 15 de setembro de 2004, p. 96-102.
- f) *O fim dos mitos sobre o câncer*¹⁶, escrita por Ricardo Valladares e Giuliana Bergamo, publicada na Revista Veja em 18 de maio de 2005, p. 78-85.

¹¹ ANEXO A.

¹² ANEXO B.

¹³ ANEXO C.

¹⁴ ANEXO D.

¹⁵ ANEXO E.

¹⁶ ANEXO F.

- g) *A utopia real de Gabeira*¹⁷, escrita por Lucila Soares, publicada na Revista Veja em 20 de setembro de 2006, p. 44-50.
- h) *A rendição do último coronel*¹⁸, escrita por Otávio Cabral e Diego Escosteguy, publicada na Revista Veja em 05 de agosto de 2009, p. 60-64.
- i) *O caos depois do desastre*¹⁹, escrita por Diogo Escosteguy, publicada na Revista Veja em 27 de janeiro de 2010, p. 66-76.
- j) *A vida melhorou*²⁰, escrita por Diego Escosteguy, publicada na Revista Veja em 29 de dezembro de 2010, p. 260-265.
- k) *Eu quero ser Eike*²¹, escrita por Carolina Ranguel, Julia Carvalho e Laura Diniz, publicada na Revista Veja em 18 de janeiro de 2012, p. 78-89.
- l) *O crack bate à nossa porta*²², escrita por Giuliana Bergamo, Carolina Ranguel, Laura Diniz e Julia Carvalho, publicada na Revista Veja em 25 de janeiro de 2012, p. 64-69.
- m) *Cirurgia épica ao som de rock*²³, escrita por Adriana Dias Lopes, publicada na Revista Veja em 11 de abril de 2012, p. 82-88.
- n) *Memórias que não se apagam*²⁴, escrita por Gabriele Jimenez e Renata Betti, publicada na Revista Veja em 30 de maio de 2012, p. 90-96.
- o) *Afinal, a leitura da mente*²⁵, escrita por Filipe Vilicic, publicada na Revista Veja em 04 de julho de 2012, p. 84-90.
- p) *Vidas repaginadas*²⁶, escrita por Mariana Amaro, publicada na Revista Veja em 31 de outubro de 2012, p. 122-124.

¹⁷ ANEXO G.

¹⁸ ANEXO H.

¹⁹ ANEXO I.

²⁰ ANEXO J.

²¹ ANEXO K.

²² ANEXO L.

²³ ANEXO M.

²⁴ ANEXO N.

²⁵ ANEXO O.

²⁶ ANEXO P.

- q) *Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais*²⁷, escrita por Luiz Maximiano, publicada na Revista Veja em 17 de abril de 2013, p. 48-55.
- r) *Uma dama do lado direito da história*²⁸, escrita por Duda Teixeira, publicada na Revista Veja em 17 de abril de 2013, p. 56-61.
- s) *Condenados pela impunidade*²⁹, escrita por Laura Diniz e Julia Carvalho, publicada na Revista Veja em 08 de maio de 2013, p. 86-93.
- t) *A casa do horror*³⁰, escrita por Duda Teixeira e Julia Carvalho, publicada na Revista Veja em 15 de maio de 2013, p. 84-87.
- u) *Filhos? Não, obrigada*³¹, escrita por Gabriele Jimenez, publicada na Revista Veja em 29 de maio de 2013, p. 114-120.
- v) *O valor maior de Angelina*³², escrita por Natália Cuminale, publicada na Revista Veja em 22 de maio de 2013, p. 90-98.

Os assuntos³³ discutidos nas reportagens selecionadas, por sua vez, foram aparecendo em decorrência dos verbos escolhidos. Assim, não houve relação entre eles, exceto nas reportagens intituladas *Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais*³⁴ e *Uma dama do lado direito da história*³⁵, ambas publicadas na mesma edição e dialogando entre si. E nelas foi usado o verbo *morrer*, no propósito de informar sobre a morte de Margaret Thatcher. Este foi, portanto, um dos verbos escolhidos por nós para análise.

²⁷ ANEXO Q.

²⁸ ANEXO R.

²⁹ ANEXO S.

³⁰ ANEXO T.

³¹ ANEXO U.

³² ANEXO V.

³³ Com base em Bakhtin (2003), observamos que há uma diferença entre o conteúdo temático e o assunto discutido no gênero. Aquele diz respeito ao propósito comunicativo, isto é, cada gênero tem um propósito específico. Por exemplo, a notícia busca informar sobre o que está sendo noticiado, onde, quando e por quê; o horóscopo aconselha sobre família, trabalho e amor; o anúncio publicitário influencia o comportamento do leitor através de apelos que conduzam à adesão ao consumo; uma reportagem informa, descreve e divulga determinado assunto etc. Já o assunto remete àquilo que está sendo discutido em cada gênero produzido, ou seja, uma reportagem impressa, por exemplo, pode informar, descrever e divulgar sobre uma morte; outra sobre uma catástrofe, uma descoberta científica, uma pessoa famosa, um fato histórico, os mitos em relação a uma doença etc., como aconteceu em nosso *corpus*.

³⁴ ANEXO F.

³⁵ ANEXO G.

A reportagem impressa, portanto, foi selecionada como *corpus* por ser um gênero discursivo secundário. E a Revista Veja por ser de circulação nacional, bastante difundida no Brasil e possuir todo seu acervo digitalizado no site, facilitando o acesso.

Na nossa análise, no primeiro momento, discutimos sobre os aspectos constitutivos da reportagem impressa: conteúdo temático, elementos composicionais e estilo. A princípio, mostramos os fatores que proporcionam a aglutinação sintático-semântico-discursiva, a saber: a relação intrínseca entre o horizonte axiológico do discurso (a ideologia), a valoração (os índices sociais de valor) e a expressividade não autoriza a ocupação do lugar de objeto em algumas ocasiões; a relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala não permite a materialização do objeto no plano da sintaxe em certos momentos.

Posteriormente, discutimos sobre os aspectos que possibilitam a desaglutinação sintático-semântico-discursiva em alguns verbos analisados, os quais foram empregados com o objeto expresso materialmente no plano da sintaxe. Entre os quais, temos: a relação intrínseca entre o horizonte axiológico (a ideologia), a valoração (os índices sociais de valor) e a expressividade autoriza a ocupação do lugar de objeto em algumas ocasiões; o fenômeno é gerado a partir da visão de mundo do sujeito-enunciador; o complemento materializado no plano da sintaxe atua como uma reação responsiva e responsável do sujeito-enunciador quanto ao objeto de discurso retratado; a relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala permite a materialização do objeto no plano da sintaxe em certos momentos; o tema (sentido completo da enunciação); a compreensão ativa.

Desta forma, em nossa análise, mesclamos os casos apresentados. Em outros termos, ora mostramos situações em que há a aglutinação sintático-semântico-discursiva, abordando o que faz surgir a aparição deste fenômeno; ora explanamos casos em que o complemento verbal vem expresso no plano da sintaxe, igualmente apresentando os elementos que propiciam isto.

Mediante o exposto, podemos afirmar que as reportagens selecionadas como *corpus* foram vistas como a configuração da interação social realizada entre o falante (os repórteres), o ouvinte (os leitores) e o tópico da fala, sendo materializadas como produto, assim como Bakhtin/Volochinov (1926) dizem que ocorre no evento discursivo, exemplificando com a obra de arte. Para nós, em qualquer enunciado, independentemente de ser artístico ou não, há este diálogo. E os verbos escolhidos para

análise como palavras enquanto signos ideológicos, como apresentaram Bakhtin/Volochinov (1981).

A pesquisa aqui proposta possibilitou um diálogo entre áreas distintas, a exemplo da Sintaxe e da Enunciação. Esse diálogo possibilitou contemplar um problema sintático à luz da enunciação, como sugeriram Bakhtin/Volochinov (1981). Por fim, podemos dizer que nossa intenção nesta tese não foi desrespeitar a GT ou simplesmente discordar de um conceito desenvolvido por este aporte teórico, visto que reconhecemos todos os seus créditos. Nosso desejo foi apresentar, seguindo outra perspectiva teórica, questões que não foram contempladas sobre os verbos vistos por ela como intransitivos, já que seu foco é a estrutura linguística.

CAPÍTULO 1: LINGUAGEM E DIALOGISMO

O primeiro capítulo foi dividido em duas seções. Sendo assim, focamos essencialmente, na primeira, uma discussão sobre linguagem e dialogismo, apresentando a perspectiva defendida por Bakhtin (2003), Bakhtin/Volochinov (1926, 1981) e Volochinov (1930), dialogando com Marchezan (2006) e Barros (2005). Para tanto, de antemão são apresentadas as críticas tecidas por Bakhtin/Volochinov (1981) em relação ao Objetivismo Abstrato e ao Subjetivismo Individualista.

Logo, na segunda seção, discutimos sobre como Bakhtin/Volochinov (1981) concebem o tema (sentido contextual) e a significação linguística (sentido dicionarizado), apontando a crítica feita aos filólogos concernente à compreensão. Ademais, a questão do sentido foi associada à compreensão ativa e à apreciação social, pontos propostos pelos autores. Recorremos, então, a essa discussão e, a título de ilustração, apresentamos, na reportagem intitulada *O valor maior de Angelina*³⁶, a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*.

Para nós, a linguagem na concepção dialógica, segundo os autores citados, e a maneira como Bakhtin/Volochinov (1981) observam o sentido são pontos *sine qua non* para mostrarmos a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos, segundo a Gramática Tradicional (GT), intransitivos, apresentando um novo olhar sobre eles.

1.1 A linguagem na perspectiva dialógica

[...] toda parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente.

Mikhail Bakhtin

Em discrepância com relação a outras concepções de linguagem, o construto teórico bakhtiniano observou que o fenômeno linguístico ultrapassa os limites dos campos físico, fisiológico e psíquico, já que está associado ao âmbito social mediante os

³⁶ ANEXO V.

processos de interação. Assim, aludi-lo através dessas nuances indefinidas a natureza linguística, restringindo-a. Nesse sentido, Bakhtin/Volochinov (1981) pontuam que o signo é, sim, ideológico, e a ideologia, por sua vez, reflete as estruturas sociais. Havendo, portanto, algum tipo de modificação na ideologia, isto acarreta uma modificação em relação à língua. A forma linguística é vista como um signo mutante, sendo este, em sua natureza, “vivo, móvel, plurivalente” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1981, p. 15). No entanto, a classe dominante, por interesses particulares, busca concebê-la como monovalente.

A ideologia influencia a consciência (o pensamento) e a atividade da linguagem, a qual ocorre dialogicamente. Essas duas atividades (o pensamento e a linguagem) são, portanto, inter-relacionadas, já que o psiquismo e a ideologia estão em constante atividade de interação dialética. Para Bakhtin/Volochinov (1981, p. 16), “o signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e reciprocamente a realização psíquica vive do suporte ideológico”.

No propósito de respaldar sua concepção acerca da língua, os autores em pauta discutem sobre duas correntes teóricas distintas: o Objetivismo Abstrato e o Subjetivismo Individualista, particularizando-as. O Objetivismo Abstrato, tendo como representante Saussure³⁷, analisa a língua através de um olhar específico, revestido pelo social e configurado mediante a necessidade comunicativa. A língua seria, então, um objeto abstrato ideal, pensado enquanto sistema sincrônico, impositivo por natureza, no qual eram rejeitadas as manifestações linguísticas reais (a fala/*parole*). Seguindo essas diretrizes, o sujeito, apesar de não ser suplantada sua existência, foi simplesmente silenciado. Cabia a ele aceitar passivamente um sistema linguístico pronto e acabado por natureza.

Considerando a vertente percorrida por Saussure (1982, p. 31), a língua (*langue*) seria um “sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica”. Em outros termos, apesar de ser percebida a inegável existência do sujeito, ele seria silenciado, porquanto não exerceria poder no tocante ao sistema linguístico. Assim, a língua seria algo pronto e acabado, restando ao sujeito lançar mão dela independentemente de seu poder de ação. Partindo desse pressuposto, o autor em foco propõe um estudo sincrônico concernente ao seu objeto investigativo.

³⁷ Saussure é um dos representantes do Objetivismo Abstrato. Embora saibamos que ele, no seu construto teórico, abrange muito mais, nesta tese não serão tecidas tais considerações, visto que não é nossa pretensão.

À luz dos apontamentos discutidos por Bakhtin/Volochinov (1981), a língua é constituída através dos processos interativos, delineados socialmente³⁸. Eles enfatizam justamente aquilo que Saussure (1982) menos enfocou: a fala (manifestação linguística intimamente entrelaçada às condições de comunicação, organizadas pelo viés social). A língua passa a ser vista, para Bakhtin/Volochinov (1981, p. 17), “[...] como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo de instrumento e de material”.

Em virtude disso, verificamos que o Objetivismo Abstrato apresentou uma visão insatisfatória da língua enquanto produto das relações sociais. Isto ocorreu devido ao fato de que esta corrente teórica verificou, a partir de um sistema linguístico abstrato, sincrônico e, sobretudo, imutável, os fatos linguísticos. Segundo Bakhtin/Volochinov (1981, p. 92),

na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não: para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada.

O Subjetivismo Individualista verificou a língua, segundo Bakhtin/Volochinov (1981), como uma atividade criativa que não possui interrupção quanto à sua construção, sendo concretizada através de atos de fala individuais. A língua seria proveniente de tais atos e as leis que governariam a criação linguística seriam configuradas através da psicologia individual. Um dos calcanhares de Aquiles dessa teoria é justamente o fato de ela focar a enunciação monológica.

O Subjetivismo Individualista está centrado, por conseguinte, em uma teoria de expressão puramente falsa. Essa corrente teórica registra que a expressão seria constituída através do conteúdo interior e da objetivação exterior. A essência da língua

³⁸ Neste momento, sentimos a necessidade de diferenciar o social conforme compreendido por Saussure (1982) e por Bakhtin/Volochinov (1981). Para aquele, a língua seria falada socialmente por um grupo; já para estes, o social é o organizador da consciência. Assim, a língua é constituída mediante a interação de sujeitos, perfilados socialmente.

estaria no interior, enquanto o exterior serviria “simplesmente” como escopo tradutor. Contrapondo esse pensamento, Bakhtin/Volochinov (1981) defendem que o interior não determina o exterior, uma vez que a relação é invertida, isto é, este modela aquele.

Por fim, observamos que as duas correntes teóricas descritas acima observam a língua através de caminhos limitados, haja vista não observarem a interação verbal. Na concepção de Bakhtin/Volochinov (1981), a língua é constituída justamente através da interação verbal, e sua concretização ocorre a partir das enunciações. A interação verbal, por seu turno, é um fator essencial. Por isso, ela não é um sistema abstrato nem tampouco enunciações monológicas isoladas.

A interação é constitutiva da língua, posto ser originada através da relação dialógica entre os sujeitos, organizados no âmbito social. Dessa forma, constatamos que, ao serem concretizados os processos interativos, o linguístico está sendo gestado. Entretanto, nesta relação dialógica, não é cabível observar os sujeitos como receptores passivos. A enunciação só pode ser compreendida como determinada pelo meio, sendo produto da interação entre indivíduos, delineados pelo âmbito social. À luz de Bakhtin/Volochinov (1981, p. 112), “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”.

Na esteira da premissa de que a linguagem é, acima de tudo, um fenômeno social, posto que seja feita, mediante o princípio dialógico, para o Outro, Volochinov/Bakhtin³⁹ (1926), ao discorrerem sobre o método sociológico voltado para o estudo da forma poética, asseveram que o referido método é legítimo quando assente para a pertinência do fator ideológico para a análise do conteúdo, no qual é investida a sua tessitura histórica. Todavia, estabelecem uma crítica ao método, ao mesmo tempo em que assumem a sua postura marxista, quando analisam o princípio da imanência, o qual reduz o estudo poético ao princípio da “forma pela forma”. E afirmam não ser

³⁹ Volochinov/Bakhtin (1926) discorrem sobre o discurso da vida e da arte. Embora nosso *corpus* seja a reportagem impressa, essa discussão nos interessa, já que eles apresentam o discurso verbal como um evento social e dialógico, abordando a obra de arte. Os autores observam, portanto, uma configuração tripartite da locução, independentemente de esta ser realizada oralmente ou mediante o escrito. Nela, por sua vez, haverá a atuação social de três partícipes: falante (autor), ouvinte (leitor) e tópico (o que ou quem) da fala (o herói), assim como ocorre em qualquer ocasião comunicativa, sendo enunciados artísticos ou não, inclusive com a reportagem impressa, na nossa concepção. Além disso, este é um dos primeiros textos do círculo de Bakhtin que discorre sobre o enunciado, segundo Pereira e Rodrigues (2014).

possível negligenciar o fato de que o discurso literário, além de ser um fenômeno social, é também da alçada da língua.

Nesse diapasão, o foco é deslocado da dimensão sociológica para o domínio da arte propriamente dita. Os autores criticam, portanto, a separação dicotômica estabelecida entre os elementos pertencentes a uma agenda compartilhada entre o social e o linguístico: “Tal visão contradiz fundamentalmente as bases primeiras do método marxista – seu monismo e sua historicidade. A consequência disso e de pontos de vista similares é que forma e conteúdo, teoria e história, são deixados separados” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 01). Caberia, portanto, ao método sociológico, conforme os autores, debruçar-se sobre a literatura também como obra de arte.

Volochinov/Bakhtin (1926) também criticam, com relação ao escopo do método sociológico, o ponto pacífico adotado pelos estudiosos da arte europeus no tocante a atribuir à arte características não sociológicas, mas puramente estéticas, artísticas. Não podemos obliterar o fato de que a obra de arte é, também, uma criação ideológica, sujeita, assim, às injunções da sociedade. Nesse sentido, os autores advogam para a interpretação marxista do método sociológico, a considerar que tudo o que a criatividade humana produz existe na e para a sociedade, tendo, portanto, uma penetração ideológica.

É proposta, portanto, uma dialética materialista capaz de interpretar a obra de arte não apenas pela sua compleição artística – que exigiria, por sua vez, a perspectiva da imanência – mas pelo viés da ideologia. Este processo, com efeito, passa também pela perspectiva sociológica, pois “[...] *formações ideológicas são intrinsecamente, imanentemente sociológicas*⁴⁰” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 02). Assim, a única característica de fato imanente abrigada pela arte seria a sua natureza social. Os autores, de maneira ousada para a época, arrematam que o elemento estético seria, ele mesmo, uma formação social, e que “a teoria da arte, consequentemente, só pode ser uma *sociologia da arte*. Nenhuma tarefa ‘imanente’ resta neste campo” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 02). Com este posicionamento, eles credenciam a análise sociológica como via de acesso ao estudo da arte, especialmente o da poética, desde que aplicada mediante uma perspectiva marxista, e, portanto, ideologicamente situada.

⁴⁰ Todos os grifos existentes nas citações são de responsabilidade dos autores.

Todavia, há, na perspectiva de Volochinov/Bakhtin (1926), dois pontos de vista falsos, e que devem ser rechaçados para um estudo da obra de arte pautado no método sociológico de inspiração marxista. São eles: “[...] a *fetichização da obra artística enquanto artefato*⁴¹” e o foco no estudo da psique do artista ou do contemplador no afã da análise quanto à obra de arte. Os autores pontuam que, no início do século XX, a postura de fetichismo era preponderante no estudo da arte, assertiva que possivelmente ainda ecoa nos dias atuais. A obra de arte é investigada *per se*, apartada tanto de seu criador e apreciador como da própria conjuntura social, cultural e histórica que a legitimou.

Considerar o estudo da obra artística apenas da perspectiva de seu criador e apreciador é a contramão dessa primeira tendência, mas igualmente falaciosa, de acordo com os autores. Na esteira desta perspectiva, é como observar em toda obra artística um resumo sobre o cabedal de experiências do criador ou do apreciador, alijando-a de qualquer autonomia da expressão. Assim sendo, ambos os pontos de vista promovem um deslocamento do objeto de estudo: para o primeiro, remete ao artefato, da obra de arte em si vista mediante o aspecto formal; já para o segundo, é a psique de quem cria ou contempla a obra que assume relevância.

Com vistas a expor as fragilidades de cada ponto de vista previamente explicitado, Volochinov/Bakhtin (1926) “desmascaram” a influência da psique do criador e do apreciador da obra pelo que essa perspectiva carece de objetividade. E focam a premissa do apelo formal da análise artística, argumentando que

por mais que se vá longe na análise de todas as propriedades do material e de todas as combinações possíveis dessas propriedades, nunca se será capaz de encontrar seu significado estético, a menos que lancemos mão, de contrabando, de um outro ponto de vista que não pertença à moldura da análise do material (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 03).

Seguindo esta linha de raciocínio, os autores arrematam que a falha de ambas as perspectivas é perder a noção do todo no tocante à obra de arte. Em outras palavras, é imprescindível vê-la holisticamente. Para atingir uma concepção holística da obra artística, é necessário considerar a conjunção entre criador e apreciador, pois o que é dado, de fato, no que concerne ao artístico, é que ele é constituído como sendo “[...] *uma forma especial de inter-relação entre criador e contemplador fixada em uma obra*

⁴¹ Id., p. 03.

*de arte*⁴². A obra artística é, pois, uma forma de comunicação peculiar, que não perde a sua singularidade por manter uma relação dialética com a sociedade.

Destarte, Volochinov/Bakhtin (1926) consideram que a tarefa da poética sociológica consiste precisamente em elucidar esta forma especial de comunicação empreendida pela obra de arte. Isto porque a obra artística, quando observada à parte de sua especificidade, é reduzida a mero artefato, ou mesmo a um exercício linguístico que sequer tangencia a sua verdadeira natureza. Dito de outro modo, a obra artística só é concebida efetivamente como arte quando pressupõe o processo de interação entre criador e contemplador. É um processo de comunicação, sem o qual a obra fica restrita ao seu aparato material, fruto de um esforço intelectual vão.

Vale dizer, portanto, que os autores propõem estabelecer um estatuto do que eles denominam de comunicação estética. Sabemos que esta é estabelecida entre criador e apreciador via obra de arte, configurando uma forma de comunicação *sui generis* inscrita no corpo social. Por conseguinte, ela não é alheia a todos os aspectos da vida em sociedade. É necessário, então, afinar a nossa percepção acerca dos pressupostos da comunicação estética, pois

o que caracteriza a comunicação estética é o fato de que ela é totalmente absorvida na criação de uma obra de arte, e nas suas contínuas re-criações por meio da co-criação dos contempladores, e não requer nenhum outro tipo de objetivação. Mas, desnecessário dizer, esta forma única de comunicação não existe *isoladamente*; ela participa do fluxo unitário da vida social, ela reflete a base econômica comum, e ela se envolve em interação e troca com outras formas de comunicação (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 04).

Dado que o enunciado poético é uma forma assumida pela comunicação estética, os autores propõem investigá-lo, considerando, a princípio, os meandros de enunciados verbais de natureza não artística: os enunciados da fala e da vida cotidiana. Além de, na ótica deles, este procedimento poder facilitar a análise, posto que aborde um discurso verbal mais apreensível e socialmente difundido, partindo, também, da premissa de que, nos enunciados da vida cotidiana, subjaz o gérmen dos enunciados artísticos. Assim, para chegarmos ao discurso na arte, é evidenciado, em primeira instância, o discurso na vida.

⁴² Ibid. p. 03 Id.

Conforme observam os autores, o discurso cotidiano é totalmente vinculado às situações extraverbais da vida, atendendo a uma natureza pragmática. Sua razão de ser, ou seja, seu sentido está indissociavelmente atrelado a essas situações práticas. São enunciados pragmáticos, concretos, muitas vezes de natureza avaliativa, pautados no conteúdo do que é dito e sensíveis às informações de natureza extraverbal que compõem o contexto. Este, por seu turno, complementa a significação da matéria linguística dos enunciados. Logo, ocorre uma fusão entre o discurso verbal e os eventos da vida cotidiana, o que, a rigor, impediria a rotulação de um dado fenômeno estritamente linguístico como sendo, por exemplo, “[...] verdadeiro ou falso, ousado ou tímido⁴³”.

A questão que desponta dessa discussão em torno do discurso verbal da vida cotidiana é como acontece a relação entre esses enunciados e a situação que lhes confere pertinência. Esta questão é particularmente interessante porque nenhum elemento que compõe a matéria linguística de qualquer enunciado da vida é suficiente para explicar a relação entre texto e contexto. Os autores chegam à conclusão de que apenas o contexto extraverbal, como, por exemplo, a entoação, o olhar, o conhecimento compartilhado etc., é capaz de conferir significado a esse tipo de enunciado.

Para Volochinov/Bakhtin (1926, p. 05), o contexto extraverbal do enunciado diz respeito a três fatores: 1) “o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível [...]), 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua avaliação comum dessa situação”. Os interlocutores, então, quando engajados na interação verbal, analisam os elementos da situação que é colocada, organizam-nos e, por fim, estabelecem conclusões avaliativas desta mesma situação. Destarte, os interlocutores atuam como co-participantes da interação verbal, dotados do conhecimento compartilhado e cúmplices na avaliação plena da situação, o que põe em xeque a capacidade de o princípio da imanência dar conta do linguístico. Consequentemente, “o enunciado [...] depende de seu complemento real, material, para um e o mesmo segmento da existência e dá a esse material expressão ideológica e posterior desenvolvimento ideológico comuns⁴⁴”.

Tais colocações evidenciam que a situação extraverbal está longe de ser um mero pano de fundo do discurso verbal. Ela é constitutiva do enunciado concreto, sendo integrando a ele indissolivelmente para o advento da significação. Nesse diapasão,

⁴³ Ibid. p. 04 Id.

⁴⁴ Ibid. p. 05 Id.

conforme endossam os autores, um enunciado concreto dotado de sentido apresenta uma configuração *bipartite*: ele é composto por palavras e implícitos. A parte presumida – e não linguística – do enunciado é fundamental para que ele seja inteligível. Vale dizer que isso reforça a teoria dialógica, uma vez que “o ‘eu’ pode realizar-se verbalmente apenas sobre a base do ‘nós’” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 06). Conforme os autores, a conexão indissolúvel entre os enunciados concretos e o contexto extraverbal presumível consiste na característica mais indelével do discurso na vida. Sem esta conexão, os enunciados tornam-se ininteligíveis.

No tocante ao contexto extraverbal e sua relação com o enunciado concreto, a participação do que os autores chamam de julgamentos de valor é digna de nota. Além de organizar a interação verbal, eles vêm, por assim dizer, atrelados à nossa visão de tudo o que nos cerca na vida, de modo que um julgamento de valor determina o que será dito e a forma de dizê-lo. É tamanha a influência do julgamento nas nossas interações verbais, que

todos os fenômenos que nos cercam estão do mesmo modo fundidos com julgamentos de valor. Se um julgamento de valor é de fato condicionado pela existência de uma dada comunidade, ele se torna uma matéria de crença dogmática, alguma coisa tida como certa e não submetida à discussão. Ao contrário, sempre que um julgamento básico de valor é verbalizado e justificado, nós podemos estar certos de que ele já se tornou duvidoso, separou-se de seu referente, deixou de organizar a vida e, conseqüentemente, perdeu sua conexão com as condições existenciais do grupo dado (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 06).

Quando é realizada diante do discurso oral, a entoação ganha destaque como um importante fator ligado ao contexto extraverbal. Os autores apontam que a entoação, assim como o gesto, possui uma natureza eminentemente social, em virtude de que ela atua como um elo entre locutor e interlocutor, para que os julgamentos de valor possam atuar e viabilizar, na junção entre enunciado concreto e contexto extraverbal, a compreensão do dito. Se, por exemplo, uma mãe diz para seu filho “Muito bem!”, é necessário avaliar, primeiramente, qual o tom que este enunciado apresenta, por exemplo: aprovação ou reproche?

É evidente que apenas a matéria linguística não dá conta desta avaliação. A entoação e os gestos da mãe, nesse caso, além dos detalhes da ação empreendida pelo filho em questão, são fundamentais para que o interlocutor saiba o que está

acontecendo, no caso, um elogio ou uma repreensão. Por este motivo, Volochinov/Bakhtin (1926, p. 07) consideram que “[...] a entoação é social por excelência. Ela é especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante”. Os julgamentos de valor, por sua vez, são responsáveis também pela entoação e pelo gesto: se um falante, a título de ilustração, sente que o que tem a dizer pode desagradar seu interlocutor, procura uma entoação mais suave, vacilante até, para verbalizar suas intenções, além de ser comedido em seus gestos, evitando, por exemplo, movimentar demasiadamente as mãos enquanto fala. Isto pressupõe que

[...] a entoação e o gesto são ativos e objetivos por tendência. Eles não apenas expressam o estado mental passivo do falante, mas também sempre se impregnam de uma relação forte e viva com o mundo externo e com o meio social – inimigos, amigos, aliados [...]. É precisamente este aspecto objetivo e sociológico da entoação e do gesto – e não subjetivo ou psicológico – que deveria interessar os teóricos das diferentes artes, uma vez que é aqui que residem as forças da arte responsáveis pela criatividade estética e que criam e organizam a forma artística (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 08).

Os autores registram que a entoação só é inteligível a partir do momento em que ela estabelece uma orientação social dupla: é dirigida ao interlocutor, que pode atuar como aliado ou testemunha, e também ao objeto do enunciado, que passa a operar como um partícipe vivo da interação verbal, um terceiro participante do discurso. Mediante tais considerações, os autores chegam à conclusão de que todos os enunciados concretos atendem a esta mesma orientação social dupla.

Em virtude de o discurso verbal ser um evento social, finalmente é constatada uma configuração tripartite da locução, seja ela realizada oralmente ou por escrito. Salvo se esta locução for composta por palavras em estado de dicionário, ela será viabilizada pela atuação social de três participantes: “[...] o *falante* (autor), o *interlocutor* (leitor) e o *tópico* (o que ou o quem) *da fala* (o herói)⁴⁵”. Mediante essas colocações, concordamos com os autores, no sentido de que qualquer análise linguística, quer envolva enunciados artísticos ou não, a exemplo da reportagem escrita, só encontra pertinência considerando o processo de atuação social entre os participantes da interação verbal. Caso contrário, teremos apenas uma abstração. Logo, podemos perceber que, ao contrário do que comumente pensamos, o discurso não é algo que simplesmente existe na vida: ele é perpassado por ela. Visceralmente. Sendo assim,

⁴⁵ Ibid. p. 09 Id.

a enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único. Finalmente, o enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre eles (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 09).

O discurso verbal, no decurso desse pensamento, representa a relação mútua entre os interlocutores no palco social. Cada um deles assume o seu papel perante a enunciação, partindo da compreensão que temos do papel a ser desempenhado por cada um de seus partícipes. Volochinov/Bakhtin (1926) criticam a Linguística neste ponto, por esta considerar apenas a perspectiva da língua, composta por palavras abstratamente organizadas de modo a constituir uma estrutura fonológica e morfossintática passível de análise. A ciência da linguagem, na ótica dos autores, perderia de vista aspectos fundamentais do discurso, tais como o atravessamento ideológico e as possibilidades estéticas que, embora brotem da estrutura, estão a serviço de relações semântico-pragmáticas inacessíveis ao olhar do núcleo duro da Linguística e mesmo da estética formalista em vigor no início do século XX.

O próximo questionamento feito pelos autores está assentado na diferença existente entre um enunciado verbal da vida cotidiana e um enunciado verbal artístico. A primeira diferença que desponta é a maior liberdade do enunciado artístico com relação ao contexto extraverbal. O discurso na arte seria convocado a atender a uma exigência maior: no âmbito da representação verbal, “nada pode ser deixado não dito numa obra poética do ponto de vista pragmático-referencial” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 10). É um equívoco pensar que o discurso poético seria apartado do contexto da vida, com seus julgamentos de valor oriundos da contextura social. Ao contrário, ambos estão jungidos, indissolivelmente enredados um no outro. A tal ponto que,

na literatura, julgamentos de valor presumidos têm um papel de particular importância. Poderíamos dizer que uma obra poética é um poderoso condensador de avaliações sociais não articuladas – cada palavra está saturada delas. São essas avaliações sociais que organizam a forma como sua expressão direta (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 10).

A própria seleção lexical empreendida pelo criador sofre influência desses julgamentos de valor. De igual modo, o ouvinte/leitor também experimenta, no

exercício de recepção, o alcance sub-reptício desta injunção avaliativa. Os enunciados que o poeta escolhe para compor a sua obra não estão em estado de dicionário: eles são tomados de empréstimo da própria vida, quentes e pulsantes, carreando os julgamentos de valor da esfera de atuação humana de onde são oriundos. Volochinov/Bakhtin (1926), assim, desconstróem a visão melancólica do escritor ou poeta que produz, na solidão do ato criativo, a sua obra. Isto porque “*ouvinte e herói são participantes constantes do evento criativo*”⁴⁶, configurando uma comunicação ativa e dinâmica envolvendo os três partícipes da enunciação: o autor, o leitor/ouvinte e o herói, ou objeto do enunciado. Para nós, do mesmo modo ocorre com a reportagem escrita, já que são necessários estes três partícipes da enunciação para sua realização, sendo a língua concebida como um processo interativo entre sujeitos articulados socialmente, como registraram Bakhtin/Volochinov (1981).

Os autores desferem um poderoso golpe na estética formalista, apegada à forma em detrimento do conteúdo em suas análises do discurso poético. De acordo com a concepção formalista, a forma seria o único objeto de estudo passível de análise, postura coerente com a tendência positivista da época. O conteúdo seria, na melhor das hipóteses, uma espécie de resíduo ou efeito colateral da forma. A perspectiva formalista, para eles, acarretaria, por parte da forma, a perda de seu caráter avaliativo, prestando-se apenas a causar prazer estético no leitor/ouvinte.

Na contramão da perspectiva formalista, Volochinov/Bakhtin (1926, p. 10) advogam que “[...] a forma é realizada com a ajuda do material – ela está fixada no material: mas, em virtude de sua significação, ela ultrapassa o material. *O significado, a significação da forma tem relação não com o material, mas com o conteúdo*”. Desta feita, o criador, mediado pela forma artística, é investido de uma postura ativa com relação ao conteúdo. A forma, por sua vez, não teria o compromisso de ser sempre bela do ponto de vista estético, mas de ser “[...] uma *avaliação convincente do conteúdo*”⁴⁷, inclusive do ponto de vista ideológico. Para os autores, a forma é hierárquica, devendo haver um equilíbrio hierárquico-avaliativo entre ela e o conteúdo.

Conforme podemos pontuar a partir da discussão empreendida por Volochinov/Bakhtin (1926), o estético é situado como uma variedade da vida em sociedade. O discurso, seja na vida ou na arte, está enraizado no social, atravessado por

⁴⁶ Ibid. p. 10 Id.

⁴⁷ Ibid. p. 10 Id.

ele, demandando, por conseguinte, um estudo capaz de articular forma e conteúdo, estrutura e acontecimento, no afã de elucidar as sinuosidades da linguagem humana.

Marchezan (2006) verifica que, nos estudos do Círculo de Bakhtin, a teoria tem como carro chefe alguns ditames; entre eles, a dialogia na linguagem. Por isso, o diálogo é concebido como um conceito chave na teoria bakhtiniana. Seguindo esse pensamento, constatamos que o diálogo está inter-relacionado a dois domínios de reflexão: a comunicação e a linguagem. Para a autora, considerando o trabalho até certo ponto ingrato concernente à definição desses dois domínios nas discussões bakhtinianas, é mais proveitoso escolher um fio condutor e tentar segui-lo, no intuito de haver uma amostra com relevância. Assim, é justamente na linguagem, verificando a sua especificidade dialógica, que o diálogo é aludido como uma amostra conveniente, um conceito que tanto norteia como organiza a reflexão.

Bakhtin (2003) afirma que o diálogo é, então, a alternância que ocorre entre enunciados plenos, entre possíveis acabamentos, assim como entre sujeitos do discurso, ou até mesmo entre posicionamentos que divergem entre si. Ele afirma que o diálogo representa, através de seu caráter simples, uma maneira clássica específica da comunicação verbal. Por conseguinte, as réplicas, observando sua brevidade e possíveis fragmentações, têm um acabamento que traz à tona a posição do locutor, podendo haver respostas no tocante a tal réplica.

Conforme Marchezan (2006), a teoria bakhtiniana permite reconhecer a reciprocidade existente entre o eu e outro, presentificada nas réplicas do diálogo, nos enunciados concretos, mostrando “o verdadeiro diálogo, o diálogo ‘real’, concreto, não aquele que já se fez letra morta, decorada mecanicamente, repetida sem razão, sem vontade” (MARCHEZAN, 2006, p. 117). Nessa perspectiva, o diálogo e o enunciado pleno são conceitos que apresentam interdependência. Os enunciados do falante são formas acabadas, possibilitando a materialização do enunciado do outro como uma resposta. Já a réplica é apresentada como relativamente acabada, uma vez que é de um diálogo social visto como mais ampliado, mostrando dinamicidade; por outro lado, sendo de uma temporalidade mais alongada. Focando dessa forma o diálogo, para a autora, não é uma tarefa impossível verificar a extensão do conceito para a linguagem em âmbito geral. O próprio Bakhtin (2003) afirma que o diálogo, vislumbrando seu sentido estrito, configura uma das maneiras de maior importância em relação à interação

verbal. Assim, é necessário compreender o conceito de diálogo e aplicá-lo para o entendimento da linguagem enquanto um todo.

Segundo Marchezan (2006), a teoria bakhtiniana possibilita a união entre sujeito, tempo e espaço. No entanto, contrapondo as outras concepções, deixa emergir a constituição de três âmbitos: histórico, social e cultural. Na concepção de Bakhtin (2003), a relação existente entre as réplicas de diálogo, como, por exemplo, o debate científico, a conversa íntima etc., possibilita o aspecto externo mais tênue referente à relação dialógica. Por outro lado, notamos que a relação dialógica, em hipótese alguma, apresenta coincidência com aquela relação existente entre as referidas réplicas de diálogo, posto ser mais longa, diversificada e complexa.

Segundo Volochinov/Bakhtin (1926), um enunciado concreto não é afetado pela vida de fora e, sim, de dentro, sendo, portanto, influenciado por ela. Nesse sentido, a enunciação está no limiar entre a própria vida e o aspecto verbal referente ao enunciado. Ela, de certa forma, serve para transferir energia existente em uma situação da vida para o discurso verbal, fornecendo a algo linguisticamente considerado estável a sua fase histórica viva, possibilitando uma espécie de caráter unívoco. O enunciado configura a interação social realizada através do falante, do ouvinte e do herói, sendo materializado como produto. Além disso, apresenta, na materialização verbal, a fixação relativa a um momento de comunicação verbal real entre os sujeitos do discurso.

Na visão de Marchezan (2006), à luz das considerações discutidas por Voloshinov/Bakhtin (1926), existe entre os sujeitos do diálogo, considerando a vida e a arte, uma parte que não é focada, a qual tem a compreensão sobre certos valores mútuos para aqueles que configuram uma sociedade específica. Para esta autora, “o diálogo na vida cotidiana não verbaliza o que foi presumido pelo evento que o integra” (MARCHEZAN, 2006, p. 120), a exemplo do âmbito contextual comum entre os falantes, a gesticulação, assim como a entoação. Ao passo que também não consegue reafirmar valores sociais aceitos. Imbuída por esses meandros teóricos, conclui que há uma relação de mutualidade entre a significação do diálogo e a situação, pois aquela é dependente desta, que, por outro lado, também o configura. Essa relação tão íntima deixa fluir a natureza social no tocante ao diálogo, contribuindo para a compreensão da linguagem em geral.

Segundo Barros (2005), é necessário observar que, por ser dialógica a perspectiva bakhtiniana sobre linguagem e a ciência humana apresentar tanto o método

quanto o objeto como dialógicos, é conveniente notar que as considerações sobre o homem e a vida também são perpassadas pelo princípio da dialogia. Com isso, observamos que “a alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para a sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Em síntese, diz o autor, ‘a vida é dialógica por natureza’” (BARROS, 2005, p. 28).

Volochinov⁴⁸ (1930), assumindo um tom sociológico e crítico, demarcando a sua visão marxista acerca da linguagem, empreende uma das discussões mais fundamentais do âmbito da filosofia da linguagem, que diz respeito à natureza social desta atividade. Percebemos claramente a postura questionadora do autor, no sentido de propor a construção de um conhecimento novo acerca da enunciação, pautado no princípio de que a natureza da linguagem é essencialmente dialógica: cada palavra é passível de suscitar a réplica, o embate de ideias, a possibilidade de resposta. As interações verbais, portanto, são fundamentalmente trocas linguísticas e extralinguísticas que ocorrem em sociedade, perpassadas pela História e pelo simbólico.

Partindo do princípio dialógico, Volochinov (1930, p.01) estabelece que a linguagem é instituída como “[...] um fenômeno biface: todo enunciado exige, para que se realize, a presença simultânea de um locutor e de um ouvinte”. Podemos depreender de tal premissa que todo gesto de tomada da palavra é realizado sempre de um locutor para um interlocutor, mesmo que este não esteja fisicamente presente. Em outras palavras, não há razão de ser para a linguagem que não passe pela interação entre sujeitos socialmente constituídos, posto que a linguagem seja dirigida sempre para o Outro.

Com vistas a estabelecer uma definição de linguagem, o referido autor, primeiramente, buscou estabelecer o que ela não é. Volochinov (1930) recusa a noção de linguagem como algo estanque, fixo e encerrado no dispositivo sintático. Com esta postura, ele marca a sua posição discordante com relação à concepção tradicionalista de linguagem, oriunda especialmente do formalismo russo, que a sobrepõe à sintaxe, restringindo o fenômeno à existência e ao funcionamento de regras de ordem puramente

⁴⁸ Aqui, temos ciência da polêmica existente com relação à autoria de alguns trabalhos creditados ao chamado Círculo de Bakhtin no período entre 1926 e 1930. Contudo, optamos por não questionar a autoria de *Estrutura do enunciado* como sendo de Volochinov, entendendo como improvável que Bakhtin tenha sido o líder absoluto de uma intensa produção científica, o que certamente poria em xeque a autonomia intelectual dos demais autores envolvidos, nesse lapso de tempo, com a formulação dos conceitos de dialogia e gênero.

estrutural, indo de encontro à visão imanente da linguagem como uma forma que se basta a si mesma.

O olhar aguçado do autor recai sobre o caráter dinâmico da linguagem, creditado ao componente humano e sociológico que lhe confere tessitura: a dialogia. A linguagem é concebida como uma atividade desenvolvida por pessoas interagindo na arena social. Quando reduzida à análise do dispositivo sintático, apenas é semelhante a um exercício de dissecação cadavérica, posto ser a interação verbal entre locutor e interlocutor a *anima* da linguagem. Para o autor, os diferentes tipos de enunciados encontram sua gênese precisamente no seio desta interação, tão diversa e multifacetada quanto a própria sociedade. Isto porque, segundo Volochinov (1930, p. 01),

[...] a linguagem não é alguma coisa de imóvel, fornecida de uma vez por todas, e rigorosamente determinada em suas “regras” e em suas “exceções” gramaticais. Ela é um produto da vida social, a qual não é fixa e nem petrificada: a linguagem encontra-se em um perpétuo devir e seu desenvolvimento segue a evolução da vida social. A progressão da linguagem se concretiza na relação social de comunicação que cada homem mantém com seus semelhantes – relação que não existe apenas no nível de produção, mas também no nível do *discurso*⁴⁹. É na comunicação verbal, como um dos elementos do vasto conjunto formado pelas relações de comunicação social, que se elaboram os diferentes tipos de enunciados, correspondendo, cada um deles, a um diferente tipo de comunicação social (Grifo do autor).

A ideia de que a linguagem é constituída em um eterno devir potencializa a premissa inicial de ela ser uma atividade dinâmica e flexível, tanto ao fenômeno da significação quanto às injunções históricas, sociais e discursivas. A referida atividade, portanto, seria um construto sintático-semântico a serviço do diálogo perpétuo entre os sujeitos sociais, constituído ao sabor das demandas das diversas esferas de atuação humana mediadas pela linguagem. Destarte, qualquer enunciado, por mais que atenda ao efeito de “produto” pronto e acabado de um esforço intelectual ou mesmo do cumprimento de uma tarefa cotidiana aparentemente simples, como produzir uma reportagem escrita na rotina de uma Redação Jornalística, sinaliza, na verdade, o processo dessa produção, só podendo ser considerado, para Volochinov (1930, p. 01), como “um ‘momento’, uma simples gota no rio da comunicação verbal [...]”.

O autor assevera que a comunicação verbal constitui apenas um dos aspectos possíveis do discurso. Assim, para ele, seria totalmente infrutífero buscar delimitar uma

⁴⁹ Este, bem como todos os demais grifos que aparecem nas citações, são de responsabilidade do autor.

tipologia dos enunciados, mediante a perspectiva que remonta a um estudo da linguagem muito mais adequado a um exercício de taxonomia do que propriamente a uma atividade de caráter discursivo. Então, o único fator capaz de conferir legitimidade a qualquer análise linguística de um enunciado seria a situação, isto é, as reais condições de produção mobilizadas para o vir-a-ser de um enunciado específico.

Percebemos, aqui, as reflexões de um autor que não está preocupado apenas com a matéria linguística, mas com elementos de natureza extralinguística, cuja força é exercida para além do verbal. Tal constatação liberta o enunciado das amarras da perspectiva imanentista, lançando o foco para uma manifestação linguística aparentemente prosaica, e talvez vista, especialmente pelos olhos da época, como indigna de uma abordagem científica: os enunciados da vida cotidiana. Tais reflexões levam Volochinov (1930) à proposição de que a interação verbal, entendida enquanto evento social, delimitaria a essência mesma da linguagem. Esta, por sua vez, estaria presente em um ou em vários enunciados, importando muito mais elucidar as bases fundantes do fenômeno do que buscar estabelecer tipologias estruturais para o enunciado. Na verdade, essa concepção representa um olhar *avant la lettre* com relação à forma de fazer análise linguística do início do século XX.

Nesse sentido, a linguagem não é resumida a um sistema imutável de regras, embora pressuponha uma forma. Volochinov (1930) afirma que as formas de linguagem mudam de acordo com a atuação de alguns fatores, tais como a dinâmica econômica da sociedade, o caráter da interação verbal em questão e o sistema linguístico. E escolhe ater à relação entre os dois últimos, mediados pela situação, definida por ele como sendo “a efetiva realização, na vida concreta, de uma determinada formação, de uma determinada variação da relação de comunicação social” (VOLOCHINOV, 1930, p. 02). Uma vez que toda situação pressupõe, necessariamente, a presença de sujeitos sociais, denominados pelo autor de atores ou interlocutores, o auditório de um dado enunciado é estabelecido pela presença de todos os atores sociais envolvidos em uma situação. A junção entre a situação e o auditório determina uma espécie de subtexto de caráter extraverbal, porém sub-repticiamente compreendido pelos interlocutores. Sem isto, a compreensão integral do enunciado seria virtualmente impossível.

Envoltos pela discussão realizada nesta seção, é conveniente, no tópico (1.2), seguindo Bakhtin/Volochinov (1981), discorrer sobre o tema e a significação linguística, já que nesta tese será mostrada a aglutinação e a desaglutinação sintático-

semântico-discursiva em reportagens impressas, fenômeno também correlacionado a esses dois conceitos.

1.2 Tema e significação linguística

Considerado como um dos mais complexos da Linguística, o problema da significação requer um estudo no propósito de solucioná-lo. Segundo Bakhtin/Volochinov (1981), um aporte teórico que esteja centrado em uma compreensão passiva é insuficiente para contemplar a significação no âmbito linguístico.

Para os autores, o tema diz respeito ao sentido completo da enunciação, sendo, indubitavelmente, único; senão, não seria possível defini-la. Em virtude disso, o tema da enunciação apresenta um tom individual e não reiterável, assim como a própria enunciação. A título de ilustração, a enunciação “que horas são”⁵⁰, portanto, comporta um sentido diferente cada vez que é realizada. Dessa forma, conforme Bakhtin/Volochinov (1981, p. 128),

conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes.

Nesse diapasão, o tema da enunciação é concebido em sua concretude, sendo tão concreto quanto o momento histórico a que ela está vinculada, uma vez que apenas em sua amplitude concreta, enquanto fenômeno histórico, apresenta um tema. “Por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 129). Ademais, no interior do tema, a enunciação é do mesmo modo investida de uma significação.

Em virtude dessa discussão, observamos que a diferença entre o tema e a significação fica mais nítida no momento em que é associada à problemática da

⁵⁰⁵⁰ Exemplo citado por Bakhtin/Volochinov (1981, p. 128).

compreensão. Os filólogos acreditavam que a compreensão fosse efetivada passivamente, exaurindo qualquer possibilidade de resposta. Refutando essa concepção, Bakhtin/Volochinov (1981) afirmam que qualquer compreensão precisa ser ativa, sendo necessário conter uma resposta. Somente compreendendo ativamente, é possível fazer a apreensão do tema. Em sintonia com essa assertiva, a compreensão da enunciação de outrem significa ter uma orientação quanto a ela, encontrando um lugar propício que esteja adequado ao contexto correspondente. O processo concernente à compreensão é visto como uma forma de diálogo, já que a cada palavra a ser entendida correspondem inúmeras outras nossas, construindo uma réplica, assim, “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 132).

Pelo exposto, notamos que o sentido não é inerente à palavra, ao falante nem ao interlocutor, sendo, então, o resultado produzido, na interação entre o locutor e o receptor, mediante o material de dado complexo sonoro. Quando não atentamos para o tema da enunciação, buscando precisar o sentido de certa palavra, observamos seu valor inferior, comumente estável e igual a si mesmo, isto é, o sentido dicionarizado da palavra.

Além disso, a inter-relação entre a apreciação e a significação é concebida como outro problema. Para os autores, observando a palavra utilizada na fala real, toda ela comporta o tema e a significação. Todavia, é imprescindível ainda haver um acento apreciativo, caso contrário, não existe palavra. Um dos níveis mais nítidos e superficiais referentes à apreciação social, que faz parte da palavra, é veiculado pela entoação expressiva. Inúmeras vezes, essa entoação expressiva é estabelecida através da situação imediata e por suas possíveis circunstâncias mais transitórias. “Em qualquer enunciação, por maior que seja amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 134).

Com efeito, as mudanças em relação à significação estão indubitavelmente associadas à apreciação. Estas ocorrem, na verdade, através de um processo de reavaliação, isto é, a permuta de uma palavra de uma situação apreciativa para outra. Diante disso, é fundamental considerar a apreciação social para ser possível entender como a evolução histórica do tema e da significação, que o produz, é efetivada. A língua evolui semanticamente e isso está relacionado à evolução apreciativa de um grupo social específico, bem como à evolução da apreciação, fato proporcionado pelo

alargamento da infraestrutura do setor econômico. E a expansão do horizonte da apreciação é realizada dialeticamente. Dessa sorte, “uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 136).

Assim, não existe nada na constituição do sentido que seja sobreposto à evolução, sendo apresentado como independente da expansão dialética no tocante ao âmbito social. Por isso, nesse bojo, nada pode continuar estático. A significação é incorporada ao tema, sendo desfragmentada através de suas contradições, no intuito de voltar sob a forma de uma significação outra, que possui estabilidade e identidade do mesmo modo efêmeras.

Por fim, notamos que, considerando o aspecto semântico de um elemento linguístico, incidem dois vieses investigativos: o tema (estágio superior) e a significação (estágio inferior). Aquele diz respeito ao sentido contextual de uma palavra, observando as condições de uma enunciação concreta. Enquanto a significação remete ao sentido dicionarizado da palavra, focando o sistema da língua. Nesta tese, observamos os dois estágios, buscando mostrar a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva⁵¹ nos verbos vistos pela Gramática Tradicional como intransitivos em reportagens impressas. A título de ilustração, analisamos a seguir como a aglutinação sintático-semântico-discursiva acontece no verbo *morrer* na reportagem *O valor maior de Angelina*⁵².

A reportagem⁵³ *O valor maior de Angelina* remonta a um assunto hoje bastante difundido, o câncer de mama. Com base no depoimento intitulado *Minha escolha médica*, da atriz Angelina Jolie, publicado pelo jornal americano *The New York Times*, o sujeito-enunciador discorre sobre o câncer de mama, apreciando a escolha feita por Angelina (submeter-se a uma dupla mastectomia), os perigos dessa doença, as formas de detectá-la e os tipos de tratamento. Além disso, apresenta depoimentos de outras mulheres falando sobre as lutas vivenciadas por elas após saberem que estavam com câncer de mama.

⁵¹ No terceiro capítulo, apresentamos a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, mostrando os elementos enunciativos que propiciam o aparecimento deste fenômeno.

⁵² ANEXO V.

⁵³ No segundo capítulo (tópico 2.2.1), a reportagem impressa será caracterizada, à luz de Bakhtin (2003) e Volochinov (1930), como um gênero discursivo secundário, sendo analisados o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo.

Um outro ponto discutido em *O valor maior de Angelina* diz respeito à morte da mãe da atriz que, na visão dela, lutou contra o câncer durante um tempo, vindo, no entanto, a falecer, em 2007, em decorrência da doença, como podemos perceber nos exemplos (2) e (3):

Ex. (2) [...] Sua mãe, Marcheline Bertrand, *morreu* em 2007, depois de uma década de luta contra tumores malignos na mama e nos ovários [...] (CUMINALE, 2013, p. 91. Grifo nosso).

Ex. (3) [...] Angelina e Marcheline Bertrand, em julho de 2001. A mãe da atriz *morreu* em 2007, depois de uma década de luta contra tumores malignos nas mamas e nos ovários. (CUMINALE, 2013, p. 92. Grifo nosso).

O câncer de mama é visto e valorado, no ponto de vista do sujeito-enunciador, como algo negativo, avassalador e, sobretudo, destrutivo para o ser humano, como vimos nos exemplos (2) e (3). Palavras como *luta*, *contra*, *tumores* e *malignos* evidenciam as dificuldades enfrentadas por Marcheline Bertrand após receber o diagnóstico da doença, dialogando com a condição daquelas mulheres que também vivenciam tal situação. E, neste contexto, tais palavras têm um acento apreciativo negativo, já que o resultado da batalha foi a morte dela.

Considerando o tema (o sentido completo da enunciação), observamos que a relação constitutiva entre a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade autorizou a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*. Isto é, o objeto *morte* veio aglutinado nele, não havendo a sua ocupação material no plano da sintaxe. Desta sorte, o sentido não é observado como arraigado à palavra, ao falante nem tampouco ao ouvinte, passando a ser o resultado produzido na interação entre o sujeito-enunciador e o interlocutor, como pontuam Bakhtin/Volochinov (1981).

A nosso ver, em *O valor maior de Angelina*, desaglutinar do verbo em análise o objeto *morte* não contribue para que o sujeito-interlocutor possa compreender ativamente a palavra *morreu*, opondo uma contrapalavra. À guisa de ilustração, escrever: “[...] Sua mãe, Marcheline Bertrand, *morreu morte* em 2007, depois de uma década de luta contra tumores malignos na mama e nos ovários [...]” (CUMINALE, 2013, p. 91). A reportagem impressa apresenta especificidades quanto ao seu estilo, entre elas: expressividade, valoração, linguagem formal, direta e concisa etc. Na sua

escrita, portanto, é necessário atender a tais particularidades, considerando o seu destinatário (leitor).

Desta maneira, em *O valor maior de Angelina*, verificamos que a linguagem não está jungida a um sistema fixo de regras, apesar de pressupor uma forma. Para Volochinov (1930), as formas de linguagem, por seu turno, são mudadas mediante fatores específicos, dentre eles, a interação verbal e o sistema linguístico, como discorremos no tópico (1.1). Segundo o autor, toda situação conjectura a presença de atores ou interlocutores (sujeitos sociais) específicos: o falante, o ouvinte e o tópico da fala, exemplificando com a obra de arte. Vale ressaltar que o auditório de um enunciado é estabelecido pela existência dos sujeitos sociais envolvidos na comunicação. Assim, na nossa concepção, a referida reportagem configurou a interação social efetuada entre o falante, o ouvinte e o tópico da fala, sendo materializada como produto.

Em nossa tese, por termos lançado mão do aporte teórico discutido neste capítulo e escolhido a reportagem impressa como *corpus*, é conveniente, no segundo capítulo, apresentar o conceito de gênero discursivo, defendido por Bakhtin (2003), dialogando com Volochinov (1930). Ademais, pelo fato de o gênero selecionado pertencer a uma esfera social específica (Jornalismo), é preciso ainda pontuar como a área de Comunicação Social o aborda e como os linguistas conceituam os gêneros jornalísticos.

CAPÍTULO 2: OS GÊNEROS DISCURSIVOS

O segundo capítulo foi dividido em duas seções. Na primeira, conforme Bakhtin (2003), foram apresentadas as diferenças entre os gêneros primário e secundário, ademais, foram discutidos o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo. *A posteriori*, suscitamos uma discussão sobre as discrepâncias entre oração e enunciado, no propósito de apresentar esse último como a real unidade da comunicação, dialogando com Volochinov (1930) e Brait (2005).

Na segunda seção, discutimos sobre o gênero discursivo reportagem impressa, subdividindo-a em dois tópicos. No primeiro, por ter sido a reportagem impressa selecionada por nós como *corpus*, ela foi caracterizada, à luz de Bakhtin (2003), Volochinov (1930) e Bakhtin/Volochinov (1981, 1926). Para tanto, em *Memórias que não se apagam*⁵⁴, discutimos o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo, observando a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*.

No tópico (2.2.2), mostramos como a área de Comunicação Social define a reportagem e como os linguistas concebem os gêneros jornalísticos. Isso foi necessário, visto que, segundo Bakhtin (2003), o gênero discursivo é produzido em uma esfera social que o particulariza, enquanto a reportagem impressa, por seu turno, nasce no Jornalismo. Como base teórica, recorreremos a Kindermann (2003); Martin-Lagardette (2010); Miranda e Santos (2010); Hernandez (2006); Borgato, Bertin e Marchezi (2007); Souza (2008); Martinez (2007), Bonini (2006), Cunha (2010) e Lopes-Rossi (2008).

2.1 O gênero do discurso sob a ótica bakhtiniana

A vida [...] não afeta um enunciado de fora; ela penetra e exerce influência num enunciado de dentro, enquanto unidade e comunhão da existência que circunda os falantes e comunhão de julgamentos de valor essencialmente sociais, nascendo deste todo sem o qual nenhum enunciado inteligível é possível. A enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida real para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único. Finalmente, o enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre ele.

Volochinov/Bakhtin

⁵⁴ ANEXO N.

Os diferentes campos no tocante à atividade humana, segundo Bakhtin (2003), estão associados ao uso da língua, sendo múltiplos o caráter e as formas de uso. A língua, por sua vez, é empregada a partir de enunciados concretos (orais e escritos), os quais apresentam unicidade. Além disso, tais enunciados são produzidos por partícipes de campos específicos da atividade humana. Os enunciados, então, propagam, através do conteúdo temático, do estilo e da composição, as condições específicas e as finalidades inerentes aos campos mencionados.

Os três elementos constitutivos dos gêneros do discurso, pelo viés bakhtiniano, são, portanto, o conteúdo temático, o estilo e a composição. Elementos esses que são eminentemente interligados no todo do enunciado; por outro lado, são caracterizados através das especificidades de cada campo da atividade humana referente à comunicação. Para Bakhtin (2003, p. 262), “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

A atividade humana é multiforme. Assim, os gêneros do discurso são diversos. Dessa forma, observamos que, em cada campo dessa atividade, há um vasto repertório de gêneros do discurso. À proporção que esses campos vão sendo desenvolvidos e ficam mais complexos, os gêneros do discurso vão emergindo. Nesse sentido, é pertinente pontuar aqui a necessidade de considerarmos a heterogeneidade desses gêneros (orais e escritos). Consoante afirmou Bakhtin (2003, p. 262),

[...] incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (salienta-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido de termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes).

Diante disto, podemos, grosso modo, achar que a heterogeneidade dos gêneros do discurso é tão ampla que não seria possível haver um plano único sobre seu estudo. A heterogeneidade funcional faria com que os traços gerais de tais gêneros fossem concebidos como vazios e abstratos. O próprio Bakhtin (2003) lembra-nos que isso provavelmente acontece, porquanto nunca foram observados os gêneros do discurso. Os

estudos estão voltados especificamente para os gêneros literários. Da Antiguidade aos dias atuais, os gêneros vinham sendo aludidos a partir de sua particularidade artístico-literária, focando as diferenças entre eles. Entretanto, não foram vistos como determinados tipos de enunciados, os quais são diferenciados de outros tipos, mantendo com eles uma natureza verbal (linguística) em comum. Logo, verificamos que as particularidades linguísticas gerais referentes ao enunciado e aos seus tipos praticamente não eram concebidas.

Destarte, não é possível apresentar de forma arrazoada a heterogeneidade dos gêneros do discurso e, sobretudo, a difícil tarefa em relação à definição da natureza geral do enunciado. Neste momento, é, portanto, imprescindível chamar a atenção para a diferenciação dos gêneros do discurso primário (simples) e secundário (complexo).

Envoltos pelos meandros teóricos relativos à teoria dos gêneros aqui discorrida, observamos que os gêneros do discurso são vistos como tipos de enunciados relativamente estáveis. Cada enunciado é, então, uma espécie de elo na cadeia complexamente direcionada por outros enunciados. A linguagem, por seu turno, é praticada a partir de tais gêneros, os quais estão subdivididos em primários e secundários. Aqueles são constituídos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea, sendo considerados como simples (a conversa íntima, familiar etc.). Já os gêneros secundários são constituídos em circunstâncias de comunicação verbal cultural (científica, artística etc.), sendo vistos como complexos e relativamente mais evoluídos. Como exemplo, citamos o romance e a palestra. Nesse sentido, registramos que há diferenças pontuais entre os gêneros primários e secundários. Nesse diapasão, a natureza do enunciado precisa ser estudada e definida, considerando a análise de ambas as modalidades.

A língua é materializada, segundo Bakhtin (2003), através de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos proferidos pelos indivíduos das esferas da comunicação verbal. Os gêneros do discurso, por conseguinte, são dados ao indivíduo e não criados por ele; por isso, têm um significado normativo. Em sua constituição, eles possuem forma, conteúdo temático e estilo, elementos indissociáveis para a sua composição. O enunciado, por sua vez, é concebido como a unidade efetiva da comunicação discursiva, diferentemente da palavra enquanto unidade da língua. Cada enunciado é observado como um fio condutor no fluxo complexamente organizado por outros enunciados.

Todo falante é, nesse sentido, aquele que responde em maior ou menor grau. Assim, o nosso dizer é uma reação-resposta a outros enunciados.

A compreensão é um ato ativo responsivo; por conseguinte, para Bakhtin (2003), compreender é digladiar a palavra do locutor com uma contrapalavra. Segundo Brait (2005), os preceitos discorridos por esse filósofo estão imbricados com a noção de diálogo, imprescindível para entender o aporte teórico defendido por ele.

Portanto, toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução etc. (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos do discurso dos falantes ou escreventes) (BAKHTIN, 2003, p. 271-272).

Assim, observamos que a compreensão do enunciado vivo é ativamente responsiva, mesmo tendo a possibilidade de haver diferenças no tocante ao grau desse ato ativo. Desta feita, a compreensão é repleta de respostas, podendo, em momentos diferentes, o ouvinte passar a ser o falante. A compreensão passiva daquilo que significa o discurso é concebida como uma fase abstrata anterior à compreensão ativa responsiva, que é atualizada a partir da resposta posterior em voz alta. Obviamente, não é obrigatório haver a resposta em voz alta do enunciado de imediato, após sua materialização.

A título de ilustração, o próprio Bakhtin (2003) cita como exemplo uma ordem militar. Nela, a compreensão ativa pode ocorrer concomitantemente à ação, ao passo que a ordem e seu cumprimento sejam aceitos em relação à execução. Todavia, há a possibilidade de compreender responsivamente de forma silenciosa; assim como ocorre com os gêneros líricos. É imprescindível pontuar que nesses casos há uma compreensão ativa com efeito retardado, isto é, em dado momento (mais cedo ou mais tarde), aquilo que foi ouvido, que foi compreendido ativamente, será respondido ou no comportamento do ouvinte ou em seus discursos posteriores. Os gêneros do discurso, em sua maioria, foram construídos para atender a esse tipo de compreensão ativo-responsiva.

Verificamos que o ouvinte, o qual é configurado nos esquemas das linguísticas gerais como parceiro do falante, mantendo uma compreensão passiva, não pode ser visto como o participante real da comunicação discursiva. O esquema, por assim dizer, representa só uma fase abstrata em relação ao ato pleno e real do compreender ativa e responsivamente, possibilitando a resposta, a qual tem como alvo o falante. Essa abstração científica, em si, é justificada, no entanto, à luz de uma especificidade, a saber: ser compreendida apenas como abstração, não podendo ser concebida como um fenômeno pleno e concreto da língua.

No uso impreciso e ambíguo referente aos termos “fala” e “fluxo de fala”, consoante registrou a teoria bakhtiniana, também prepondera o desconhecimento sobre o papel ativo do outro tanto no processo de comunicação discursiva como na tentativa de contorno referente a esse processo. Termos estes que precisariam ter o propósito de designar o que está submetido, apresentando uma divisão referente a unidades da língua, fônicas e significativas. A partir dessa discussão, observamos que a problemática inerente a tal indefinição terminológica e embaraço em relação a um ponto chave na concepção linguística diz respeito ao desconhecimento do enunciado, a real unidade de comunicação discursiva. Para Bakhtin (2013, p. 274), isto ocorre

porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em uma forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir.

Verificamos, portanto, que o discurso está unido a uma forma de enunciado relacionado a um sujeito do discurso específico, sendo praticado através dos gêneros (primários e secundários). Com isso, é materializado na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. À luz de Bakhtin (2003, p. 301-302),

na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas preciosas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. [...] Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações.

Logo, notamos que as enunciações podem ser diferentes, considerando características específicas; entre elas, o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo. Porém, estas possuem, enquanto unidade da comunicação discursiva, estruturas semelhantes, comportando limites que apresentam precisão. Tais limites necessitam ser observados, estudados e analisados.

Outro fator importante, para Bakhtin (2003), em relação ao enunciado diz respeito à alternância dos sujeitos do discurso. Essa prática, na perspectiva do autor, provoca a delimitação relativa aos limites dos enunciados concretos, as verdadeiras unidades de comunicação discursiva. São intrínsecos ao enunciado; dessa forma, um princípio e um fim absolutos. Notamos que há a existência, anterior ao seu início, de enunciados de outros. E, após o seu fim, há aqueles enunciados responsivos de outros, ou até mesmo o compreender silenciosamente do outro, bem como um ato responsivo ancorado na compreensão ativa. É possível afirmar que o falante, ao concluir seu enunciado, busca dar a palavra ao outro, ou deixa evadir a chance da compreensão ativa do outro.

Por ser de extrema importância para a compreensão da definição quanto aos gêneros do discurso, o enunciado é visto como um núcleo problemático que precisa ser examinado. A princípio, observamos que a questão do estilo, para o viés bakhtiniano, está indubitavelmente interligada ao enunciado e às formas típicas de enunciado, isto é, aos gêneros do discurso. Todo enunciado (oral, escrito, primário, secundário) é individual, podendo perfilar a individualidade do falante, ou daquele que o escreve. Assim, é possível haver um estilo individual. Entretanto, o estilo não é concebido como um objetivo específico do enunciado, mas um epifenômeno dele, isto é, como produto complementar. Assim sendo, “[...] integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento” (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Ao observarmos as diferentes esferas não literárias da língua nacional, é indubitável voltarmos para os gêneros do discurso manifestados nelas, registrando que são diferentes gêneros de conversação e diálogo. Verificamos que, havendo estilo, existirá indubitavelmente gênero. A mudança de um gênero discursivo para outro transforma o estilo nas especificidades do gênero que lhe é próprio. Logo, os estilos individuais e os da língua atendem aos gêneros do discurso.

No entanto, a questão metodológica de princípio e a geral relativa às relações recíprocas do léxico com a gramática e com a estilística também estão focadas no

mesmo problema citado pelo pensamento bakhtiniano quanto ao enunciado e aos gêneros do discurso. Embora a gramática seja diferente da estilística, os estudos referentes àquela não têm como marginalizar considerações estilísticas, havendo, até certo ponto, o esquecimento das barreiras fronteiriças entre gramática e estilística.

É pertinente pontuar que tanto a gramática como a estilística apresentam pontos semelhantes e diferentes sobre um fenômeno concreto de linguagem. Caso ele seja observado só enquanto sistema da língua, temos um fenômeno gramatical. Por outro lado, se for analisado no conjunto de um enunciado individual ou gênero do discurso, inegavelmente configura um fenômeno estilístico. Entretanto, essas duas possíveis abordagens do mesmo fenômeno concreto da língua não precisam ser vistas como algo impenetrável, ou simplesmente como uma substituição mecanizada de um pelo outro. É necessário observá-los como o alicerce do enunciado, sendo combinados organicamente.

Destarte, os estudos sobre a natureza do enunciado e dos gêneros do discurso são essenciais para ultrapassar as peculiaridades simplistas referentes ao discurso. Isto é, “do chamado ‘fluxo discursivo’, da comunicação etc., daquelas concepções que ainda dominam a nossa linguística” (BAKHTIN, 2003, p. 269). Por outro lado, conceber o enunciado enquanto a real unidade da língua possibilitará entender adequadamente a natureza das palavras e orações enquanto unidades da língua.

Há diferenças pontuais, à luz do construto teórico bakhtiniano, em relação a duas esferas significativas, a saber: o enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva e as unidades da língua (palavras e orações). Frisamos que essa questão é uma das mais complicadas e difíceis no âmbito linguístico. Todavia, o próprio Bakhtin (2003) teve a preocupação em pontuar um aspecto particular: estabelecer as diferenças entre essas duas unidades de análise diferentes.

A oração configura um pensamento parcialmente concluído, sendo inter-relacionada, no mesmo momento, a outros pensamentos do falante no todo de seu enunciado. Quando termina a oração, o falante pausa, no propósito de produzir o enunciado vindouro, dando seguimento ao fluxo conversacional. Outro ponto observado é que o contexto da oração diz respeito ao da fala do falante. Não mantém, destarte, uma correlação imediata com o extraverbal, nem tampouco com as enunciações proferidas por outros falantes.

A oração, apresentando um contexto extraverbal, configurará um enunciado pleno e acabado, dialogando com outros enunciados. Desta sorte, as pausas existentes entre as enunciações são eminentemente de natureza gramatical, por serem materializadas no real. Para Bakhtin (2003, p. 277),

[...] essas pausas reais – psicológicas ou suscitadas por essas ou aquelas circunstâncias externas – podem destruir também um enunciado; nos gêneros artístico-literários secundários, tais pausas são levadas em conta pelo artista, o diretor da cena, o ator, mas elas são diferentes por princípio tanto das pausas gramaticais quanto das estilísticas – por exemplo, entre os sintagmas – no interior do enunciado; depois delas espera-se uma resposta ou uma compreensão responsiva de outro falante.

Com isso, a mesma oração, ao ser transformada em um enunciado pleno, passa a apresentar um aspecto semântico específico. Assim, observando-a, é possível haver a ocupação de uma posição que possibilite uma resposta, sendo viável praticar o ato da concordância, da discordância, da execução, da avaliação, entre outros fatores. Adentrando no contexto, observamos que a oração é desprovida da capacidade de determinar a resposta, passando a possuir tal capacidade só no todo do enunciado. Essas especificidades são pertencentes ao enunciado e não à oração, aludindo à sua natureza.

A oração, particularizada como unidade da língua, não possui nenhuma das características suscitadas aqui. Em outras palavras, não há a delimitação, em ambos os lados, através da possibilidade de alternar os sujeitos do discurso. Por outro lado, não está relacionada no mesmo momento com a realidade (o extraverbal) nem tampouco é ligada de imediato aos enunciados alheios. Ela não é plena, considerando o aspecto semântico, nem é capaz de determinar, no mesmo momento, a resposta do outro falante envolvido no diálogo. “A oração enquanto unidade da língua tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade” (BAKHTIN, 2003, p. 278).

O viés bakhtiniano registra que há uma explicação para a frequente confusão entre a oração e o enunciado. Ela está centrada no fato de não existir uma teoria contundente em relação ao enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva, culminando em uma definição incompleta referente à oração e ao próprio enunciado. É necessário, diante do exposto, retornar ao diálogo real, considerado a forma mais tênue e clássica em relação à comunicação discursiva. Nessa situação, os falantes (sujeitos do discurso), no diálogo, alternam, determinando os limites referentes aos enunciados.

Embora sejam bem complexas, considerando a sua produção, sob a concepção bakhtiniana, as obras que representam os gêneros científicos e artísticos, observando todas as discrepâncias existentes entre elas e as réplicas do diálogo, materializam unidades da comunicação discursiva. Tanto uma como outra são fortemente marcadas pela alternância dos falantes (sujeitos do discurso).

Mediante o exposto, constatamos que tanto a obra quanto a réplica do diálogo estão propensas à resposta do outro, ocorrendo uma compreensão ativa da qual os sujeitos envolvidos no diálogo participam. Em virtude disso, podem ocorrer, através de maneiras diversas, algumas particularidades. Entre elas: influenciar no que diz respeito à educação dos leitores, vislumbrando suas convicções, possíveis respostas e influenciar supostos seguidores. Segundo Bakhtin (2003, p. 279), “a obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras – enunciados: com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem” [...]. A alternância dos falantes (sujeitos do discurso), a qual perfila o enunciado, é delimitada através dos outros enunciados relacionados a ele. Essa é, então, a primeira especificidade inerente ao enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva, diferenciando-o das unidades da língua (palavra e oração).

Segundo as premissas bakhtinianas, um fator imprescindível quanto ao enunciado é a conclusibilidade. Ela é um tipo de aspecto que configura internamente a alternância dos sujeitos do discurso, acontecendo pelo fato de o falante proferir ou escrever tudo o que deseja dizer em um momento específico, regido por condições específicas. Ao ouvir ou ver, é possível o falante perceber o final do enunciado, ou melhor, é como se escutasse a conclusibilidade do falante, a qual comporta certas características.

Quanto à conclusibilidade, podemos registrar ainda que ela é própria do enunciado e a alternância dos sujeitos do discurso delimita com precisão o enunciado nas inúmeras esferas da atividade humana, sendo de natureza diferente e materializada mediante formas específicas. Essa alternância é facilmente observada no diálogo real, pois aqui há a alternância das enunciações feitas pelos interlocutores, tidos como parceiros do diálogo (réplicas). Não obstante, as relações estabelecidas entre as réplicas do diálogo, tais como perguntas/respostas, afirmação/objeção, afirmação/concordância, proposta/aceitação etc., não são manifestadas entre palavras e orações.

Um dos critérios mais contundentes quanto à conclusibilidade do enunciado, para Bakhtin (2003), está relacionado à possibilidade de uma resposta a ele. Em outros termos, por existir referente a ele uma posição responsiva, como, por exemplo, o cumprimento de uma ordem. O autor percebe que, no nosso dia-a-dia, há outras situações as quais podem servir de alusão a essa questão, como a pergunta “Que horas são?”. Aqui, evidenciamos que existe a possibilidade de resposta, visto que, ao fazermos uma pergunta dessa estirpe, esperamos que o outro responda, dando continuidade ao diálogo. Além disso, pode haver outras situações, como um pedido qualquer, que o outro sujeito do discurso pode cumprir ou simplesmente negar; é possível existir a discordância ou concordância do discurso científico (completamente ou em uma de suas partes); o romance ficcional, o qual está suscetível de poder ser avaliado, considerando o seu todo etc.

À luz desses apontamentos, consideramos que, para haver resposta concernente a determinado enunciado, é necessário algum tipo de conclusibilidade. Assim, é incompleto observar o enunciado estritamente vislumbrando-o só no sentido da língua. A oração, enquanto unidade da língua, perceptível e acabada, se é apenas oração, não possui a atitude responsiva, inerente ao enunciado pleno. Segundo Bakhtin (2003, p. 281), a inteireza acabada do enunciado encontra sustentáculo em três fatores correlacionados ao todo do enunciado: “1) exauribilidade de objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais de gênero do acabamento”.

A exauribilidade semântico-objetual do tema do enunciado apresenta diversificação no que diz respeito às esferas da comunicação discursiva. É plausível que essa exauribilidade comporte plenitude em relação a algumas esferas sociais, a exemplo dos campos oficiais, das ordens militares etc. Ou melhor, em âmbitos nos quais os gêneros do discurso possuem naturalmente padronização, praticamente não sendo percebida a criatividade. Ao passo que, embora o objeto seja inexaurível, configurando o tema do enunciado, um trabalho científico, por exemplo, adquire certa conclusibilidade considerando algumas peculiaridades, isto é, envolto no campo da ideia que o autor definiu.

Diante desse contexto, é necessário, segundo Bakhtin (2003), discorrer sobre outro elemento, a intenção discursiva ou vontade discursiva do falante. Esta, por sua

vez, é aplicada e consegue ser adaptada ao gênero selecionado, possibilitando uma forma de gênero específica.

Para Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são disponibilizados para nós praticamente da mesma forma que nos é fornecida a língua materna. Língua esta com que temos contato e prática de uso livremente até o momento precípuo no concernente aos estudos teóricos gramaticais. É possível aprender a língua materna através das enunciações concretas escutadas e reproduzidas no bojo da comunicação discursiva que acontece com os sujeitos do discurso que estão ao nosso lado. As formas das línguas só são absorvidas nas formas relativas às enunciações. Em virtude disto, tanto os gêneros do discurso como as formas da língua nos são oferecidos em um conjunto e estão intimamente relacionados. A aprendizagem da fala é associada indubitavelmente ao ato de construir enunciados plenos, porquanto a comunicação é efetuada através de enunciados concretos e não mediante a difusão de orações e/ou palavras desconexas.

Os gêneros do discurso, consoante o ideário bakhtiniano, são responsáveis por apresentar particularidades referentes à organização do discurso, ao passo que também desempenham o papel de organizadores das formas gramaticais. Isto é desenvolvido praticamente da mesma forma, proporcionando a moldura do discurso em forma de um gênero peculiar. Considerando essas afirmações, o falante consegue aprender a emoldurar o discurso constituindo um gênero, posto que, ao ouvir o discurso do outro sujeito envolvido no diálogo, já no primeiro momento é possível advinhar o gênero. As formas referentes aos gêneros do discurso são diferentes em relação àquelas formas da língua no propósito de sua estabilidade e sua normatividade para o falante. Em outros termos, podemos registrar que elas apresentam indubitavelmente características como mais flexibilidade, plasticidade e, sobretudo, liberdade, o que não acontece com as formas da língua.

A diversidade dos gêneros do discurso sucessivamente é justificada pelo fato de eles serem diferentes, considerando alguns pormenores. Entre eles: a situação, a posição social e as relações sociais que visam à reciprocidade entre os sujeitos do discurso. Em consonância, percebemos que há a existência de gêneros que comportam estabilidade e coação, a título de ilustração, os oficiais. Entretanto, há aqueles que apresentam mais liberdade, possuindo um tanto mais de criatividade na comunicação discursiva oral, como os gêneros das conversas à mesa. Por fim, notamos ser necessário haver um bom domínio por parte do falante para usá-los livremente.

A relação existente entre o sujeito do discurso e os gêneros pode ser vista como gradativa. Isto é, quanto mais temos domínio sobre eles, mais conseguimos utilizá-los com liberdade. É possível perceber nos gêneros a nossa individualidade, sendo dadas ao falante não só as formas da língua nacional, mas também as formas de enunciado que são obrigatórias para ele. Ao compararmos os gêneros do discurso com as formas da língua, verificamos que eles comportam algumas especificidades, tais como a flexibilidade, a plasticidade etc. Os gêneros do discurso possuem uma característica imprescindível, a normatividade. Assim, não são construídos pelos falantes e, sim, oferecidos a eles. Um enunciado singular não pode ser visto como uma combinação livre no que diz respeito às formas da língua, conforme mensurou a teoria saussuriana. Aqui, o enunciado é vislumbrado como individual ao sistema da língua, concebida como um fenômeno eminentemente social e impositivo para o indivíduo.

Os apontamentos bakhtinianos afirmam que, ao escolher uma oração, não temos a preocupação só enquanto oração, visto que essa escolha visa ao enunciado inteiro, o qual está presente em nosso imaginário discursivo, determinando-a. A escolha do gênero do discurso, por outro lado, especifica quais são os tipos e, sobretudo, os vínculos no tocante à composição.

Verificamos ainda que a oração (unidade da língua) não ativa a posição responsiva do falante. Nesse caso, só há uma maneira que faz com que ela passe a possuir tal especificidade: ser transformada em um enunciado pleno. A oração pode, perfeitamente, virar um enunciado acabado caso elementos não gramaticais sejam atrelados a ela, havendo a modificação de sua natureza.

A oração desempenha seu sentido pleno no âmbito contextual (no enunciado inteiro). A resposta, por conseguinte, só ocorre em relação a esse enunciado, do qual ela é um elemento importante. Assim, “se nossa oração figura como enunciado acabado, ela adquire o seu sentido pleno em determinadas condições concretas de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 288). Dessa forma, a oração pode ser transformada em uma resposta àquilo que foi proferido pelo outro sujeito do discurso.

Conforme Bakhtin (2003, p. 289), “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido”. Então, os enunciados são particularizados mediante o conteúdo semântico-objetual. As tarefas do falante pautadas tanto no objeto como no discurso são responsáveis por determinar a escolha feita em relação aos meios linguísticos e aos

gêneros do discurso. O primeiro elemento no tocante ao enunciado é, portanto, quem determina suas especificidades estilístico-composicionais.

Para o autor, já o segundo elemento do enunciado, o expressivo, é responsável pela determinação referente à sua composição e a seu estilo. Essa expressividade é a relação subjetiva emocionalmente valorativa do sujeito do discurso com o conteúdo próprio do objeto e do sentido relativo ao enunciado pleno. Outra determinação ocorre a partir da relação valorativa do falante com o objeto específico de seu discurso, que é a escolha feita relativa aos aspectos gramaticais, lexicais e no que diz respeito à composição do enunciado. O aspecto expressivo também termina determinando o estilo individual do enunciado.

Assim, nem a língua enquanto sistema nem as palavras e orações comportam o elemento expressivo do discurso. A língua, nessa perspectiva, embora tenha inúmeros recursos linguísticos para mostrar a posição emocionalmente valorativa do falante, apresenta-os como neutros em relação à avaliação real determinada. O juízo de valor apenas é presentificado pelo sujeito do discurso no enunciado pleno. Desse modo, constatamos que as palavras por si só não valoram. E as orações, da mesma forma, são apresentadas como neutras e em si, não possuindo a expressividade, mas podendo fazer apropriação dela, de forma exclusiva, em um enunciado. A entonação expressiva é uma maneira de expressar a relação emocionalmente valorativa entre o sujeito do discurso e o objeto de sua fala, sendo considerada como um dos traços que constituem o enunciado pleno.

A palavra e a oração enquanto unidades da língua são desprovidas da entonação expressiva, já que, no sistema da língua, ela não é percebida. Por isso, verificamos que, caso uma palavra isolada seja proferida com entonação expressiva, esta não pode ser vista como palavra e, sim, como um enunciado concreto. Segundo Bakhtin (2003, p. 291),

quando escolhemos as palavras, partimos do conjunto projetado do enunciado, e esse conjunto que projetamos e criamos é sempre expressivo e é ele que irradia a sua expressão (ou melhor, a nossa expressão) a cada palavra que escolhemos; por assim dizer, contagia essa palavra com a expressão do conjunto. E escolhemos a palavra pelo significado que em si mesmo não é expressivo, mas pode ou não corresponder aos nossos objetivos expressivos em face de outras palavras, isto é, em face do conjunto do nosso enunciado.

Não são próprias da palavra enquanto unidade da língua, observando essas considerações, as especificidades inerentes ao enunciado pleno, dentre elas, o aspecto emotivo, os juízos de valor etc. A significação da palavra, quando não é correlacionada à realidade concreta, é eminentemente voltada para aquilo que está aquém das emoções. Seguindo as afirmações bakhtinianas, percebemos que essa problemática sobre a palavra não está exaurida, posto que outras questões precisem ser enfatizadas, entre elas, como é feita a escolha de uma palavra.

A escolha de uma palavra acontece no contexto em que o enunciado concreto é construído. Destarte, é viável registrar que tal palavra não é sempre retirada do sistema da língua considerando a sua forma neutra, lexicográfica. É como o sujeito do discurso tomar a palavra a partir de outros enunciados concretos, vislumbrando os aspectos constitutivos referentes ao gênero do discurso, como o conteúdo temático, o estilo e a composição. Por outro lado, focamos ainda a seleção das palavras consoante a sua particularização de gênero. Os gêneros do discurso são pensados como formas próprias do enunciado e não da língua, comportando especificidades que os caracterizam. Neles, as palavras passam a ter expressão típica. Tais gêneros, consequentemente, dizem respeito a situações específicas no bojo da comunicação discursiva, a temas diversos e a certos contatos relativos à significação das palavras com a realidade concreta.

Quanto à expressividade típica do gênero do discurso, salientamos ainda que ela não é própria das palavras (unidades da língua) nem tampouco é inerente à sua significação, sendo efetivada só mediante a relação existente entre a palavra, o seu sentido e os enunciados típicos. Nem a expressão típica nem a entonação típica referente ao enunciado têm a coercitividade que apresentam as formas da língua, mostrando um tipo de normatividade mais livre. Para Bakhtin (2003, p. 293),

essa expressividade típica (de gênero) pode ser vista como a ‘auréola estilística’ da palavra, mas essa auréola não pertence à palavra da língua como tal mas ao gênero em que dada palavra costuma funcionar, é o eco da totalidade de gênero que ecoa a palavra.

Envoltos por esses apontamentos, verificamos que, para o filósofo, as palavras são capazes de adentrar no discurso do falante através das enunciações individuais alheias, preservando, um pouco mais ou um pouco menos, particularidades dessas enunciações individuais. Embora as palavras referentes à língua não pertençam a

ninguém, só é possível escutá-las através de enunciações individuais. Isto também é aplicado à leitura, pois só conseguimos lê-las em obras individuais específicas.

Considerando as contribuições bakhtinianas, verificamos que a significação lexicográfica neutra no concernente à palavra enquanto unidade da língua possibilita a ela ser compreendida por todos os sujeitos do discurso envolvidos na comunicação. Todavia, o uso da palavra na comunicação discursiva tem um caráter individual-contextual. Seguindo esse viés, enfatizamos que toda palavra tem existência para o falante, observando três particularidades: como palavra (unidade da língua) neutra sem ser de ninguém; como palavra alheia pertencente aos outros; como a palavra do próprio falante.

Os falantes fomentam e desenvolvem a experiência discursiva individual interagindo constantemente com os enunciados individuais dos outros partícipes da comunicação discursiva. Até certo ponto, podemos afirmar que tal experiência está particularizada como um processo que tem como base a assimilação das palavras pertencentes aos outros. Com isso, constatamos que o discurso de qualquer falante é penetrado por enunciados dos outros. As palavras alheias possuem elementos próprios, como, por exemplo, a expressão, o tom valorativo, o qual é assimilado, reconstruído e, sobretudo, reacentuado por nós.

Na oração enquanto unidade da língua, como já foi pontuado precipuamente nessa tese, também não evidenciamos a expressividade. Ela tem um tipo de entonação gramatical; no entanto, não apresenta uma entonação expressiva. No todo do enunciado concreto, a oração passa a ter a entonação expressiva. Dessa forma, tanto o gênero do discurso como seu estilo e elementos composicionais são determinados mediante elemento semântico-objetal, bem como pela expressão.

Em relação ao enunciado, é necessário comentar ainda que há outro traço extremamente importante: o endereçamento ao outro. As palavras e orações (unidades da língua) são, portanto, impessoais e seu direcionamento remete a ninguém, enquanto o enunciado tem um autor e, conseqüentemente, um destinatário. Conforme Bakhtin (2003, p. 301),

esse destinatário pode ser um participante-locutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, (*sic*) etc.; ele também pode ser um outro

totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional).

Os diferentes campos da atividade humana são responsáveis pela determinação de todos esses tipos de destinatário. Os elementos composicionais e o estilo dos gêneros do discurso são dependentes, por consequência, de alguns fatores indispensáveis. Entre eles, o outro a quem o enunciado é destinado, a forma como o falante concebe e faz representação para ele sobre os possíveis destinatários e a influência desses destinatários para o enunciado. A partir disto, pressupomos que cada um dos diferentes campos referentes à comunicação discursiva comporta uma visão específica sobre os destinatários. Isto o determina enquanto gênero.

Volochinov (1930) registra que o enunciado é considerado como uma peça sociocomunicativa a serviço de uma determinada interação verbal. Observamos que tal enunciado atende a um comportamento linguístico investido de forma, conteúdo e estilo. Os gêneros discursivos são definidos pelo autor nos seguintes termos:

[...] cada um dos tipos de comunicação social [...] organiza, constrói e completa, de modo específico, a forma gramatical e estilística do enunciado, assim como a estrutura de onde ela se destaca. Nós daremos o nome de *gênero* a esta estrutura (VOLOCHINOV, 1930, p. 02).

Vale salientar, *a priori*, que, apesar do fato de que cada esfera de atuação humana demanda a constituição de gêneros a ela específicos, apenas podemos chegar a esse tipo de conclusão se considerarmos a situação da vida cotidiana em questão, pois a cada uma delas corresponde um auditório, o qual, através da interação verbal, erige um repertório de gêneros adequados tanto à situação quanto ao próprio auditório.

Conforme aponta Volochinov (1930), cada gesto de tomada da palavra pressupõe uma relação discursiva composta por dois momentos distintos: a enunciação e o enunciado. A primeira, atribuída ao locutor, é marcada pelo dizer, enquanto a segunda representa o produto desta ação, ou seja, o dito. O processo de compreensão, no entanto, não é realizado de forma passiva, conforme poderíamos esperar do construto teórico da Teoria da Comunicação. Ao contrário, o ouvinte desempenha o papel ativo de interlocutor, sendo engajado na enunciação, tendo em vista que todo enunciado dela resultante abriga a possibilidade da réplica, pois “[...] em condições normais, nós sempre estamos ou de acordo ou em desacordo com o que se diz; e nós trazemos, via de

regra, uma resposta a todo enunciado do nosso interlocutor [...]” (VOLOCHINOV, 1930, p. 04).

Desta feita, toda interação verbal assume a forma de diálogo, sendo esta “[...] a forma mais natural da linguagem⁵⁵”. Contudo, certos enunciados parecem desafiar essa premissa. Podemos indagar, por exemplo, o que de dialógico encontramos em um ator recitando um monólogo. A este respeito, Volochinov (1930) adverte que, embora haja enunciados que apresentam um caráter aparentemente monológico, como a jovem que escreve um registro em seu diário pessoal ou um conferencista ministrando uma palestra, a própria estrutura composicional e estilística destes enunciados denuncia a sua natureza dialógica. Não há, portanto, nenhum enunciado imune à pressuposição de um ouvinte, sempre investido de opinião e conhecimentos capazes de configurar uma resposta ao enunciado.

O autor estende o caráter dialógico da linguagem até mesmo para o discurso interno, aquele produzido no íntimo do ser, silenciosamente ou em voz alta, quando “pensamos alto”. E argumenta que até mesmo este discurso interno assume a forma de um diálogo interno, ou seja, voltamos para um auditório. Para Volochinov (1930, p. 05),

nós não hesitamos em afirmar categoricamente que os discursos mais íntimos, eles também, são inteiramente dialógicos: eles são atravessados pelas avaliações de um ouvinte virtual, de um auditório potencial, mesmo se a representação de tal auditório não aparece de forma clara no espírito do locutor.

Isto é explicado não apenas em função dos meandros da consciência humana, cuja razão de ser passa necessariamente pela sociedade, ou mesmo pela conjuntura psicológica do ser humano, mas pela forma de debate que o enunciado assume, mesmo quando somos, a um só tempo, locutor e interlocutor. Volochinov (1930), atento à cosmovisão marxista, assevera que este debate é atravessado pela nossa consciência de classe. Dito de outro modo, a classe social à qual pertencemos determina em grande parte o nosso entendimento das coisas, as nossas opiniões, o nosso ponto de vista pessoal. O autor parece falar, em termos mais contemporâneos, em atravessamento ideológico: mesmo no nível do discurso interno, este não é encontrado imune à ideologia.

⁵⁵ Id. p. 04.

O enunciado, portanto, é investido de uma orientação social. Nesse ínterim, o olhar de Volochinov (1930) agora foca a influência da dimensão hierárquica dos sujeitos na enunciação. Para ele, a mesma configuração estratificada da sociedade é reproduzida, em certo sentido, na interação: se, em sociedade, o poder é atribuído a quem dispõe de mais status, e se linguagem é uma forma de poder, em matéria de linguagem não podemos dizer tudo. O direito à palavra, ou mesmo o direito à relevância da palavra, é conferido a quem ocupa lugares sociais mais elevados do ponto de vista hierárquico. De acordo com tal raciocínio, Volochinov (1930, p. 07) pontua que

[...] todo discurso é um discurso dialógico orientado em direção a alguém que seja capaz de compreendê-lo e dar-lhe uma resposta, real ou virtual. Esta orientação em direção ao “outro”, em direção ao ouvinte, conduz necessariamente a se levar em conta a relação social e hierárquica que existe entre os interlocutores. [...] Nós propomos chamar de “*orientação social*” do enunciado esta *dependência do enunciado face ao peso hierárquico e social do auditório*⁵⁶ [...].

Assim sendo, o plano composicional e o estilo do enunciado são sensíveis ao que o autor denomina de orientação social. Quando falamos ou escrevemos, consideramos o perfil do nosso interlocutor, mesmo que ele seja virtual. A linguagem é adequada aos seus conhecimentos, lugar social, faixa etária, grau de instrução etc., da mesma forma que o fazemos com relação aos meandros da situação. O êxito da enunciação depende, pois, do grau de consciência do locutor para com a orientação social do enunciado.

Para além da orientação social do enunciado, ressalta a questão do sentido, pois todo enunciado precisa ser investido de conteúdo. Um enunciado que não faça sentido não é definido como uma interação verbal, pois não é capaz de engajar o interlocutor. Não passa de um amontoado de palavras sem unidade, o que nos leva à constatação de que o sentido é a condição *sine qua non* para atribuímos a um enunciado o seu estatuto. Isto porque só é possível atribuir uma resposta, seja ela real ou virtual, se o enunciado fizer sentido.

Toda língua natural possui palavras dotadas de inúmeros significados, os quais dependem da situação e do auditório para serem estabelecidos. Por este motivo, Volochinov (1930, p. 09) pontua que “todo enunciado parece, conseqüentemente, ser

⁵⁶ Grifo do autor.

constituído de duas partes: uma parte verbal e uma parte extraverbal”. Esta, muitas vezes, explica aquela. É exatamente esta a conformação bipartite do enunciado: o que não foi verbalizado foi insinuado pela situação, que inclui o gestual, a conjuntura dos acontecimentos envolvidos na consecução do enunciado, os interlocutores etc. Segundo Volochinov (1930, p. 10), “[...] é precisamente *a diferença das situações que determina a diferença de sentidos de uma única e mesma expressão verbal*⁵⁷”.

Outro elemento fundamental do enunciado é a forma. O conteúdo e o sentido precisam de uma conformação material para adquirir funcionalidade. O enunciado só é estabelecido, portanto, mediante sua expressão material. Como já foi assinalado anteriormente, o autor não está preocupado em elaborar tipologias para os enunciados, mas em estabelecer seu estatuto. No tocante à forma, vale investigar a moldura do enunciado, ou seja, os pressupostos que atribuem a tessitura da forma, quais sejam: a entonação, no caso de enunciados orais; a escolha e a disposição das palavras que o compõem. A inteligibilidade de um enunciado está fundamentalmente atrelada a esses três elementos, em consonância com a situação e o auditório.

A entonação serve de guia para o auditório. Para ilustrar este posicionamento, é através do tom de voz que é possível avaliar se o locutor está tranquilo, irritado ou sendo irônico. Desse modo, Volochinov (1930, p. 11) afirma que “[...] a entonação é a expressão fônica da avaliação social”. A escolha lexical, por sua vez, bem como a disposição das palavras no interior do enunciado, é imprescindível para marcar as motivações do locutor, sejam elas intencionais (conscientes) ou não. Este fator permite entrever que nenhuma escolha lexical é inocente, neutra, apartada do atravessamento ideológico do locutor. Como também é fato que as condições de legibilidade do enunciado passam necessariamente pelo quinhão de ideologia que compete ao auditório.

No que concerne ao componente estilístico do enunciado, vale ressaltar que este não corresponde meramente às idiossincrasias de uso da linguagem por parte do locutor. O estilo de um enunciado decorre não apenas da escolha lexical, mas, e principalmente, da disposição das palavras no interior do enunciado, configurando, assim, a sua construção global. Afinal, o encadeamento delas no âmbito do enunciado é imprescindível para a compreensão de seu conteúdo. Nesse aspecto, vemos o quão a linguagem não é a expressão do pensamento: não basta que as ideias sejam verbalizadas de forma clara e objetiva – por vezes, nem é este o propósito do locutor –, mas é vital

⁵⁷ Grifo do autor.

que o locutor seja capaz de fazer o interlocutor entendê-lo, mesmo em meio a implícitos, não-ditos e interditos.

Mediante o exposto, locutor e interlocutor são constituídos no ato da enunciação. Quanto à estrutura do enunciado, Volochinov (1930, p. 14) assinala que

a situação e o auditório determinam [...] a orientação social do enunciado e, obviamente, o sujeito da conversação. A orientação social, por sua vez, determina a entoação da voz e a gesticulação, que dependem, por seu turno, do sujeito da conversação, e onde encontram sua expressão tanto a relação do locutor com a situação dada e com o ouvinte, como a avaliação que o locutor faz destes dois últimos termos.

O autor denota que um enunciado é investido do que ele chama de originalidade estilística quando consegue mobilizar com êxito a situação e o auditório do enunciado, ressaltando, mais uma vez, a orientação social deste. Locutor e interlocutor estabelecem jogos de imagens no afã de “desvendar” o gesto de tomada da palavra. Tais imagens refletem o que ambos julgam saber um sobre o outro, sendo articulados para investir o enunciado de um princípio de interpretabilidade condizente com a enunciação. Desse modo, concluímos que, para Volochinov (1930), a enunciação não existe fora do momento vivido, uma vez que o ser humano possui uma natureza axiológica e perpassada por uma psicologia complexa, que só encontra termo no corpo social. Isto explica a inexistência de um interlocutor abstrato. O discurso é sempre orientado para o Outro.

Considerando a discussão tecida aqui, na seção (2.2), o gênero discursivo reportagem impressa é apresentado. No tópico (2.2.1), segundo Bakhtin (2003), Volochinov (1930) e Volochinov/Bakhtin (1926), em *Memórias que não se apagam*, discutimos o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo, observando a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*. Ao passo que, no tópico (2.2.2), mostramos como a área de Comunicação Social define a reportagem impressa.

2.2 O gênero discursivo reportagem impressa

2.2.1 Um olhar bakhtiniano

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicitários etc.)

surgem no convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente, o escrito) – artísticos, científico, sociopolítico etc.

Mikhail Bakhtin

Conforme discorrido no tópico anterior (2.1), observamos que, segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são subdivididos em primários e secundários. Aqueles fazem referência a certos tipos de diálogos orais, como, por exemplo, as conversas íntimas, de salão, familiares, entre outras. Já os secundários dizem respeito aos mais complexos, assim como os romances, as pesquisas científicas etc. Esses são construídos considerando as condições relativas a um convívio social completo, até certo ponto bastante desenvolvido, na maioria das vezes, o escrito. Observando o processo de sua elaboração, é possível notar que eles são capazes de incorporar e reelaborar muitos gêneros primários (simples), os quais são constituídos nas condições próprias da comunicação discursiva imediata.

Os gêneros do discurso são vistos, pelo filósofo em questão, como enunciados concretos relativamente estáveis e normativos. Eles são dados aos sujeitos do discurso e não construídos por eles; nesse sentido, observamos a normatividade. Os inúmeros campos da atividade humana estão interrelacionados ao uso da linguagem, possibilitando a existência de gêneros específicos. E a utilização da língua, por sua vez, é materializada a partir dos enunciados plenos (orais e escritos), construídos nas diferentes esferas sociais. Tais enunciados, conseqüentemente, refletem as condições inerentes a cada campo através de seu conteúdo temático, seu estilo e sua composição. O todo do enunciado completo está intimamente relacionado a esses três fatores.

Rodrigues (2005) afirma que os gêneros primários não são eminentemente orais e os secundários não são exclusivamente escritos. Para ela, muitos estudiosos, ao lançarem mão da teoria bakhtiniana, apresentam uma visão reducionista ou deturpam alguns conceitos por não contemplar a teoria adequadamente.

Nos campos relativos à atividade humana, constatamos, segundo Bakhtin (2003), que há gêneros do discurso diversos, os quais correspondem às condições próprias de tais campos. Podemos pressupor que esses gêneros refletem, de certa forma, as modificações ocorridas na vida social. Eles são transmissores de duas histórias, do social e da linguagem; assim, para haver comunicação nos diversos campos da atividade humana, é necessária a utilização dos gêneros do discurso. Por outro lado, os

enunciados plenos possuem uma forma padronizada e até certo ponto estável em relação a sua estruturação, considerando um todo; os falantes têm um leque diverso de gêneros do discurso, orais e escritos. Na verdade, eles são utilizados, na prática, com habilidade. Todavia, é possível sua existência teórica ser simplesmente ignorada pelo falante.

Os gêneros do discurso são construídos através de determinada função, bem como determinadas condições da comunicação discursiva, próprias de cada campo social. Para Bakhtin (2003), o enunciado indubitavelmente é uma unidade concreta própria da comunicação discursiva. Os gêneros do discurso, sucessivamente, supõem diferentes diretrizes quanto aos objetivos e projetos de discurso pertencentes aos falantes.

Na nossa concepção, seguindo Bakhtin (2003), a reportagem impressa é um gênero do discurso secundário, porquanto é construída no universo que visa às condições de convívio social mais completo, até certo ponto, desenvolvido e elaborado. Ademais, possui outra característica suscetível a esse gênero: ser escrita. Ao observar o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo, é possível constatar que ela, de fato, é um enunciado pleno, apresentando suas especificidades. A título de ilustração, apresentamos a análise sobre a reportagem intitulada *Memórias que não se apagam*⁵⁸, observando a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*.

Quanto ao conteúdo temático, observamos que a reportagem impressa é um gênero que busca informar, descrever e divulgar assuntos atuais sobre várias questões sociais, assim como a economia, a gastronomia, a estética, a política, as pessoas famosas, o esporte, a cultura, a medicina, os avanços tecnológicos, o meio ambiente, a criminalidade, a educação etc. Em *Memórias que não se apagam*, é trazido à tona um problema social seríssimo, o abuso sexual infantil, o qual pode ocorrer nas ruas e na própria casa das crianças.

Para as repórteres Gabriele Jimenez e Renata Betti, o abuso sexual infantil é uma prática antiga, pois desde a época dos faraós já era constatado. No entanto, há pouco a justiça abriu os olhos para a problemática em países diferentes, entre eles, os Estados Unidos, a Holanda e o Brasil. No ponto de vista dos sujeitos-enunciadores, por gerar profundos danos psicológicos nas crianças, é necessário um especialista para escutá-las no momento da denúncia, fato que nem sempre ocorre, bem como a exclusão social de seus agressores, os quais precisam ser punidos.

⁵⁸ ANEXO N.

Na visão dos enunciadores, aquele que abusa sexualmente da criança passa a ser visto como um agressor, assumindo, no lar, uma postura danosa com relação à família. E, perante a sociedade, um distúrbio psicológico. A reportagem em análise teve como ponto precípua a revelação da apresentadora Xuxa Meneghel, na época, com 49 anos, feita ao Fantástico, programa da Rede Globo, em 20 de maio de 2012. Segundo Xuxa, ela sofreu abusos sexuais até aos 13 anos por três agressores diferentes, um amigo da família, o noivo da avó e um professor. Outros depoimentos foram citados por pessoas⁵⁹ famosas que também foram acometidas por esse tipo de abuso, a saber: Claudia Jimenez, 53 anos; Vanessa Williams, 49 anos; Oprah Winfrey, 58 anos; Joana Maranhão, 25 anos; Aguinaldo Silva, 67 anos. Além disso, revelações de pessoas comuns também foram acrescentadas no texto em discussão, entre elas, crianças abusadas sexualmente e mães que tiveram filhos molestados: S.M., 39 anos; R.M., 8 anos; Maura de Oliveira, 46 anos; W.S., 16 anos e Andrea Teles.

Através das revelações citadas, observamos que todos foram unânimes quanto à forma de atuação do agressor. Isto é, no ponto de vista das vítimas, geralmente, em público, os pedófilos são pessoas atenciosas e carinhosas, agindo como seres humanos aparentemente normais que assumem seus papéis sociais atentos às regras de conduta. Todavia, em momentos pré-determinados por eles, passam a ser cruéis e agressivos, deixando aflorar descontroladamente impulsos sexuais patológicos por crianças indefesas. Geralmente, oscilam entre o abusar e o proteger, desempenhando essas duas funções com o intuito de não deixar pistas aparentes.

Na visão das repórteres, embora o distúrbio social em discussão seja mais denunciado por meninas enquanto vítimas, tendo como agressor um homem mais velho, também ocorre com meninos, os quais são mais tímidos para contar. Por outro lado, às vezes, a agressora é uma mulher. Porém, há poucas informações catalogadas sobre esse tipo de abuso sexual. Assim, a pedofilia passa a ser vista e valorada pelos sujeitos-enunciadores como algo extremamente errado e perigoso, roubando infâncias.

Os especialistas consultados na reportagem em análise comungam com o mesmo ponto de vista sobre o perfil do pedófilo, pontuando que este é, geralmente, uma pessoa próxima à família (amigo, vizinho) ou pertencente à própria família (avô, pai, tio, irmão, primo). E pode ter uma vida aparentemente normal no âmbito social. Na visão de

⁵⁹ Na época, elas tinham as referidas idades.

Antonio de Pádua Serafim⁶⁰, os pedófilos “são pessoas com predileção por praticar atos sexuais com crianças, mas podem levar uma vida paralela aparentemente comum” (GIMEMEZ; BETTI, 2012, p. 93). E, muitas vezes, não despertam nenhum tipo de suspeita, dificultando detectar o abuso.

A criança, por outro lado, no ponto de vista das repórteres, nem sempre consegue compreender a situação, sofrendo, inúmeras vezes, calada toda aquela agressão (física e psicológica). Algumas delas, por serem abusadas por anos seguidos, chegam a naturalizar o fato, não atentando mais para a dimensão do problema. Outras acham que são inferiores, feias, culpadas e merecedoras de toda a agressão. Ao revelarem o caso para algumas pessoas, com frequência não recebem apoio e passam a ser coibidas também por seu confidente. Confidente este que, às vezes, tenta convencê-la de que aquela situação de horror (o abuso sexual) é normal, precisando ser silenciada.

Nesse diapasão, Gabriele Jimenez e Renata Betti apresentam o depoimento de R.M., 8 anos, a qual afirma: “não gosto de lembrar daquela noite. Nunca mais quero ver o meu tio na minha frente, nunca mais⁶¹”, ficando nítido que aqui há uma rejeição por parte do sujeito-enunciador quanto à atitude do tio, que abusou da criança. Apesar de sua tenra idade, ela sentiu a sensação de estar ameaçada, ficando, portanto, com medo dele, a ponto de desejar excluí-lo de seu convívio, conforme evidenciam palavras como *nunca*, *tio*, *minha*, *frente*. A atitude dele passa a ser concebida e valorada pelo enunciador como algo repugnante e totalmente errado. Desta forma, observando o papel social exercido por um tio, caberia a ele protegê-la, dar carinho, atenção, cuidado e respeito, sendo o ato realizado por ele visto como uma espécie de inversão de valores sociais.

Os limites relativos aos enunciados são determinados através da alternância dos sujeitos. Assim, ao ler a reportagem em discussão, o interlocutor apresenta uma atitude responsiva, podendo refutá-la, ratificá-la, criticá-la, rejeitá-la etc. Qualquer leitor pode assumir uma dessas atitudes. Por exemplo, caso essa reportagem seja lida por um especialista (delegado, psicólogo, psiquiatra, médico, assistente social etc.), talvez este concorde sem reservas com o assunto discutido, ou faça isso com algumas ressalvas. Por outro lado, caso essa mesma reportagem seja lida por uma criança ou adulto que já tenham sido abusados sexualmente, pode gerar atitudes responsivas peculiares, entre

⁶⁰ Coordenador do Programa de Psiquiatria e Psicologia Forense da Universidade de São Paulo (USP).

⁶¹ Id. p. 91.

elas, indignação, repulsa, aceitação etc. No entanto, se for lida por um pedófilo, pode gerar outras atitudes responsivas, como ratificação, discordância, refutação, indignação, reconhecimento de que tem essa patologia etc. Com isso, podemos registrar que, segundo Bakhtin (2003), o sujeito é ativo. Assim, no tocante à sua compreensão sobre um enunciado, ele assume posição de respondente. Nesse diálogo, a sua posição social, seu conhecimento prévio e interesse sobre assunto, seu grau de envolvimento, sua intelectualidade etc. irão indubitavelmente influenciar a sua compreensão e a sua escolha lexical, caso materialize verbalmente a sua resposta.

Destarte, consoante nos afirmou o próprio Bakhtin (2003), o sentido passa a ser construído em um tipo de arena onde irão entrar em confronto, resultando da interação entre os sujeitos envolvidos na comunicação, como ocorreu na reportagem *Memórias que não se apagam*. Nesse bojo, temos os depoimentos de Maura de Oliveira, 43 anos e de W.S., 16 anos:

a) MAURA DE OLIVEIRA⁶² (“Não tinha como fugir”): “Aos seis anos, fui adotada por uma família de classe média alta do Rio de Janeiro. Até hoje me lembro, com nojo, do cheiro daquele que era para ser o meu pai. Tinha 60 anos e gostava de ficar me acariciando por cima da roupa. Eu tremia de medo, em silêncio. Aos 10 anos fui morar na casa de minha irmã adotiva, e o marido dela, um oficial do Exército, passou a me olhar do mesmo jeito. Toda noite, vinha ao meu quarto, nu, e tentava me agarrar. Eu corria para debaixo da cama, e ele a levantava. Não tinha como fugir. Meus seios começaram a crescer e eu amarrava um pano em volta deles, para escondê-los. Tinha medo de atrair ainda mais a atenção dele. Sofri abusos até aos 16 anos, quando consegui que o Juizado de Menores me tirasse daquela casa e me emancipasse. Custou para eu conseguir me relacionar de verdade com um homem” (GIMEMEZ; BETTI, 2012, p. 93).

b) W.S.⁶³ (“Minha vida virou um inferno”): “Eu tinha só 11 anos na primeira vez que meu avô me pegou na escola, me levou (*sic*) para a casa dele e agiu como um monstro. Forçava seu corpo contra o meu, e eu morria de dor e de medo. Meu avô falava para eu me acalmar, que aquilo era normal. Nos quatro anos seguintes, vivi um inferno. Ele me buscava no colégio, mentindo que íamos à igreja, mas o destino era a sua casa, onde me obrigava a fazer sexo. Eu me sentia inferior às outras crianças, feia, suja. Só entendi que aquilo era tudo realmente errado no dia em que vi uma mulher falando sobre o assunto na televisão. Conteí tudo a uma moça da igreja, que procurou minha família. Eles só acreditaram depois que fiz o exame médico, mas não quiseram se envolver. Fui sozinha à delegacia. Meu avô nunca mais me procurou. Às vezes o vejo de longe e sinto calafrios. Tenho ódio e pena” (GIMEMEZ; BETTI, 2012, p. 94).

⁶² Casada, dois filhos e autora de dois livros sobre abuso sexual.

⁶³ Estudante.

No ponto de vista de Maura de Oliveira, ela foi abusada durante anos seguidos, *a priori*, por aquele que deveria assumir o papel de seu pai adotivo. Em seguida, pelo esposo de sua irmã adotiva, sofrendo, por muito tempo, tacitamente. Através de palavras como *lembro, nojo, cheiro, pai* etc. é possível perceber os sentimentos e as emoções do sujeito-enunciador em relação ao tipo de abuso que ela sofreu durante dez anos, valorando-o negativamente. Essa visão dialoga com a daqueles que já vivenciaram este tipo de abuso sexual, a exemplo, W.S. Na concepção do enunciador, isso ia de encontro àquilo que seria esperado, no âmbito social, dos partícipes envolvidos no caso (o pai adotivo e o esposo da irmã adotiva). Isto é, ao ser adotada, ela pensou que seria amada, respeitada, educada, alimentada, instruída quanto à vida etc. Todavia, serviu de objeto sexual para pessoas próximas, contradizendo a postura adequada de tais indivíduos no convívio social. Além disso, notamos ainda que, para ela, por não haver outra saída, a única opção, por muito tempo, foi aceitar todos os abusos sofridos.

Por fim, constatamos que, na visão de W.S., ela também foi abusada por um membro da família (o avô), assim como Maura (o pai adotivo e o cunhado). Há, portanto, um diálogo entre os dois depoimentos, já que ambos remetem a situações similares; porém, com impressões e consequências específicas em cada depoente.

Por ser a reportagem impressa concebida como um elo materializado na cadeia da comunicação discursiva jornalística, não deve ser dissociada daqueles outros enunciados precedentes a ela, suscitando atitudes responsivas. No entanto, esse gênero não só está inter-relacionado a enunciados que o antecedem, mas também àqueles subsequentes da comunicação discursiva. *Memórias que não se apagam*, a nosso ver, foi construída considerando as atitudes responsivas do outro (o leitor). Então, podemos afirmar que o papel do outro, para quem esse gênero é construído, é indubitavelmente enorme.

Considerando Bakhtin (2003), percebemos um traço indispensável que constitui a reportagem em discussão: o seu direcionamento a alguém (destinatário). Gabriele Jimenez e Renata Betti, ao construí-la, concebem esse direcionamento, atentando para seu conteúdo temático, elementos composicionais e estilo, bem como para o campo social em que ocorre. Os destinatários aqui suscitados são determinados pelo campo referente à atividade humana a que a reportagem impressa *Memórias que não se apagam* está relacionada. Eles podem ser sujeitos do discurso interessados por questões sociais, atualidade, pedofilia, distúrbios mentais, direitos da criança, vida de pessoas

famosas e anônimas etc. As repórteres, ao escreverem essa reportagem, conseguiram perceber, representando para si, os outros (destinatários) dessa ação, e isso influenciou tanto a composição quanto o seu estilo. *Memórias que não se apagam*, por sua vez, é construída em um campo da comunicação discursiva peculiar, possuindo sua concepção típica de destinatário, condição que a especifica como gênero discursivo. A título de ilustração, há as dicas que são intituladas como “sinais de alerta” (JIMENEZ; BETTI, 2012, p. 92) concernentes às pistas deixadas através do comportamento de crianças que estão sofrendo abusos sexuais.

No boxe destinado a expor os “sinais de alerta”, Gabriele Jimenez e Renata Betti visivelmente tiveram preocupação com o destinatário (leitor), fato evidenciado através da forma como elas organizaram as informações, selecionaram as palavras etc. Isto é, utilizaram, tendo como base fontes oficiais, como o Programa de Atendimento e Pesquisa em Violência da Universidade Federal de São Paulo, uma linguagem formal, no entanto, de fácil entendimento, trazendo à tona o acento apreciativo. A título de exemplificação, podem ser citados os seguintes sinais de alerta: isolamento; comportamento erotizado; desenhos em que as figuras aparecem mutiladas ou com órgãos sexuais à mostra; medo sem motivo; insônia e pesadelos constantes; queda no rendimento escolar; distúrbios alimentares, da anorexia à obesidade; modo de agir de uma criança mais nova⁶⁴. Além disso, pela escolha das palavras, verificamos ainda que elas consideraram o leitor quanto ao grau de informações prévias, ao conhecimento sobre o assunto, à compreensão, ao interesse etc.

Em outros termos, as repórteres levaram em conta a percepção do seu discurso pelo destinatário, refletindo possivelmente sobre alguns fatores, a saber: a quantidade de informação que o outro tem sobre pedofilia, as convicções, o índice de valores sociais, as possíveis simpatias e antipatias etc. Todos esses elementos irão determinar a compreensão ativa do leitor em relação a esse gênero discursivo. Além do mais, determina ainda a seleção de seus elementos composicionais, assim como seus meios linguísticos, o estilo. Por falar sobre uma problemática social (pedofilia), *Mémórias que não se apagam* pode ser endereçada a grupos de leitores investidos dos mais diversos conhecimentos. Assim, ela poderia ter um viés científico, mais didático, instrucional etc., enfim, dependeria da relação dialógica entre as repórteres e o outro

⁶⁴ Id. p. 92.

(destinatário/leitor), percebendo as especificidades inerentes a esse momento. Para Bakhtin (2003, p. 305),

portanto, o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciados. As várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso.

A reportagem em discussão, para nós, também possui outra propriedade própria do enunciado pleno, a conclusibilidade; por isso, é caracterizada como tal. Ao lê-la, notamos que Gabriele Jimenez e Renata Betti escreveram aquilo que efetivamente almejavam naquele momento, arraigadas a condições peculiares. Desta maneira, ao ouvi-la ou lê-la, é perfeitamente possível notar o fim do enunciado concreto. Em outros termos, é possível perceber a conclusibilidade das repórteres quanto ao assunto pedofilia. Segundo Bakhtin (2003, p. 280),

a conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer porque o falante disse (ou escreve) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado, como se ouvíssemos o “dixi” conclusivo do falante.

A conclusibilidade é, por assim dizer, própria da reportagem *Memórias que não se apagam* e a alternância dos sujeitos do discurso delimita-a, considerando o campo da atividade humana em que foi construída (Jornalismo). Essa alternância é perceptível, no diálogo real, uma vez que aqui exista a alternância das enunciações realizadas pelos interlocutores (os leitores), vistos como parceiros do diálogo (réplicas). Um dos pontos centrais concernente à conclusibilidade dessa reportagem é a possibilidade de resposta a ela por parte dos leitores. Isto é, por haver em relação a ela uma posição responsiva dos leitores. Com isso, fica inviável observá-la estritamente só no sentido da língua, já que os enunciados enquanto unidades discursivas apresentam possibilidade de resposta por parte do outro. Segundo Bakhtin (2003, p. 297),

[...] o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso,

cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.

O estilo, na reportagem em questão, também é um fator necessário para compreendermos detidamente a sua natureza. À luz de Bakhtin (2003), a questão do estilo está eminentemente relacionada ao enunciado e às formas típicas de enunciado, ou melhor, aos gêneros discursivos. Qualquer enunciado (oral, escrito, primário, secundário) apresenta um caráter individual, sendo possível observar nessa reportagem a individualidade de Gabriele Jimenez e Renata Betti. Todavia, não são todos os gêneros do discurso que apresentam a mesma proporcionalidade quanto ao estilo individual do falante. Em virtude disso, registramos que, em diversos gêneros (exceto os artístico-literários), por exemplo, a nosso ver, na reportagem *Memórias que não se apagam*, o estilo individual é um epifenômeno, como considerou Bakhtin (2003).

Volochinov (1930) afirma que tanto o plano composicional quanto o estilo do enunciado são suscetíveis àquilo que o autor considera como orientação social. Nesse sentido, para nós, ao escrever a reportagem *Memórias que não se apagam*, Gabriele Jimenez e Renata Betti observaram o perfil do interlocutor (o leitor), atentando para a orientação social no tocante a esse gênero discursivo. A nosso ver, a linguagem utilizada por elas está adequada aos conhecimentos do interlocutor, lugar social, faixa etária e grau de instrução, fatores, segundo Volochinov (1930), imprescindíveis para a constituição dos enunciados. Nessa reportagem, a eficiência da enunciação é dependente do grau de consciência das repórteres em relação à orientação social dos enunciados utilizados.

Além da orientação social, todo enunciado é investido de sentido. Logo, não havendo sentido, é incoerente haver uma interação verbal, já que não é possível engajar o interlocutor. Na verdade, não passa de um aglomerado de palavras sem unidade. Isso nos possibilita concluir que o sentido é uma condição vital para o enunciado pleno. Até porque só podemos apresentar uma resposta, seja ela real ou virtual, caso o enunciado faça sentido. E, na nossa ótica, a reportagem *Memórias que não se apagam* indubitavelmente é investida de sentidos. Destarte, ao escrevê-la, Gabriele Jimenez e Renata Betti consideraram tanto a orientação social quanto o sentido, uma vez que este aspecto foi apresentado com a finalidade de ser compreendido responsivamente. Além do mais, através da escolha das palavras, observamos a expressividade, o tom

apreciativo, a valoração, a clareza das informações, a objetividade etc. Sem esses limiares, a interação verbal entre as repórteres e seus destinatários (leitores) ficaria truncada, podendo haver ruídos que comprometessem o diálogo.

O enunciado, à luz do próprio Volochinov (1930), tem ainda outro elemento essencial que diz respeito à forma. Nesse caso, tanto o conteúdo quanto o estilo necessitam ter uma conformação material, no propósito de adquirir funcionalidade. O enunciado só é constituído através de uma expressão material, o que ocorre, para nós, com a reportagem em foco. Gabriele Jimenez e Renata Betti não tiveram a preocupação de elaborar certas tipologias para os enunciados, mas em fomentar seu estatuto. Em relação à forma, é conveniente observar a moldura do enunciado, ou melhor, os atributos que atribuem a tessitura da forma, dentre eles, a escolha e a disposição das palavras que o constituem. A compreensão de um enunciado está essencialmente associada a esses elementos, considerando ainda a situação e o auditório. Para nós, ao escrever a reportagem em análise, as jornalistas efetivamente atentaram para a sua expressão material, sendo cuidadosas quanto à escolha e à disposição das palavras.

Segundo Bakhtin (2003), o enunciado comporta uma característica constitutiva, a dialogicidade. Ela permite que o gênero do discurso, a exemplo da reportagem *Memórias que não apagam*, não seja aludido simplesmente como um produto pronto, acabado e, sobretudo, fechado. Essa reportagem passa a ser vista considerando suas relações essenciais com o âmbito social, as leituras prévias realizadas pelo leitor sobre o assunto abordado, suas experiências vividas, os diálogos tecidos com as outras áreas do saber, isto é, com a interação incessante entre essas instâncias. A dialogicidade está imbricada também com o ato de ler e com o processo de produção textual, uma vez que, conforme verificou Souza (2010, p. 65), “o leitor ou escritor estabelece um diálogo com o texto, nesses dois processos”.

Por fim, reiteramos que a comunicação, segundo Volochinov/Bakhtin (1981), é concebida como um ato interativo, muito mais largo do que a mera transmissão de informações. Assim, a linguagem é uma interação social constante. A nosso ver, Gabriele Jimenez e Renata Betti, ao redigirem a reportagem *Memórias que não se apagam*, atribuíram a ela marcas intrínsecas da sociedade, seu convívio familiar, suas experiências, além de pressuposições sobre aquilo que o interlocutor (o leitor) gostaria ou não de ouvir ou ler, vislumbrando seu contexto social.

Observando os elementos composicionais e o estilo de *Memórias que não se apagam*, verificamos que as repórteres usaram o verbo *chorar* sem o complemento materializado no plano da sintaxe, havendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva, conforme ocorreu no exemplo (4):

Ex. (4) [...] Mesmo quando a justiça chega, o estrago já está feito. Na semana passada, a pequena R.M., de 8 anos, dava seu depoimento sobre a noite de terror que viveu ao lado do tio que a levava para um final de semana em Araruna, na Região dos Lagos Fluminense. Dormia⁶⁵ quando sentiu o pesado corpo sobre o seu, nu, ferindo-a. Já *chorou* muito, mas não espantou a tristeza: ‘Será que um dia vou apagar esse pesadelo de minha cabeça?’ Na grande maioria das vezes, as vítimas da violência só começam a tratar os danos psicológicos depois de adultas. Em geral, têm dificuldades de estabelecer relacionamentos e são inseguras [...] (JIMENEZ; BETTI, 2012, p. 96. Grifo nosso).

No decorrer da reportagem, Gabriele Jimenez e Renata Betti informaram-nos sobre o abuso sexual vivido por R.M., conforme discutimos. Na concepção das repórteres, a palavra *chorou* mostra os sentimentos e as emoções da menina frente à situação vivida, como vimos no exemplo (4). A atitude do tio foi considerada e valorada tanto pelas repórteres como por RM como uma ação errada e inadequada realizada por aquele que deveria ser um amigo, um cuidador e um protetor. Considerando o sentido completo da enunciação, notamos que o horizonte axiológico/valorativo e a expressividade permitiram o objeto *choro/lágrimas* ser aglutinado no verbo *chorar*, não tendo a sua ocupação no plano da sintaxe. Em outros termos, haver a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*.

Para nós, desaglutinar o objeto *choro/lágrimas* do verbo em análise não auxilia o sujeito-interlocutor compreender ativamente a palavra *chorou*, assumindo uma posição de respondente. Isto é, escrever “já *chorou choro/lágrimas* muito, mas não espantou a tristeza: ‘Será que um dia vou apagar esse pesadelo de minha cabeça?’” (JIMENEZ; BETTI, 2012, p. 96). Considerando Volochinov/Bakhtin (1926), a nosso ver, a reportagem em discussão representou a interação social existente entre o falante, o ouvinte e o tópico da fala, erigindo como produto. E a aglutinação sintático-semântico-discursiva é resultado desta dialogicidade.

⁶⁵ No quarto capítulo, analisaremos a aglutinação sintático-semântico-discursiva neste verbo.

Por fim, notamos que, por ser o gênero discursivo reportagem impressa produzido em uma esfera social específica (o Jornalismo), é necessário, ainda, no tópico (2.2.2), mostrar como a área de Comunicação Social o aborda.

2.2.2 Uma abordagem à luz da Comunicação Social

O repórter é um olho, um nariz e um ouvido inclinados sobre a caneta.

Lagardette

O gênero discursivo reportagem impressa, como foi dito anteriormente, pertence a um campo específico da atividade humana, o Jornalismo. Em virtude disto, achamos pertinente, nesta tese, tecer considerações sobre como a área de Comunicação Social o concebe. Para Bonini (2006), discorrer sobre os gêneros jornalísticos seria até certo ponto um ato complexo, porquanto os estudos na área de Comunicação são recentes, sem, no entanto, conseguir delimitar com muita clareza o que, de fato, seria um gênero jornalístico e sua constituição. Para Kindermann (2003), apesar de a identificação dos gêneros jornalísticos ser um trabalho desenvolvido no âmbito acadêmico, é justamente na *práxis* que procuramos como eles são originados. Para o autor, com o surgimento do jornalismo, sendo iniciadas as atividades referentes a informar fatos atuais, foram proporcionadas diferenças entre as modalidades de relato e de acontecimento.

Isso talvez ocorresse, já que seria possível encontrar, em alguns gêneros, o processo da hibridização. Para Marcuschi (2006, p. 29), “a hibridização é a confluência de dois gêneros e este é o fato mais corriqueiro do dia-a-dia em que passamos de um gênero a outro ou até mesmo inserimos um no outro, seja na fala ou na escrita”. Assim, esse processo seria a possibilidade de heterogeneidade de certos gêneros, aliás, sendo, em alguns casos, inerentes a eles.

Embora exista a dificuldade em tecer considerações sobre os gêneros discursivos jornalísticos em virtude de esses estudos serem bem recentes, para nós, tais gêneros são construídos a partir dos fatores constitutivos do enunciado, consoante pontua o construto teórico defendido por Bakhtin (2003). Assim, é possível registrar que seu conteúdo temático, elementos composicionais e estilo são peculiares, sendo destinados a um público leitor que irá apreciá-lo, ocupando uma posição responsiva. E é justamente

nessa relação dialógica que os gêneros jornalísticos, bem como os outros secundários, são constituídos, sendo enunciados plenos no fluxo da comunicação discursiva. Além do mais, essa constituição está intimamente relacionada às condições próprias do campo da comunicação discursiva em que é materializado, o Jornalismo.

Observamos ainda que, para compreender a organização e o funcionamento do gênero discursivo reportagem impressa, considerando a área de Comunicação Social, seria preciso antes conhecer o gênero notícia. Este seria visto como uma forma de divulgação de algo que ocorre no âmbito jornalístico. Para Erballo (1991, p. 49), podemos afirmar que seria “a matéria-prima do jornalismo”, isto é, a mola mestra, uma vez que, através dela, seria possível informar o leitor sobre os acontecimentos com certa rapidez.

Compactuando com esse pensamento, Benassi (2007) registra que a notícia seria uma forma de divulgação em relação a um determinado acontecimento. Normalmente, seria concebida como a matéria-prima do Jornalismo, podendo ser vista como algo dado ou um evento social importante que fosse digno de publicação na mídia. Estariam aqui inclusos fatos diversos, tais como políticos, sociais, econômicos, culturais, naturais etc. No entanto, só poderiam ser concebidos como notícia caso afetassem indivíduos específicos. Na maioria das vezes, a notícia poderia apresentar sentidos que são diferenciados, uma vez que seria excepcional, fugindo à normalidade ou podendo ter um enorme impacto no social. As notícias possuiriam um tom jornalístico só no momento em que acabassem de acontecer ou sendo inéditas. Para o autor, “nem todo texto jornalístico é noticioso, mas toda notícia é potencialmente objeto de apuração jornalística” (BENASSI, 2007, p. 193).

A reportagem, por outro lado, é gestada a partir de um fato que poderia ou não já ter sido noticiado, visto que a matéria prima do Jornalismo seria a notícia. Portanto, seria possível afirmar que a reportagem apresentaria suas particularidades a partir do fato a ser discutido e apresentado. Para Kindermann (2003), apesar de os pesquisadores quanto ao gênero jornalístico, não o explanarem nitidamente, a reportagem poderia ser particularizada a partir de duas vertentes: “a) como a extensão de uma notícia e b) como um gênero que apresenta autonomia” (KINDERMANNO, 2003, p. 38).

Considerando esse posicionamento, não é cabível, para nós, observar a reportagem como uma grande notícia, assim como pensa a maioria que compõe o senso

comum. Podemos registrar que a reportagem é um gênero muito usual no jornalismo. Em linhas gerais, ao produzir uma reportagem (escrita ou televisionada), o jornalista está contando uma história de acordo com o seu ponto de vista, adentrando em fatos verídicos susceptíveis de divulgação.

A reportagem difere do gênero notícia em vários aspectos. Destarte, não é plausível concebê-la como uma simples extensão desse texto jornalístico. Miranda e Santos (2010, p. 54) enfatizam que a reportagem seria diferente do gênero notícia no que diz respeito “ao conteúdo, à extensão e à profundidade”. Ela encontraria base em declarações e possíveis opiniões referentes a especialistas quanto ao assunto discutido, naquelas pessoas que estivessem diretamente envolvidas pelo acontecimento, no material que serviu para ser pesquisado pelo jornalista e nas pesquisas que serviram para validar o gênero em questão.

Outra diferença perceptível entre os gêneros em análise diria respeito à sua estruturação e forma de apresentação, visto que, quando vão ser colocados em suportes específicos (jornais impressos, revistas etc.), seriam expostos distintamente. Com o advento da Tecnologia da Informação (TI), sabemos que nossa sociedade está ficando cada vez mais imagética, sendo necessário acompanhar essas especificidades, no propósito de o texto tornar sua leitura cada vez mais atraente e agradável. Assim, Lopes-Rossi (2008, p. 61) verifica que “[...] a diagramação da revista divide um texto longo em texto principal e boxes no pé da página e na lateral. Tanto jornais quanto revistas apresentam fotos, ilustrações e informações em boxes e gráficos”.

Martin-Lagardette (2010) observa a reportagem como um gênero de muito apreço, porquanto haveria testemunho e arte, elementos essenciais para conferir a ele um caráter de divulgação. Tal gênero é tido como objeto apreciativo de leitores específicos, os quais buscam, na maioria das vezes, a informação sobre conteúdos diversos. Nesse sentido, para o autor em evidência, o repórter seria uma espécie “de um olho, um nariz e um ouvido debruçados sobre a caneta” (MARTIN-LAGARDETTE, 2010, p. 38), no propósito de construir o texto e fazê-lo circular nos meios de comunicação. Na escrita, seria necessária a utilização do estilo direto, pautado na concisão da linguagem; já a escolha dos verbos é realizada majoritariamente no tempo presente, sendo referenciadas cenas concretas e reais. Além disso, fazendo menção a imagens significativas para o assunto discutido, bem como a detalhes imprescindíveis e expressões plausíveis.

Desse modo, para Martinez (2007, p. 20-21), a apuração de informação realizada pelo repórter de um *site* ou mesmo por uma agência de notícia seria diferente daquela em relação a um repórter de televisão ou rádio, por exemplo. Tanto na televisão como no rádio, seria necessária a prova para ser construída uma notícia, registrando a imagem ou simplesmente a voz. Isto também poderia ser realizado para veicular a informação adequadamente em um *site* ou agência de notícias. Geralmente, seria utilizado um gravador de voz. No entanto, às vezes, esse recurso não estaria à disposição, no propósito de reproduzir determinada informação, considerando a urgência da notícia. Nesse caso, a solicitação para o repórter de urgência é que guardasse tais provas; todavia, amiúde, ele precisaria decidir entre dar uma pausa em relação a ouvir uma determinada entrevista coletiva, a título de ilustração, ou transmitir algum tipo de alerta enquanto a fonte permanece revelando fatos.

Nas grandes agências, para Martinez (2007), é comum mandar dois repórteres ou até mesmo mais para eventos importantes em nossa sociedade (morte de pessoas famosas, marcos políticos, acidentes trágicos, resultados eleitorais, mudança de presidente, copa do mundo, olimpíadas, shows etc.), tendo em vista que quanto mais inédita a informação, mais rápida precisa ser noticiada. Entretanto, em âmbitos menores, nem sempre isso ocorre, pois o número de repórteres pode não condizer com essa realidade. Logo, o autor conclui que o repórter de urgência precisa possuir um faro bastante afinado para saber discernir o que é um fato próprio de uma notícia, levando-o à informação à frente daquele que não é. Essa capacidade de tomada de decisão seria imprescindível para que ele tivesse êxito em sua profissão.

Souza (2008, p. 34) afirma que os meios de comunicação buscam, de fato, informar a sociedade sobre algo por meio de três pilares: “Verdade, objetividade e neutralidade”. Para tanto, no intuito de realizar essa tarefa, estariam centrados em tais pilares, tidos como ideais. Esses, entretanto, seriam vistos pelo âmbito social como algo positivo. Por fim, ocorre-nos uma indagação: Será que no Jornalismo esses pontos são realmente empregados?

Na nossa concepção, nem sempre o campo da comunicação discursiva intitulado Jornalismo foca a verdade, a objetividade e a neutralidade. A produção dos gêneros discursivos de base jornalística, verificando as considerações tecidas por Bakhtin (2003), está intimamente ligada às relações dialógicas entre o autor e o destinatário, considerando a posição social ocupada por ambos. Como consequência, observamos,

por exemplo, que uma reportagem impressa sobre a morte de Paulo César Farias e sua namorada, publicada em determinada revista, pode ter enfoque diferente de outra. Essa diferença é percebida através da maneira como o assunto é apresentado, da escolha das palavras, de quem é o autor, do grau de conhecimento sobre o assunto pelo destinatário, do meio de comunicação a ser publicado, entre outros. Nesse sentido, Bakhtin/Volochinov (1981) afirmam que a palavra é uma arena na qual são digladiados valores sociais que são contradizentes.

Pelo exposto, observamos que é comum ser atribuído ao gênero reportagem características como verdade, objetividade e neutralidade. Todavia, é inepto concebê-las como absolutas e definitivas. Souza (2008, p. 39) afirma que, “com respeito à questão da objetividade e neutralidade, pode-se dizer que também são impossíveis. A exemplo do que ocorre com a verdade, elas só se realizam em termos de efeito de sentido”.

Segundo Hernandes (2006), registramos aqui a objetividade como sendo um dos recursos jornalísticos que buscaria o apagamento no tocante à maneira como a realidade foi filtrada através dos valores do jornal. Seja esse visto como empresa ou parte de um conjunto de informação, não pretenderia ser mostrado como um ator social militante, tendo interesse em relação aos aspectos sociopolíticos e nas possíveis consequências daquilo que é noticiado. Tais consequências seriam, por assim dizer, formas de estratégia, usadas pelo âmbito jornalístico, no propósito de adquirir credibilidade.

Para Letria (2005), a literatura sobre as Ciências da Comunicação elenca três tipos de reportagem, e cada qual seria configurada a partir de especificações próprias: reportagem de acontecimento (*Fact Story*), reportagem de ação (*Action Story*); e reportagem de citação (*Quote Story*). O autor menciona ainda mais duas outras nomenclaturas: a) reportagem de prognóstico e b) reportagem de continuidade.

Na reportagem de acontecimento, o jornalista, em linhas gerais, focaria, através de uma concepção estática, os fatos em si. Em virtude disto, o repórter assumiria o posto de observação, não estando envolvido com os fatos. Já na reportagem de ação, seriam apresentados os fatos mediante uma visão mais dinâmica, dando seguimento ao ritmo do acontecimento, uma das explicações para o aparecimento desta modalidade em noticiários escritos ou audiovisuais.

Na reportagem de citação ou entrevista, haveria a preocupação em alternar a escrita do repórter com as palavras daquele que seria entrevistado sobre o tópico discursivo em pauta, no propósito de validar suas respostas, conferindo-lhe veracidade.

Aqui, é prática constante, então, relatos na terceira pessoa intercalados com citações diretas do(s) entrevistado(s). Enquanto a reportagem de prognóstico e de continuidade estaria interessada em manter, na memória do leitor, um determinado tema vivificado. Aliás, focaria o estabelecimento contínuo com outros textos que seriam concebidos sobre o tópico discursivo almejado, acrescentando fatos tidos como imprescindíveis.

Por fim, Martinez (2007) lembra que, na produção do texto jornalístico, no caso, a reportagem, seria imprescindível a validação e verificação dos fatos, buscando sempre a sua veracidade. A pesquisa antecipada, bem como o planejamento, seriam essenciais para que as matérias fossem bem elaboradas. Independentemente do assunto a ser discutido, seria necessário haver a validação dos fatos a partir de fontes confiáveis. Na concepção do autor, o site <<https://www.google.com.br/>> tem tido um tom salvífico para os jornalistas. Contudo, pode ser uma ferramenta indesejável para aqueles mais novos. Para ele, alguns jornalistas sairiam hoje das faculdades e achariam que “dar um Google” (MARTINEZ, 2007, p. 21) seria o bastante no que diz respeito à pesquisa.

Essa ferramenta de pesquisa ajudaria muito, não devendo, entretanto, ser concebida como uma fonte de informação oficial. Por outro lado, o autor em pauta observou ainda que nem os jornais deveriam ser concebidos como pretensas fontes de informação, posto que possam apresentar inúmeros erros. Outrossim, várias notícias seriam obsoletas ou simplesmente apresentariam informações que vão ficando, com o passar do tempo, desatualizadas. Diante desse bojo de apontamentos, seria necessário ir a campo através de vários meios (telefone ou na própria rua). Na concepção de Martinez (2007, p. 21), o jornalismo “se faz na rua, e isso ainda não mudou”.

Para Lopes-Rossi (2008, p. 61), a reportagem apresentaria um propósito comunicativo, segundo os manuais referentes à redação jornalística, mostrando informações atuais e esmiuçadas sobre acontecimentos diversos, pessoas por quem tivesse algum interesse etc. Amiúde, ela comportaria o propósito implícito em relação a formar a opinião de seus leitores sobre assuntos específicos, a possibilitar certa indignação, à ironização, ao benefício ou malefício de uma pessoa pública, entre outros.

Mediante as considerações supracitadas, a nosso ver, o estudo sobre os gêneros discursivos jornalísticos, assim como os outros que compõem nosso repertório comunicativo, traz inúmeras contribuições sociais. No entanto, não podemos nos esquecer de que estabelecer barreiras limítrofes precisas no tocante às fronteiras estabelecidas entre um gênero e outro nem sempre é possível. O próprio Bakhtin (2003,

p. 263-264) registra que “não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado”.

Seguindo Bakhtin (2003), reiteramos que, para nós, o gênero discursivo reportagem impressa é secundário, apresentando conteúdo temático, elementos composicionais e estilo próprios. Ademais, nasce no fluxo da comunicação discursiva da esfera social jornalística, um lugar que o especifica, conforme mostrado nessa seção.

Após a discussão teórica empreendida até a ocasião nesta tese, é necessário apresentarmos, no terceiro capítulo, a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, fenômeno defendido por nós. Para tanto, de antemão, explanaremos, no tópico (3.1), como o campo gramatical aborda a Transitividade Verbal, especificamente os verbos concebidos como intransitivos.

CAPÍTULO 3: O VERBO INTRANSITIVO E A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA

O terceiro capítulo foi dividido em duas seções. Na primeira, discutimos sobre a transitividade verbal, abordando considerações tecidas por Rocha Lima (2006), Celso Cunha (1970), Bechara (2006), Perini (2006) e Neves (2000).

Na segunda seção, apresentamos a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Para tanto, recorreremos à concepção sobre linguagem, tema e significação apresentada por Bakhtin/Volochinov (1981), bem como ao conceito de gênero discursivo proposto por Bakhtin (2003), dialogando com Volochinov (1930) e Bakhtin/Volochinov (1926). Analisamos, então, o verbo *viver* nas seguintes reportagens: *Viver mais e melhor*⁶⁶, *A vida melhorou*⁶⁷, *A rendição do último coronel*⁶⁸ e *O fim dos mitos sobre o câncer*⁶⁹.

3.1 A transitividade verbal: dialogando com gramáticos

Os verbos, na Língua Portuguesa, são classificados quanto aos complementos em intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos relativos, transitivos circunstanciais e bitransitivos, conforme afirma Rocha Lima (2006). Os intransitivos, “encerrando em si a noção predicativa, dispensa quaisquer complementos” (ROCHA LIMA, 2006, p. 341), dessa forma, trariam as informações necessárias ao seu entendimento. Os outros verbos aqui citados solicitam complementação em relação ao seu sentido, pois em si não há completude semântica.

Assim, em enunciados como *João morreu*, o verbo *morrer* seria intransitivo, pois sozinho significaria aquilo que está sendo proferido, não precisando de informações complementares quanto ao seu sentido. No entanto, para o gramático em questão, apesar de verbos como estes serem intransitivos, em algumas situações, podem apresentar o Objeto Direto Interno. Nesse sentido,

⁶⁶ ANEXO E.

⁶⁷ ANEXO J.

⁶⁸ ANEXO H.

⁶⁹ ANEXO L.

Verbos intransitivos podem trazer complemento representado por substantivo do mesmo radical, contanto que venha acompanhado de adjunto [...] também, às vezes, são expressos por palavras que, não sendo co-radicais dos verbos respectivos, pertencem, todavia, ao mesmo grupo de ideias (ROCHA LIMA, 2006, p. 248).

Então, observamos que, em *Morrer morte gloriosa*⁷⁰, *Viver uma vida feliz* e *Dormir um sono tranquilo*⁷¹, segundo Rocha Lima (2006), os verbos *morrer*, *viver* e *dormir* passariam a ter o Objeto Direto Interno. Nestes exemplos, respectivamente, *uma morte gloriosa*, *uma vida feliz* e *um sono tranquilo* exerceriam esta função sintática. Os dois primeiros têm seus complementos representados por um substantivo com o mesmo radical do verbo correlacionado (*morrer/morte* e *viver/vida*), seguidos de um adjunto (*gloriosa* e *feliz*). Ao passo que, em *Dormir um sono tranquilo*, seria *um sono tranquilo* o Objeto Direto Interno, uma vez que, embora o termo *sono* não possua o mesmo radical de *dormir*, faz parte do mesmo grupo de ideias.

Para Rocha Lima (2006), os verbos transitivos diretos solicitam o objeto direto. Desta sorte, na voz ativa, configura o paciente da ação verbal, sendo considerado de fácil identificação, como acontece em *Castigar o filho* (o ser sobre o qual recai a ação) [...], *Construir uma casa* (o resultado da ação) e *Discutir política*⁷² (o conteúdo da ação). Para este gramático, é comum que o objeto direto não seja precedido de preposição. Todavia, em alguns casos, pode apresentá-la, materializando o Objeto Direto Preposicionado, a exemplo de *Aos pais ama-se com fervor*⁷³. Aqui, *aos pais* exerce a função sintática de objeto direto preposicionado.

Os verbos transitivos indiretos possuem o objeto indireto representado por um ser animado a quem a ação é dirigida ou o estado que o processo verbal configura. Morfologicamente, é comum este tipo de complemento vir antecedido pela preposição *a* ou, em algumas situações, *para*, correspondendo às formas promominais átonas *lhe* e *lhes*. Por outro lado, sintaticamente, costuma não permitir, na voz passiva, assumir a função sintática sujeito. “E por implicar o traço +PESSOA, não *lhe* é possível, evidentemente, apresentar-se sob a forma de oração subordinada” (ROCHA LIMA,

⁷⁰ Os exemplos analisados referentes ao aporte teórico apresentado por Rocha Lima (2006) foram retirados de sua gramática.

⁷¹ Id. p. 248.

⁷² Ibid. p. 243. Id.

⁷³ Ibid. p. 244. Id.

2006, p. 249). A título de ilustração, temos *Escrever a um amigo (Escrever-lhe)*⁷⁴, exercendo a informação *a um amigo* a função sintática de objeto indireto. Além disso, este objeto pode, perfeitamente, em outra ocasião, ser substituído por *lhe*, assim como em *Escrever-lhe*.

Entre as possibilidades de uso quanto ao objeto indireto, chama-nos a atenção Rocha Lima (2006, p. 251) registrar que este pode ser ligado aos verbos intransitivos unipessoais, indicando a pessoa em quem a ação verbal é manifestada, como em “Capitu propôs metê-lo em um colégio, donde só viesse aos sábados; custou muito *ao menino* aceitar esta situação” (Machado de Assis). Nesta ocasião, *ao menino* exerceria a função sintática de objeto indireto, sendo relacionado ao verbo *custar*.

O complemento relativo, interrelacionado ao verbo através de uma preposição específica, entre elas, *a*, *com*, *entre*, *de* etc., “íntegra, com o valor de objeto direto”⁷⁵, a predicação de um verbo de significação relativa” (ROCHA LIMA, 2006, p. 251). Apesar de este objeto ser precedido por preposição, é visivelmente diferente do objeto indireto, por denotar, assim como o objeto direto, o ser a que a ação é destinada. Além do mais, o complemento relativo pode ser substituído pelas formas tônicas *ele*, *ela*, *eles* e *elas*. Assim, temos *assistir a um baile/assistir a ele* e *anuir a uma proposta/anuir a ela*⁷⁶.

O complemento circunstancial, por seu turno, possui uma natureza adverbial, sendo considerado como indispensável à contrução verbal em algumas situações, assim como os demais complementos aqui descritos. Na tentativa de validar seu ponto de vista, Rocha Lima (2006, p. 252) compara dois casos, a saber: *Irei à Roma* e *Jantarei em Roma*. Para ele, no segundo exemplo, a relação entre a preposição e o verbo (*em Roma*) é mais íntima do que no primeiro. No que diz respeito ao verbo *ir*, é verificado que, por indicar direção, exige a preposição *a* para inter-relacioná-lo ao termo destinado. Contudo, o complemento circunstancial pode aparecer sem o uso da preposição, como em *A guerra durou cem anos*⁷⁷. Por fim, é registrado que este complemento é o acusativo de tempo do Latim.

Já o bitransitivo diz respeito àqueles verbos que possuem, ao mesmo tempo, um objeto direto e um indireto, ou um objeto direto e um complemento relativo. Há ainda,

⁷⁴ Id. p. 249.

⁷⁵ Grifo do autor.

⁷⁶ Ibid. p. 252. Id.

⁷⁷ Ibid. p. 253. Id.

segundo Rocha Lima (2006), nos predicados mistos ou verbo-nominais formados por um verbo e por um nome, o anexo predicativo, o qual pode fazer referência ao sujeito ou ao objeto. Em *O guerreiro voltou ferido* e *O sofrimento torna os homens humanos*⁷⁸, isto fica nítido. Nestes exemplos, *ferido* e *humanos* atuam como anexo predicativo, fazendo referência consecutivamente ao termo *guerreiro*, que exerce a função sintática de sujeito, e *a homens*, o objeto.

Arraigado à tradição gramatical, Cunha (1970) também considera o objeto direto a complementação de um verbo transitivo direto, o qual geralmente não vem precedido de uma preposição, assim como discorre Rocha Lima (2006). Entretanto, ao tecer considerações concernentes à transitividade verbal, apresenta, através do enunciado *Já lhe disse que não sei*⁷⁹ (Miguel Torga), o objeto direto oracional. Aqui, o verbo *dizer* é complementado por uma oração (*que não sei*), a qual assume a função sintática de objeto direto. Na maioria das Gramáticas Tradicionais, a oração subordinada objetiva direta é discutida em um capítulo específico para isso e não na parte referente à transitividade verbal.

Cunha (1970) afirma que, em alguns casos, é possível haver o objeto direto preposicionado, entre eles: a) verbos que expressem o sentimento do falante; b) na tentativa de evitar a ambiguidade linguística; c) caso o objeto direto esteja antecipado na oração. Quanto à primeira ocorrência, em *Não amo a ninguém, Pedro*⁸⁰ (Ciro dos Anjos), o verbo *amar* seria transitivo direto, exigindo, então, um complemento verbal sem a preposição para completar a sua significação. No entanto, uma vez que exprime o sentimento do falante, admite o uso da preposição “a” antecedendo o objeto direto (*ninguém*).

Na segunda possibilidade quanto ao objeto direto preposicionado, verificamos que, em *Como sempre, ao mal venceu o bem*⁸¹, o verbo *vencer*, classificado como transitivo direto, possui um objeto direto preposicionado (*ao mal*). Porém, comumente ele também exigiria um objeto direto para explicitar seu sentido sem o auxílio da preposição. Logo, a preposição *a* é usada aqui no propósito de serem diferenciadas duas funções sintáticas peculiares: o sujeito e o objeto direto. Com isso, é possível evitar a ambiguidade linguística. Caso o enunciado fosse *Como sempre, o mal venceu o bem*, o

⁷⁸ Rocha Lima (2006, p. 341).

⁷⁹ Cunha (1970, p. 99).

⁸⁰ Id. p. 100.

⁸¹ Ibid. p. 100. Id.

mal passaria a ser sujeito sintático, havendo modificação quanto à significação do enunciado inicial.

Em relação ao terceiro caso, evidenciamos que, quando o objeto direto estiver antecipado na oração, poderá ser precedido por preposição, assim como aconteceu no enunciado *A homem pobre ninguém roube*⁸². Aqui, o verbo *roubar* é completado pelo objeto direto preposicionado *a homem pobre*, havendo a preposição *a*, já que o enunciado não está escrito na ordem direta, explicitada pela GT, isto é, sujeito, verbo e objeto.

Pelo exposto, percebemos ser uma tarefa árdua apresentar a Transitividade Verbal, mostrando uma classificação satisfatória sobre os tipos de verbo e complemento. Desta feita, nem sempre os gramáticos tradicionais usam a mesma nomenclatura para defini-los. Chama-nos a atenção, neste momento, o olhar destes gramáticos sobre os verbos intransitivos, visto que eles apresentam uma definição pautada na ausência de complemento. Conquanto, em alguns momentos, admitem que estes mesmos verbos podem ter o Objeto Direto Interno, conforme afirmou Rocha Lima (2006).

A nosso ver, o verbo intransitivo é um caso de aglutinação sintático-semântico-discursiva, uma vez que o complemento está aglutinado nele, não havendo a ocupação do objeto. E há fatores enunciativos que possibilitam este fenômeno. Ao passo que o Objeto Direto Interno relacionado a este verbo em circunstâncias específicas é uma desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Ou seja, o complemento vem materializado no plano da sintaxe. A título de ilustração, nos exemplos apresentados anteriormente, “Morrer morte feliz” e “Dormir sono tranquilo”, discutidos por Rocha Lima (2006), o objeto (morte feliz e sono tranquilo) está materialmente no plano da sintaxe.

Nós aceitamos o fato de o objeto vir no plano da sintaxe nos dois exemplos citados pelo gramático em discussão que ilustram a definição de Objeto Direto Interno. No entanto, na nossa concepção, o que determina o complemento vir desaglutinado no plano da sintaxe são questões enunciativas, entre elas, a relação dialógica entre o falante, o ouvinte e o tópico da fala. Segundo Bakhtin/Volochinov (1926), o enunciado é configurado a partir desta relação, sendo materializado como produto.

Para nós, como afirmaram Bakhtin/Volochinov (1981), é necessário observar um problema sintático à luz da enunciação, no nosso caso, os verbos intransitivos, notando

⁸² Cunha (1970, p. 100).

que há fatores específicos os quais proporcionam a aglutinação e a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Dentre os quais, figuram a compreensão ativa do sujeito, o endereçamento do enunciado, a valoração, a expressividade etc., pontos que serão discutidos no tópico (3.2).

Bechara (2006) utiliza em sua gramática alguns termos que não são propostos pela Norma Gramatical Brasileira (NGB), não por desrespeito ou simples discordância. Segundo ele, “é que a NGB não tratou de todos os assuntos [...] ventilados” (BECHARA, 2006, p. 21). Na sua ótica, o verbo constitui o núcleo do predicado; este, por sua vez, pode ser simples ou complexo. Naquele, haveria o que a tradição gramatical intitulou de verbos intransitivos. Já o núcleo do predicado complexo comportaria os verbos transitivos. Portanto,

[...] Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejarmos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam argumentos ou complementos verbais (BECHARA, 2006, p. 414-415).

Para exemplificar⁸³, o gramático cita *O porteiro viu o automóvel e Eles precisam de socorro*⁸⁴. Nestes, os verbos *ver* e *precisar* são concebidos como possuidores de uma extensão semântica muito ampla, sendo necessário delimitá-la através do uso de outros termos adequados, intitulados como argumentos ou complementos verbais. O predicado complexo, para Bechara (2006, p. 416-424), apresenta tipos de argumento determinante, a saber: o complemento direto ou objeto direto, o objeto direto preposicionado, a preposição como posvérbio, o complemento relativo e o complemento objeto indireto.

O complemento direto ou objeto direto é um tipo de argumento referente ao predicado complexo, já que

o predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por complementos verbais. O primeiro deles é o *complemento direto*⁸⁵, também chamado objeto direto, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária (BECHARA, 2006, p. 416).

⁸³ Todos os exemplos aqui apresentados referentes ao construto teórico defendido por Bechara (2006) foram retirados da gramática de sua autoria.

⁸⁴ Bechara (2006, p. 415).

⁸⁵ Grifo do autor.

Nesse sentido, para ilustrar, o referido gramático cita *Os vizinhos não viram o incêndio, Não encontramos os responsáveis e O pai comprou nova casa*⁸⁶. Aqui, os verbos *ver*, *encontrar* e *comprar* necessitam do complemento direto para delimitar sua amplitude semântica. Dessa forma, respectivamente, estão relacionados a estes verbos, exercendo tal função sintática, *o incêndio*, *os responsáveis* e *nova casa*, complementos constituídos por uma “expressão substantiva não marcada por índice funcional” (BECHARA, 2006, p. 416), a preposição. Segundo ele, o complemento direto é posicionado, normalmente, à direita do verbo, não influenciando a flexão verbal, enquanto o sujeito à esquerda. Na oração, a substituição da posição destes dois termos está vinculada às situações em que não é gerada ambiguidade e/ou dificuldades quanto à comunicação, essencialmente nos textos escritos.

Entretanto, na perspectiva de Bechara (2006), em alguns casos, assim como também ventilou a GT, pode haver o Objeto Direto Preposicionado em situações específicas: *Amar a Deus sobre todas as coisas* (verbo que exprime sentimento, buscando encarecer os méritos da pessoa); *A Abel matou Caim* (inversão, o objeto direto vindo antes do sujeito); *Conheci a pessoa a quem admiras* (pronome relativo quem); *Conhecem-se uns aos outros*⁸⁷ (expressão de reciprocidade) etc. Além disso, há o uso da preposição como posvérbio, já que ela pode aparecer depois de certos verbos, servindo muito mais para adicionar um sentido novo a eles do que para reger seu complemento, assim como em *Arrancar da espada*⁸⁸, especificando a ideia quanto ao uso do objeto, bem como sua retirada total da bainha.

O complemento relativo diz respeito àquele introduzido por uma preposição correlacionada ao verbo por certo tipo de dependência gramatical. Em *O marido não concordou com a mulher*⁸⁹, por exemplo, a preposição *com* é uma extensão quanto ao verbo *concordar*. Portanto, “a preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua preposição, por servidão gramatical” (BECHARA, 2006, p. 420). Dialogando com a tradição gramatical, na sua concepção, escolher que preposição deve ser utilizada em relação ao verbo depende das normas citadas por esta tradição. Às

⁸⁶ Bechara (2006, p. 416).

⁸⁷ Id. p. 418-419.

⁸⁸ Ibid. p. 419. Id.

⁸⁹ Ibid. p. 419. Id.

vezes, tais normas permitem o uso de diferentes preposições no tocante a um verbo, como em *Ela se parece ao pai* e *Ela se parece com o pai*⁹⁰.

Já o complemento objeto indireto, correlacionado à delimitação semântica de um predicado complexo através do complemento direto ou relativo, pode ser comumente denotado por um ser animado, o qual é introduzido através da preposição *a*, sendo relacionado à pessoa “destinada ou beneficiada pela existência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento)” (BECHARA, 2006, p. 421), assim como em *O diretor escreveu cartas aos policiais*⁹¹. Neste exemplo, há o verbo *escrever*, apresentando o complemento direto (*cartas*) e o indireto (*aos policiais*), sendo observada a preposição *a* relacionada a *policiais*. Este complemento configura um termo que está mais distante da delimitação semântica relativa ao predicado complexo, parecendo ser um adendo da intenção comunicativa. Na sintaxe, é situado entre os complementos verbais tidos como verdadeiros e os adjuntos circunstanciais.

Além do mais, há outros verbos que são os núcleos de predicado simples, isto é, aqueles que, para a GT, são intransitivos. Como exemplo, temos: *Ela não trabalha*, *José acordou cedo* e *As crianças cresceram rapidamente*⁹². Nessas situações, *trabalhar*, *acordar* e *crescer* seriam tais verbos. Na ótica de Bechara (2006, p. 415),

os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é simples. A tradição gramatical chama intransitivos a tais verbos.

No entanto, para Bechara (2006), alguns verbos ora poderiam atuar como transitivos, ora como intransitivos, assim como ocorreria nos exemplos *Eles comeram maçãs* e *Eles não comeram*⁹³. No primeiro caso, o verbo *comer* seria transitivo; já no segundo, atuaria como intransitivo. Na sua concepção, nem sempre é tarefa fácil estabelecer limites precisos entre os verbos transitivos e intransitivos. Isto fica evidenciado, já que [...] “a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática” (BECHARA, 2006, p. 415). Chama-nos a

⁹⁰ Bechara (2006, p. 420).

⁹¹ Ibid. p. 421. Id.

⁹² Ibid. p. 415. Id.

⁹³ Ibid. p. 415. Id.

atenção esta afirmação.

Uma definição adequada quanto aos verbos intransitivos e transitivos, a nosso ver, não está ligada simplesmente à gramática nem tampouco ao léxico, mas à dialogicidade da linguagem. Assim, é conveniente discutir este problema sintático com base na enunciação, à luz de Bakhtin/Volochinov (1981, 1926), Bakhtin (2003) e Volochinov (1930).

Na nossa concepção, o enfoque dado pela GT quanto à conceituação dos verbos intransitivos e as explicações utilizadas para diferenciá-los dos verbos transitivos continua em Bechara (2006). Ademais, embora ele observe os verbos intransitivos como núcleos do predicado simples, grosso modo, termina por dizer com outros termos aquilo que os Gramáticos Tradicionais registram sobre o assunto, trazendo à cena problemas sintáticos semelhantes.

Perini (2002), dialogando com a Gramática Tradicional, também lança críticas aos critérios usados por ela para definir verbos intransitivos e transitivos. A princípio, ele afirma que é insuficiente distinguir estes tipos de verbos usando só os critérios da recusa e da exigência. Ou melhor, o que definiria um verbo como intransitivo não seria só o fato de ele recusar o objeto, nem tampouco o transitivo, por este exigir o complemento. Segundo ele,

o problema surge quando há verbos como *comer*⁹⁴, que podem ocorrer com ou sem OD⁹⁵, sem por isso causar inaceitabilidade. Vimos que não há lugar para tais verbos no sistema tradicional, uma análise adequada deve, primeiramente, criar esse lugar (PERINI, 2002, p. 163).

Na concepção deste gramático, as noções apresentadas pela GT sobre os verbos intransitivos (recusar o objeto) e transitivos (exigir o objeto) não bastam para diferenciá-los. Pensando nisso, ele acrescenta uma terceira noção: “aceitação livre” (PERINI, 2002, p. 164). Assim sendo, Perini (2002) observa que haveria traços que especificariam estes tipos de verbos. Como exemplo, cita os verbos *nascer*, *fazer* e *comer*.

Para Perini (2002, p. 164), o verbo *nascer* recusaria o objeto, possuindo o traço [Rec-OD]. Enquanto que *fazer* o exigiria, havendo o traço [Ex-OD]. Já *comer* aceitaria livremente o objeto, tendo o traço [L-OD]. Dessa forma, ele acredita ter resolvido o

⁹⁴ Grifo do autor.

⁹⁵ Objeto Direto.

problema em relação à transitividade de verbos como *comer*.

O gramático em análise discute ainda outra diferença entre sua concepção concernente à transitividade, que é eminentemente sintática, e aquela defendida pela tradição gramatical. Para ele, este construto teórico foca essencialmente aspectos semânticos. “A ideia tradicional de transitividade é predominantemente semântica; procura-se justificar exigências e recusas em termos do significado de cada verbo” (PERINI, 2002, p. 168). Apesar de defender uma visão essencialmente sintática em relação à transitividade verbal, o gramático em foco afirma que isto não quer dizer que não tenha nenhuma correlação semântica.

Além do mais, Perini (2002) questiona se a transitividade verbal é suficiente para delimitar quando um verbo virá com ou sem objeto, assim como para explicar o porquê disto. Mediante sua perspectiva, a transitividade bastaria nos casos em que o verbo exigiria o objeto, bem como naqueles em que o verbo o recusaria. Contudo, em casos em que o verbo aceitaria livremente o objeto, não seria possível fazer uma previsão sobre quando este objeto virá ou não em momentos específicos. Desse modo,

[...] Em casos de ocorrência livre, a transitividade não basta para prever a ocorrência do complemento; *comer*⁹⁶ aparecerá com ou sem objeto direto, dependendo de fatores extra-sintáticos, tais como: o significado da sentença, o grau de especificidades que o falante deseja dar à sua mensagem, o conhecimento que o falante supõe que seu interlocutor já possua etc. [...] (PERINI, 2002, p. 172).

A nosso ver, é contundente a crítica feita por Perini (2002) quanto à forma como a GT concebe a transitividade, observando-a a partir dos critérios da recusa (verbos transitivos) e da exigência do objeto (verbos transitivos), trazendo à tona a necessidade de observarmos verbos como *comer*. Este, por sua vez, através da noção de “livre aceitação”, desenvolvida por ele, poderia atuar como intransitivo e como transitivo, dependendo da ocasião.

No entanto, não concordamos que verbos como *comer* aceitam livremente o complemento, uma vez que, para nós, há fatores enunciativos específicos para que haja a ocupação do objeto no plano da sintaxe, como explanaremos no tópico (3.2). O termo “livremente”, na nossa concepção, é inadequado para a explicação dada sobre este processo pelo gramático. O próprio Perini (2002, p. 172) afirmou que para tais verbos

⁹⁶ Grifo do autor.

possuírem ou não objeto dependeria de questões extra-sintáticas, entre elas, “o conhecimento que o falante supõe que seu interlocutor já possua”. Então, isto não é algo que ocorre “livremente”.

Para Neves (2000), os verbos, grosso modo, alicerçam os predicados referentes às orações, havendo algumas subclassificações em relação a eles, tais como a semântica, com integração de componentes, e a transitividade. No entanto, alguns verbos não comporiam o predicado. Entre eles, figuram os que modalizam (poder, dever, precisar etc.). Os predicados, por sua vez,

[...] designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (ou participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado (NEVES, 2000, p. 25).

Quanto à classificação semântica das predicções, a autora afirma que teria base nas “unidades semânticas⁹⁷” observadas no verbo. Assim, existiriam três principais classes de predicado verbal: dois dinâmicos (ações ou atividades; processo, o que acontece) e um não-dinâmico (estados).

Em relação aos dinâmicos, a princípio, são apresentados os verbos que exprimiriam uma ação ou uma atividade. Tais verbos, por seu turno, seriam acompanhados por um “participante agente ou causativo”⁹⁸. Todavia, poderia ter ou não “outro participante (afetado ou não)”⁹⁹, a exemplo de “O sambista **BATUCAVA** uma caixa de fósforo marcando lá o seu ritmo: um engraxate batucava na caixa”¹⁰⁰ (MPB)¹⁰¹. Posteriormente, são mostrados os verbos que envolveriam uma relação “entre um **nome**¹⁰² e um **estado**, e o **nome** seria o **paciente do verbo (afetado)**¹⁰³”. Em outros termos, aquilo que ocorre (processos). A título de ilustração, observamos “A miraculosa planta somente **FLORESCE** na solidão do inferno” (UCC) e “O Alferes não **MORREU**, nem mesmo **ADOECEU**” (ALF)¹⁰⁴.

⁹⁷ Neves (2000), p. 25.

⁹⁸ Id. p. 26.

⁹⁹ Ibid. p. 26. Id.

¹⁰⁰ Todos os exemplos citados e analisados em relação às discussões tecidas por Neves (2000) foram retirados da gramática de sua autoria.

¹⁰¹ Neves (2000, p. 26). As siglas utilizadas após cada um dos exemplos mencionados fazem referências às iniciais dos textos examinados pela autora.

¹⁰² Todos os grifos nos exemplos citados foram feitos por Neves (2000).

¹⁰³ Neves (2000, p. 26).

¹⁰⁴ Id. p. 26.

No que diz respeito aos não-dinâmicos (estados), podemos considerar que eles seriam “acompanhados por um **sintagma nominal** (sujeito) que é **suporte do estado**”¹⁰⁵, como em “Gumercindo **PERMANECEU** parado”¹⁰⁶ (VD).

Fora estas três classes principais analisadas quanto aos verbos, haveria ainda verbos que apareceriam em determinadas orações que não teriam nenhum sintagma nominal. Tais orações seriam, por sua vez, só um predicado, sem a presença de um agente ou paciente. Desta feita, “fica implicado um processo ou um estado em um ambiente, sem que haja referência a nada particular dentro desse ambiente” (NEVES, 2000, p. 26), como em “**ESTÁ calor**” (AF).

Quanto à subclassificação com integração de componentes, verificamos que, além do componente dinamismo, podem ser integrados à classificação das predicções o aspecto e o componente pragmático controle. Segundo Neves (2000, p. 27),

nessa consideração, a classificação se refere às predicções, ou seja, à codificação linguística dos **estados de coisas**, e não simplesmente aos predicados. Os mais importantes parâmetros para uma tipologia semântica dos estados de coisas são: **dinamismo** e **controle**. Para as **predicções dinâmicas**, é importante também o parâmetro **perfectividade** ou **acabamento** (também chamado **telicidade**).

Considerando tais particularidades, são apresentadas duas classificações em relação às predicções: dinâmicas e não-dinâmicas. As dinâmicas, por sua vez, poderiam ocorrer com controle, que diz respeito às ações. Estas ações poderiam ser télicas (acabadas) e não-télicas. Como exemplo, na sequência, temos “Nando **LANÇOU** um olhar aos companheiros” (Q) e “O Passarinho e o corcunda **CAMINHAVAM** à frente do grupo” (N)¹⁰⁷. Ou seriam sem controle, que remete aos processos. Igualmente, poderiam ser télicos (acabados) e não-télicos. Como exemplo, respectivamente, citamos “Altos muros **RUÍRAM** em silêncio” (Q) e “**IA-lhe** pelo corpo todo uma trêmula sensação de febre” (N)¹⁰⁸.

As predicções não-dinâmicas também poderiam ser com controle [O Rei **ESTÁ** em pé ao lado do trono (BN)]¹⁰⁹ e sem controle [Ela passou as mãos nos cabelos que lhe

¹⁰⁵ Ibid. p. 26. Id.

¹⁰⁶ Ibid. p. 26. Id.

¹⁰⁷ Neves (2000, p. 27).

¹⁰⁸ Id. p. 27.

¹⁰⁹ Ibid. p. 27. Id.

CAÍAM no mais completo desalinho pela frente (MMM)]¹¹⁰.

Outrossim, em relação à transitividade, a autora em questão discutiu sobre a valência verbal, ou melhor, “a capacidade de os verbos abrirem casas para preenchimento por termos (sujeito e complemento), compondo-se a estrutura argumental” (NEVES, 2000, p. 28).

Dentre os verbos transitivos, os que o complemento/objeto seria paciente de mudança são vistos como transitivos prototípicos. Considerando a transitividade, Neves (2000, p. 28-31) registra que existiriam quatro classes principais: “verbos cujo objeto sofre mudanças no seu estado”; “verbos cujo objeto não sofre mudança física, isto é, não é um paciente afetado”; “verbos que possuem um complemento não-preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado”; “verbos que têm complementos oracionais”.

Os verbos cujo objeto sofreria mudanças no seu estado seriam aqueles que teriam “um objeto paciente da mudança (afetado)”¹¹¹. Além disso, haveria um sujeito “agente ou causativo”¹¹². O objeto seria, então, não-preposicionado, isto é, objeto direto. De acordo com o tipo de mudança percebida no objeto paciente, a autora subclassifica tais verbos: criação do objeto [Só Túlio **CONSTRUIU** em tempo **sua arca** e se salvou”¹¹³ (ACM)]; destruição do objeto [Campos Sales **DISSOLVEU a comissão nomeada** (FI)]¹¹⁴; alteração física no objeto [O frio **RACHA a boca, ENTORPECE os dedos**, mas a limpeza do tempo é ideal (DE)]¹¹⁵; mudança na localização do objeto [Manoel João **PÔS em cima do cocho o cambão de traíras e a gamela que trouxera na cabeça** (ALE)]¹¹⁶; mudanças provocadas por um instrumento que está implicado no próprio verbo [Os membros do coro **MARTELAM as travas** nas janelas (CCI)]¹¹⁷; mudança superficial no objeto [**LIMPEI as jóias** (*sic*) (CNT)]¹¹⁸; mudança interna no objeto [Sulmira já **TEMPERAVA a carne** para o obrigatório assado dominical (DM)]¹¹⁹.

Já os verbos em que o objeto não sofreria mudança física, ou seja, não seria um

¹¹⁰ Ibid. p. 28. Id.

¹¹¹ Ibid. p. 28. Id.

¹¹² Ibid. p. 28. Id.

¹¹³ Ibid. p. 28. Id.

¹¹⁴ Ibid. p. 28. Id.

¹¹⁵ Ibid. p. 28. Id.

¹¹⁶ Neves (2000, p. 29).

¹¹⁷ Id. p. 29.

¹¹⁸ Ibid. p. 29. Id.

¹¹⁹ Ibid. p. 29. Id.

paciente afetado, podem ter complemento não-preposicionado (objeto direto)¹²⁰ e complementos preposicionados. Para Neves (2002, p. 30), os principais destes seriam de lugar [Mário **ESTÁ em casa de Dona Dedé** (A)], de direção [Pantaleão sorriu, **OLHOU para o alto** (AM)] ou associativos [Mais tarde Terto **CONVERSOU com Bentinho** (CA)].

Em relação aos verbos que teriam um complemento não-preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado, é afirmado que o sujeito mais comum seria um agente. Além do mais, o objeto direto com mais facilidade de ser encontrado seria um paciente de mudança. O complemento preposicionado poderia ser de tipos específicos, a saber: de lugar [A irmã **COLOCOU o roupão no cabide** (OE)], beneficiário [**DEU ao genro um engenho** com setenta escravos (CGS)] e instrumental [Você **ENCHEU a bexiga de sangue?** (AC)].

Por fim, são apresentados os verbos que teriam complementos oracionais. Neste bojo, haveria os de modalidade, de cognição, de manipulação e de elocução. A esta classificação, particularmente, a classe dos modais, cognitivos e manipulativos está correlacionada a outra que remete à relação de pressuposição ou de implicação. Ou melhor, “[...] esta classificação se refere a uma relação de pressuposição ou de implicação entre a oração completiva (objetiva ou subjetiva) e a principal, e separa dois grupos principais de verbos, os factivos e os implicativos, com subgrupos” (NEVES, 2000, p. 31).

É bastante significativa a discussão que Neves (2000) tece sobre os verbos, observando aqueles que constituem predicados através de três subclassificações: semântica, com integração de complementos e transitividade. Conquanto, para nós, o problema sintático referente à diferenciação do verbo transitivo e intransitivo precisa ser visto à luz da enunciação. Assim, é necessário observar a transitividade focando as particularidades do enunciado, entre elas, a expressividade e a responsividade, como nos apresentou Bakhtin (2003). Dessa maneira, são consideradas as relações dialógicas da linguagem.

De acordo com esta discussão, podemos afirmar que cada um dos gramáticos apresentados observa a Transitividade Verbal seguindo o construto teórico defendido por eles. Todavia, nem sempre as nomenclaturas utilizadas quanto à classificação dos verbos e complementos, bem como os argumentos mobilizados para isto, são

¹²⁰ Como exemplo, temos “Eles vieram **APEDREJAR dona Mocinha**” (Z) (NEVES, 2000 p. 29).

convergentes. Segundo Bakhtin/Volochinov (1981), os problemas sintáticos são bastante significativos e precisam ser vistos à luz da enunciação, isto é,

[...] os problemas sintáticos são da maior importância para a compreensão da língua e de sua evolução, considerando-se que, de todas as formas da língua, as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos *atos de fala*¹²¹. Todas as análises sintáticas do discurso consistem análises do corpo vivo da enunciação; portanto, é ainda mais difícil trazê-las a um sistema abstrato de língua. As formas sintáticas são mais concretas que as formas morfológicas ou fonéticas e são estreitamente ligadas às condições reais da fala. É por isso que, na nossa reflexão sobre os fatos vivos da língua, demos justamente prioridade às formas sintáticas sobre as formas morfológicas e ou fonéticas. Mas, como também já deixamos claro, um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria da enunciação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 140).

Seguindo este direcionamento, apresentaremos, no tópico (3.2), uma perspectiva enunciativa sobre os verbos intransitivos. Para nós, ocorre neles o processo de aglutinação sintático-semântico-discursiva, uma vez que o complemento está aglutinado no próprio verbo, não havendo a ocupação¹²² material do objeto. No entanto, em alguns contextos, nestes verbos pode acontecer a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, isto é, o complemento vir materializado no plano da sintaxe, tendo a ocupação do objeto, por motivações de ordem enunciativa.

3.2 A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva: um novo olhar sobre os verbos intransitivos

Eles não compreendem como estando em desacordo algo concorda consigo próprio: há uma conexão que trabalha em ambas as direções, como no arco e na lira.

Heráclito

Os gramáticos mostram a Transitividade Verbal apresentando uma classificação quanto aos verbos, seguindo o construto teórico que cada um defende. Assim, nem sempre utilizam a mesma nomenclatura, como explanamos na discussão realizada no tópico (3.1). No momento, iremos dialogar especificamente com o conceito de verbos intransitivos, abordando um olhar enunciativo sobre eles. Na nossa concepção, incide

¹²¹ Grifo do autor.

¹²² Termo que tomamos emprestado de Dias (2006).

sobre os verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir a aglutinação sintático-semântico-discursiva, uma vez que o complemento está aglutinado (unido) neles, não havendo a ocupação material do objeto. E, em alguns contextos, a desaglutinação sintático-semântico-discursiva do objeto. A título de ilustração, analisaremos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no exemplo (5):

Ex. (5)

Viver muito mais do que os avós já é uma realidade para a geração atual de jovens e adultos. A promessa da ciência agora é a de uma velhice mais saudável e prazerosa. [...] (VENTUROLI, 2004, p. 96. Grifo nosso)¹²³.

A reportagem *Viver mais e melhor*, escrita por Thereza Venturoli, informa-nos sobre a possibilidade de termos longevidade com qualidade de vida, considerando os avanços científicos na época. No exemplo (5), portanto, a palavra *viver* foi empregada sem o complemento *vida* no plano da sintaxe, não havendo a ocupação do objeto, visto que este está aglutinado no verbo. Segundo Dias (2006), o plano da sintaxe diz respeito ao lugar material da sintaxe, que, no caso do objeto, pode haver a ocupação ou não.

Em (5), observando a dimensão axiológico/valorativa, notamos que o sujeito-enunciador acredita no conhecimento científico, apreciando-o como algo positivo. Para este enunciador, já é possível o ser humano viver mais em comparação com outra geração (os avós), sendo incumbência da ciência garantir qualidade de vida na terceira idade. Desta forma, palavras como *saudável* e *prazerosa* trazem à tona a expressividade do sujeito-enunciador, já que ela é “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 289). Isto é, mostra sua confiança quanto aos feitos da ciência em relação à qualidade de vida na terceira idade, dialogando com a concepção daqueles que também acreditam na eficácia das descobertas científicas para a situação em foco. A ciência, por sua vez, passa a ser vista e valorada positivamente.

Como vimos no segundo capítulo, para Bakhtin (2003), qualquer enunciado é destinado a um interlocutor, que, por seu turno, exerce influência sobre seus elementos estilísticos e sua expressividade. Nesse sentido, a responsividade é constitutiva do enunciado. Destarte, “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza

¹²³ ANEXO E.

ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”¹²⁴.

O verbo *viver* e o complemento *vida* vêm do mesmo radial e, no exemplo (5), ocupar o lugar do objeto gera uma redundância linguística dispensável e indesejável, observando o tema (sentido completo da enunciação). Isto ocorre uma vez que a relação constitutiva entre a dimensão axiológica (ideologia), a valoração e a expressividade não permite a desaglutinação sintático-semântico-discursiva do complemento *vida* na reportagem em discussão. Considerando a teoria bakhtinina,

[...] o elemento expressivo é que determina o estilo e a composicionalidade do enunciado, isto é, a relação valorativa do falante com seu objeto de discurso e com os outros enunciados (já-ditos, pré-figurados) leva à escolha dos recursos lexicais, gramaticais (estilo) e composicionais de seu enunciado (PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 184).

Além do mais, na nossa concepção, desaglutinar o objeto *vida*, na ocasião analisada, não contribui para que o sujeito possa realizar a compreensão ativa da palavra *viver*, opondo uma contrapalavra.

Pelo exposto, seguindo os apontamentos teóricos discutidos por Bakhtin/Volochinov (1926), percebemos que a reportagem em discussão configura a interação social entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico da fala. E esta relação, por sua vez, não permitiu a desaglutinação do objeto *vida* no plano da sintaxe.

Neste sentido, segundo Bakhtin (2003), podemos afirmar que não escolhemos aleatoriamente a palavra, visto que o extraverbal influencia nisso. Desta forma, “escolhemos nossas palavras quando partimos do conjunto projetado do enunciado, ou seja, cada palavra que escolhemos é contagiada com a expressão valorativa do conjunto do enunciado” (PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 184).

Todavia, em algumas ocasiões, no verbo *viver*, há a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, ou melhor, o complemento *vida* é materializado no plano da sintaxe, havendo a ocupação do objeto, como acontece no exemplo (6):

Ex. (6)

[...] **A dor dos que ficaram** (grifo do autor) Desde que enterraram a filha, há cerca de dez dias, os aposentados Viriato Gomes de Souza, de 70 anos, e

¹²⁴ p. 271.

Risoleide Moutinho de Souza, de 71, não puderam se entregar ao luto. [...] Em meio à dor, Souza também tem de lidar com outra preocupação: a segurança da família que lhe restou. Nos últimos dias, eles têm recebido telefonemas perturbadores. São ligações a cobrar, daquelas em que se fala “alô” diversas vezes e a pessoa do outro lado da linha desliga. Em uma ocasião, chegaram a dizer a Rosileide: “Aqui é um traficante. Que palhaçada, vocês prederam meu amigo. A queimadinha não vai atender?”. A polícia foi acionada e monitora a situação. Ainda não se sabe se são trotes ou ameaças reais. “Sempre fui trabalhador, *vivi uma vida sossegada*. Fiz 70 anos em novembro e ainda não conhecia o lado perverso da vida”, desabafa Souza [...] (DINIZ; CARVALHO, 2003, p. 93. Grifo nosso)¹²⁵.

A reportagem *Condenados pela impunidade*, escrita por Laura Diniz e Julia Carvalho, em 2013, informa-nos sobre o auxílio-reclusão concedido àqueles que cometeram crimes e estão encarcerados. Segundo as repórteres, “o pagamento do ‘bolsa-bandido’ explodiu nos últimos doze anos e chegou a quase 40.000 famílias; enquanto isso, uma geração de órfãos do crime cresce desassistida no Brasil” (DINIZ; CARVALHO, 2013, p. 87).

Envoltas por esta situação, Laura Diniz e Julia Carvalho trouxeram depoimentos de pessoas que tiveram familiares mortos por bandidos em momentos distintos. Entre eles, o dos aposentados Viriato Gomes de Souza e Risoleide Moutinho de Souza. Eles enteraram a sua filha, Cinthya Moutinho de Souza, que foi queimada viva em seu consultório por bandidos. Além disso, ainda ficaram recebendo telefonemas anônimos em tom de ameaça. “A polícia foi acionada e monitora a situação. Ainda não se sabe se são trotes ou ameaças reais. ‘Sempre fui trabalhador, *vivi uma vida sossegada*’” [...] desabafa Souza [...] (DINIZ; CARVALHO, 2013, p. 92), conforme verificamos em (6). Aqui, observamos, que o verbo *viver* foi usado com o complemento verbal *uma vida sossegada* no plano da sintaxe.

No exemplo em foco, percebemos que, na visão do sujeito-enunciador, ele era um trabalhador que vivia pacatamente. E acreditava nesta ideologia até o assassinato de sua filha. O horizonte axiológico/valorativo demanda justamente desta maneira como o enunciador concebia a vida. Na sua concepção, tinha *uma vida sossegada*, dialogando com a noção do homem que também vienciava isso, sendo um cidadão trabalhador. Todavia, depois de ser confrontado com um acontecimento que ia de encontro a sua ideologia, descobriu que nem sempre a vida era tão tranquila, visto que os problemas sociais existiam, entre eles, a marginalidade. E a palavra *sossegada* mostra o sentimento

¹²⁵ ANEXO S.

do sujeito-enunciador quanto à sua vida, valorando-a positivamente até dado momento. Desta maneira, [...] “podemos entender que é só no contato do significado linguístico com a realidade concreta, só na penetrabilidade da língua com a realidade que se gera a centelha da expressão” (PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 185), assim como vimos no segundo capítulo.

No exemplo (6), a desaglutinação sintático-semântico-discursiva é gerada a partir da visão de mundo do enunciador, como uma réplica e responsável do sujeito-enunciador quanto ao objeto de discurso retratado. Assim, considerando o tema, desaglutinar o complemento *uma vida sossegada*, embora o verbo e o objeto venham do mesmo radical, não é visto como uma redundância linguística desnecessária, uma vez que a relação intrínseca entre a dimensão axiológica, o tom valorativo e a expressividade neste momento autorizou isso. Além do mais, o interlocutor pode compreender ativamente a palavra *sossegada*, considerando o tipo de vida do Sr. Viriato monótona, confortável, desgastante, parada, inacreditável etc.. Tudo isto dependerá de quem é este sujeito-interlocutor, qual lugar social ocupa, seu interesse sobre o assunto, sua relação com o Sr. Viriato etc.

Por conseguinte, igualmente, no exemplo (7), notamos a desaglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *viver*, já que o complemento está no plano da sintaxe, havendo a ocupação do lugar material do objeto:

Ex. (7)

- a) [...] O aposentado que mora no interior de Pernambuco, cresceu pouco porque comeu pouco. Há vinte anos, ele ganhou o apelido de “homem-Gabiru”. Aposentado aos 65 anos, ele finalmente tem dinheiro suficiente para se alimentar e *viver uma velhice tranquila*. Seu Amaro atribui sua melhora às políticas do presidente Lula [...] (ESCOSTEGUY, 2010, p. 261. Grifo nosso)¹²⁶.
- b) ‘Quando soube que estava com câncer na região anal, em 2001, fiquei abalada. Eu já havia vencido um tumor de pele, mas esse era bem mais grave. *Vivia* um momento especial da minha vida. Meus filhos tornavam-se adultos e eu estava amando de novo. Sentia-me feliz também com meu programa na televisão. Fiquei várias vezes internada, fiz 42 sessões de quimioterapia, que me debilitaram muito. Depois, entrei na radioterapia, e aí já não conseguia mais trabalhar. Meus filhos e meu então marido foram pessoas importantes nessas horas. Com a força deles, resolvi expor minha condição [...]’ (VALLADARES; BERGAMO, 2005, p. 81. Grifo nosso)

¹²⁶ ANEXO J.

A reportagem *A vida melhorou*, escrita por Diogo Escosteguy¹²⁷, informa-nos sobre um assunto que diz respeito à qualidade de vida de alguns brasileiros após as políticas do ex-presidente Lula, sendo apresentadas críticas em relação a isso. No exemplo (7a), a história de seu Amaro, um aposentado de 65 anos, é trazida à cena. No ponto de vista do sujeito-enunciador, a vida do aposentado foi bastante difícil no interior de Pernambuco, afetando até seu crescimento por causa da falta de comida. E, na naquele momento, tinha condição para comprar o alimento. O horizonte axiológico/valorativo implica nessa concepção que o enunciador apresenta sobre a mudança na qualidade de vida do aposentado, representante de uma classe social desfavorecida, que passa a *viver uma velhice tranquila*, dialogando com a ideia do nordestino que passou por tal dificuldade mediante a pobreza. E, por intermédio do governo do ex-presidente, conseguiu melhorar de vida. A palavra *tranquila* mostra a melhora quanto à qualidade de vida do aposentado, passando a ter um tom valorativo positivo.

Neste contexto, observando o tema (sentido completo da enunciação), notamos que desaglutinar do verbo *viver* o objeto *uma velhice tranquila* não é desnecessário, visto que a relação intrínseca entre a ideologia, os índices sociais de valor e a expressividade possibilita isso. Assim, esta transitividade é provocada pela visão de mundo do sujeito-enunciador, atuando como uma contrapalavra. E resulta da relação entre o falante, o ouvinte e o tópico da fala. Desta feita, o interlocutor pode realizar a compreensão ativa no que diz respeito à palavra *tranquila*, assumindo uma posição de respondente, que também é marcada pela dimensão axiológica. Poderá, por exemplo, discordar ou indagar sobre o tipo de velhice vivenciada por seu Amaro. Isso dependerá de quem é este sujeito-interlocutor, qual sua classe social, o grau de interesse e conhecimento em relação ao assunto abordado, dentre outros aspectos. As relações dialógicas, portanto,

[...] são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado [...], se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado [...], por outro lado, as relações dialógicas são possíveis entre os estilos de linguagem [...]. Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a própria enunciação como um todo [...]. (BAKHTIN, 2008, p. 210-211).

¹²⁷ ANEXO L.

Na reportagem *O fim dos mitos sobre o câncer*¹²⁸, os sujeitos enunciadoreis apresentam-nos uma série de estigmas sobre o câncer que está, ao longo da história, sendo desfeita. Entre elas, a ideia de que esta doença é uma sentença de morte irrevogável. Recorrendo ao discurso científico, na visão destes enunciadoreis, é possível controlá-la, garantindo ao paciente “uma sobrevida antes inimaginável e uma qualidade de vida bastante próxima daquela das pessoas que sofrem doenças crônicas” (VALLADARES; BERGAMO, 2005, p. 78). O câncer é visto e valorado por eles como uma condição indesejável, agressiva, problemática e, sobretudo, avassaladora. No entanto, a possibilidade de controlá-lo passa a ter um valor positivo, já que pessoas estão conseguindo ter uma sobrevida maior apresentando qualidade de vida.

Nesse contexto, foram expostos depoimentos de pessoas que tiveram a doença, entre elas, Ana Maria Braga: “[...] *Vivia* um momento especial da minha vida. Meus filhos tornavam-se adultos e eu estava amando de novo. Sentia-me feliz também com meu programa na televisão [...]” (VALLADARES; BERGAMO, 2005, p. 81), consoante podemos perceber no exemplo (7b). No ponto de vista do sujeito enunciador, saber mais uma vez que estava com o câncer foi apreciado como algo danoso, já que vivenciava uma fase muito boa em relação à família, à vida pessoal e ao campo profissional. A descoberta da doença foi valorada por ela como uma fatalidade, uma interrupção ao momento áureo pelo qual passava, tendo a família como um suporte essencial para superar tal fase.

Um momento especial da minha vida evidencia, então, o ponto de vista, os sentimentos e as emoções do enunciador no tocante ao momento experienciado, dialogando com a visão daqueles que também vivenciam a situação. Observando a esfera axiológico/valorativa e a expressividade, notamos que o verbo *viver* foi empregado com o objeto no plano da sintaxe, havendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. E essa transitividade surgiu da visão de mundo do enunciador, como uma contrapalavra. Para nós, desaglutinar do verbo o complemento em análise não é desnecessário, já que o sujeito-interlocutor pode compreendê-lo ativamente, assumindo uma posição de respondente.

¹²⁸ ANEXO L.

Mediante o exposto, verificamos fatores enunciativos que, em certas ocasiões, autorizaram a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo analisado, não havendo a ocupação do objeto. E, em outras situações, conduzem à ocupação do objeto no plano da sintaxe, gerando a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, como mostraremos nos quadros (1) e (2):

QUADRO (1): A aglutinação sintático-semântico-discursiva (sem a ocupação do objeto)

✓ A relação intrínseca entre o horizonte axiológico do discurso (a ideologia), a valoração (os índices sociais de valor) ¹²⁹ e a expressividade não autoriza a ocupação do lugar de objeto em algumas ocasiões.
✓ A relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala não permite a materialização do objeto no plano da sintaxe em certos momentos.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

QUADRO (2): A desaglutinação sintático-semântico-discursiva (com a ocupação do objeto)

✓ A relação intrínseca entre o horizonte axiológico (a ideologia), a valoração (os índices sociais de valor) e a expressividade autoriza a ocupação do lugar de objeto em algumas ocasiões.
✓ O fenômeno é gerado a partir da visão de mundo do sujeito-enunciador.
✓ O complemento materializado no plano da sintaxe atua como uma reação responsiva e responsável do sujeito-enunciador quanto ao objeto de discurso retratado
✓ A relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala permite a materialização do objeto no plano da sintaxe em certos momentos.
✓ O tema (sentido completo da enunciação).
✓ A compreensão ativa.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Desta feita, no quarto capítulo, analisaremos, em reportagens impressas, a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir, mostrando o que possibilita o fenômeno proposto. Além disso, abordaremos a desaglutinação sintático-semântico-discursiva em alguns destes verbos. Para tanto, seguiremos a orientação dos quadros (1) e (2).

¹²⁹ Nomenclatura utilizada por Rodrigues e Pereira (2014).

CAPÍTULO 4: OS VERBOS INTRANSITIVOS: UM PROBLEMA SINTÁTICO À LUZ DA ENUNCIÇÃO

Este capítulo apresenta uma proposta de análise baseada na enunciação. Com este fim, dialogamos com o conceito de linguagem na perspectiva dialógica, tema (sentido completo da enunciação), valoração etc., apresentados nesta tese. Como corpus, tivemos as seguintes reportagens: *Os três da Lua, Armstrong, Aldrin, Collins: quem são?*¹³⁰; *Ilmos. planos do Correio, lentos, difíceis e ambiciosos*¹³¹; *JK riu por último*¹³²; *Os pequenos imperadores*¹³³; *Viver mais e melhor*¹³⁴; *O fim dos mitos sobre o câncer*¹³⁵; *A utopia real de Gabeira*¹³⁶; *A rendição do último coronel*¹³⁷; *O caos depois do desastre*¹³⁸; *A vida melhorou*¹³⁹; *Eu quero ser Eike*¹⁴⁰; *O crack bate à nossa porta*¹⁴¹; *Cirurgia épica ao som de rock*¹⁴²; *Memórias que não se apagam*¹⁴³; *Afinal, a leitura da mente*¹⁴⁴; *Vidas repaginadas*¹⁴⁵; *Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais*¹⁴⁶; *Uma dama do lado direito da história*¹⁴⁷; *Condenados pela impunidade*¹⁴⁸; *A casa do horror*¹⁴⁹; *Filhos? Não, obrigada*¹⁵⁰; *O valor maior de Angelina*¹⁵¹.

No que diz respeito às referidas reportagens, em um primeiro momento, discutimos os aspectos constitutivos do gênero discursivo: conteúdo temático, elementos composicionais e estilo. Em seguida, analisamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir, apresentando as questões

¹³⁰ ANEXO A.

¹³¹ ANEXO B.

¹³² ANEXO C.

¹³³ ANEXO D.

¹³⁴ ANEXO E.

¹³⁵ ANEXO F.

¹³⁶ ANEXO G.

¹³⁷ ANEXO H.

¹³⁸ ANEXO I.

¹³⁹ ANEXO J.

¹⁴⁰ ANEXO K.

¹⁴¹ ANEXO L.

¹⁴² ANEXO M.

¹⁴³ ANEXO N.

¹⁴⁴ ANEXO O.

¹⁴⁵ ANEXO P.

¹⁴⁶ ANEXO Q.

¹⁴⁷ ANEXO R.

¹⁴⁸ ANEXO S.

¹⁴⁹ ANEXO T.

¹⁵⁰ ANEXO U.

¹⁵¹ ANEXO V.

enunciativas que possibilitam o fenômeno. Além disso, investigamos a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Para tal propósito, seguimos as orientações dos quadros (1) e (2).

4.1 A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva: uma proposta enunciativa

As reportagens impressas selecionadas como *corpus* são gêneros discursivos secundários. Logo, apresentam conteúdo temático, elementos composicionais e estilo peculiares, consoante visto no tópico (2.1). Por ser este gênero gestado em uma esfera social específica (Jornalismo), seus elementos constitutivos são influenciados por ela. E, a nosso ver, observando as reportagens escolhidas, é possível verificar nelas a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos escolhidos para análise. E a desaglutinação sintático-semântico-discursiva em determinadas situações.

Como mostramos em relação ao conteúdo temático, a reportagem impressa tem o propósito de informar, divulgar e/ou denunciar fatos sociais, discorrendo sobre assuntos diversos. Desta feita, cada reportagem aqui escolhida discutiu sobre um assunto peculiar, consoante será mostrado ao longo do texto.

O enunciado é concebido como um elo na cadeia discursiva, dialogando com outros enunciados anteriores e/ou posteriores a ele, como discorrido no tópico (2.2). Assim ocorre com as reportagens impressas selecionadas, já que elas, de fato, configuram um elo no fluxo da comunicação discursiva jornalística, dialogando com outros enunciados correlacionados. A título de ilustração, citamos a reportagem *Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais*¹⁵² que, na mesma edição da revista, dialoga com a outra subsequente, intitulada *Uma dama do lado direito da história*¹⁵³. Naquela, o repórter Luiz Maximiano informa ao leitor fatos referentes à inflação vivenciada em 2013 no Brasil, exemplificando com o aumento do preço do tomate, que chegou a R\$ 10,00 (dez reais) o quilo, entre outros fatores. Além disso, é tecida uma crítica em relação ao governo de Dilma Houssef, mostrando, posteriormente, a primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher como um exemplo a ser seguido, uma vez que ela tomou, em seu país, na época em que exercia a função, atitudes sérias para combater o problema da inflação, conforme evidenciamos no exemplo (8):

¹⁵² ANEXO Q.

¹⁵³ ANEXO R.

Ex. (8)

[...] Outra lei inquestionável é que a única maneira de combater verdadeiramente a inflação requer o controle da quantidade de dinheiro em circulação. Foi essa a lição que a primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher, que morreu na semana passada, pôs em prática assim que assumiu o poder, em 1979 (*veja a reportagem na pág. 56*¹⁵⁴) [...] (TEIXEIRA, 2013, p. 53).

Neste trecho, observamos que, de fato, a reportagem *Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais* dialoga com o enunciado *Uma dama do lado direito da história*, que é iniciada na página 56, havendo inclusive, no texto, uma indicação linguística (*veja a reportagem na pág. 56*). Nesta reportagem, na visão do sujeito-enunciador, Margaret Thatcher “salvou a Inglaterra do declínio econômico e político. O conjunto de suas ideias ganhou um nome, *thatcherismos*” [...] (TEIXEIRA, 2013, p. 57). O repórter, por sua vez, apresenta *en passant* a vida dela e, sobretudo, as medidas tomadas para vencer a inflação, como verificamos nos exemplos (9) e (10):

Ex. (9)

Margaret Thatcher morreu na ‘última segunda-feira, dia 8, vítima de derrame. Ela tinha 87 anos. Andou esquecida até que Meryl Streep a representou no cinema, em um filme espetacular que se fixou mais no outono de sua vida, o marido morto havia anos, como se ele estivesse tomando café da manhã com ela. Comovente e triste. Mas Thatcher, feita baronesa, depois de deixar o posto de primeira-ministra, se permitia raras demonstrações públicas de emoção. Ela estava com os olhos marejados de lágrimas quando diante da imprensa se despediu do cargo, ocupado por ela por onze anos, entre 1979 e 1990 [...] (TEIXEIRA, 2013, p. 57).

Ex. (10)

[...] Na campanha para as eleições de 1979, o Partido Conservador sagrou-se vitorioso e Margaret Thatcher assumiu como primeira-ministra. Suas convicções, formalistas no liberalismo, foram fortalecidas por valores morais e religiosos (ela era metodista e converteu-se no anglicanismo após se casar). A inflação, segundo ela, era ‘um mal traiçoeiro’. A liberdade individual, um valor moral a ser defendido em sua totalidade. O governo Thatcher teve um começo difícil. Para combater a alta dos preços, ela elevou os juros e passou a focar nos gastos governamentais [...] (TEIXEIRA, 2013, p. 59).

Os limites no tocante aos enunciados são evidenciados através da alternância dos sujeitos. Ao lermos as reportagens escolhidas como *corpus*, é possível, enquanto sujeitos ativos, termos uma atitude responsiva, podendo rejeitá-las, ratificá-las, refutá-las, criticá-las, indagá-las etc. A nossa compreensão ocorre ativamente, envolvendo sujeitos organizados socialmente, já que a língua é constituída através destes processos

¹⁵⁴ Grifo do autor.

de interação, conforme discutido no tópico (1.1). O interlocutor (leitor) é ativo, assumindo uma posição de respondente. No entanto, alguns fatores afetam a sua compreensão, tais como a posição social, as informações prévias e o interesse sobre o assunto discutido, o grau de envolvimento, o nível de escolaridade etc. O sentido nestas reportagens é construído, portanto, através da interação entre os sujeitos do discurso envolvidos, uma vez que não são pertencentes à palavra, ao falante nem tampouco ao interlocutor.

Para nós, em todas as reportagens escolhidas, os autores atentaram para a orientação social do enunciado, conseguindo representar para si os seus interlocutores (leitores) enquanto sujeitos ativos, influenciando a composição e o estilo. Como vimos, o elemento expressivo é quem determina o estilo e a composição do enunciado, ou melhor, a relação de valoração do sujeito-enunciador com seu objeto de discurso e os demais enunciados conduz à seleção dos recursos gramaticais (estilo) e lexicais, bem como da composição de seu enunciado.

Os campos da atividade humana, por sua vez, determinam seus tipos de destinatários. Os elementos composicionais e o estilo das reportagens selecionadas dependeram, conseqüentemente, de particularidades específicas. Dentre as quais, citamos: o destinatário e a influência deste para o enunciado. Nesse sentido, cada campo da comunicação discursiva tem uma percepção própria em relação aos destinatários, assim como ocorre com o Jornalismo.

Todas as referidas reportagens foram construídas em uma esfera discursiva peculiar, o Jornalismo, possuindo sua concepção típica de destinatário, condição que as especificam enquanto gênero discursivo. Portanto, os elementos composicionais e o estilo foram influenciados pelas particularidades desta esfera social.

Em relação ao estilo, nas reportagens selecionadas, observamos o estilo individual do sujeito-enunciador, mediante o tom apreciativo, a expressividade, a valoração etc. A título de exemplificação, temos a reportagem *Condenados pela impunidade*¹⁵⁵. Para tanto, apresentamos os exemplos (11), (12) e (13):

Ex. (11)

Hoje, quase 40000 presos brasileiros podem dormir tranquilos em sua cela com a certeza de que sua família está amparada pelo estado. Graças ao estímulo do governo federal, o número de criminosos que requereram e obtiveram o auxílio-reclusão aumentou 550% de 2000 a 2012 – uma alta que

¹⁵⁵ ANEXO S.

se deu em um ritmo três vezes maior do que a população carcerária. Entre os principais auxílios previdenciários, o chamado ‘bolsa-bandido’ é o segundo que mais cresceu nos últimos anos, atrás apenas da ajuda para quem sofreu acidente de trabalho [...] (DINIZ; CARVALHO, 2013, p. 87).

Ex. (12)

No Brasil, ao contrário do que acontece em países como França e Estados Unidos, familiares de alguém morto por bandidos não têm direito a nenhum benefício exclusivo, embora possam contar com o auxílio previdenciário genérico da pensão por morte – no valor de 920 reais, recebidos pelos dependentes dos contribuintes da Previdência Social. Já o auxílio-reclusão foi criado com a finalidade específica de proteger as famílias dos contribuintes. Ele é fruto de dois conceitos jurídicos. Um deles diz que, diferentemente, do que ocorre nas ditaduras, na democracia adimitem-se somente penas individuais – ou seja, a família do criminoso não pode pagar pelos erros dele. (DINIZ; CARVALHO, 2013, p. 88).

Ex. (13)

As crianças mostradas nesta reportagem perderam seus pais para o crime que mais pavor desperta nas grandes cidades, o latrocínio. É o roubo seguido de morte, e muitas vezes precedido de agressão, quando não tortura – como ocorreu no caso da dentista queimada viva por bandidos por ter apenas 30 reais em sua conta (veja na pág. 92¹⁵⁶) (DINIZ; CARVALHO, 2013, p. 90).

A reportagem *Condenados pela impunidade* informa-nos sobre o aumento do número de presos que estavam recebendo o auxílio-reclusão na época, trazendo à cena uma problemática social, envolvendo estes indivíduos, os parentes deles e a família das vítimas. Neste entorno situacional, o sujeito-enunciador mostra em relação a esse tipo de auxílio sua ideologia, seu ponto de vista, seus juízos de valor, sua visão de mundo, aflorando através do acento apreciativo, da valoração, da expressividade etc., observados no enunciado. Em (11), (12) e (13), por exemplo, verificamos que, na concepção do enunciador, o auxílio-reclusão cresceu demais no Brasil, por isso, muitos presos beneficiados podem *dormir tranquilos*, pois seus familiares estão assistidos. Enquanto as famílias das vítimas perdem brutalmente seus parentes sem ter *direito a nenhum benefício exclusivo*.

O horizonte axiológico/valorativo implica na maneira como o sujeito-enunciador concebe a marginalidade, acreditando que um preso não deveria ter regalias como o auxílio ‘bolsa-bandido’, valorando-o negativamente. Na visão do enunciador, no Brasil, está havendo uma inversão de valores no que diz respeito ao auxílio-reclusão, já que os parentes que perdem seu familiar são vítimas de uma situação fatídica, proporcionada por um problema social específico (a marginalidade). No entanto, estão sendo

¹⁵⁶ Grifo do autor.

Condenados pela impunidade, realidade que não é vivenciada em países como França e Estados Unidos.

Portanto, observando a escolha dos recursos lexicais e gramaticais (estilo)¹⁵⁷ das reportagens selecionadas, percebemos que houve a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir. E, em momentos específicos, a desaglutinação sintático-semântico-discursiva em alguns destes verbos, entre eles, viver, sonhar, rir etc.

Como mostramos nos quadros (1) e (2), há fatores enunciativos que possibilitam a aglutinação sintático-semântico-discursiva, isto é, o complemento vir aglutinado no verbo, não havendo a ocupação material do lugar de objeto em certas ocasiões. E, autorizam, a desaglutinação sintático-semântico-discursiva em momentos específicos. A título de ilustração, a seguir, nos exemplos (14), (15), (16) e (17), analisaremos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*:

Ex. (14)

[...] “Minha mãe é professora e meu avô era tenente-coronel da Aeronáutica. Cheguei a entrar em três faculdades – farmácia, enfermagem e engenharia química -, mas sempre me preocupei mais com as festas do que com os estudos. Da cocaína, passei para o crack, que alguns colegas usavam. Logo estava vendendo tudo o que eu tinha para comprar a droga. Não me interessava mais nem por minha namorada. Decidi me tratar quando percebi que não tinha a confiança de mais ninguém. No começo, sem o crack, sentia muita raiva. Tive de reaprender a lidar com as emoções. O mais difícil foi me adaptar a rotina: ter hora para acordar, comer, tomar banho, trabalhar. Precisa de remédios para controlar a ansiedade e *dormir*¹⁵⁸. Pensei em desistir, quando minha avó *morreu*, no terceiro mês da minha internação, e eu não pude nem ir ao enterro dela. Agora, eu me considero limpo. Quero voltar a estudar, mas fico pensando que ambiente eu vou encontrar. Se tiver drogas lá... Tenho medo de não conseguir resistir” [...] GABRIEL ZANE, 25 anos, monitor de clínica de recuperação (RS). Foi internado uma vez (BERGAMO et al., 2012, p. 67. Grifo nosso)¹⁵⁹.

Ex. (15)

[...] O transplante multivisceral foi descrito pela primeira vez em 1960, ao ser realizado em cães pelo médico Thomas Starzl, da Universidade da Pittsburgh, também americana. Lançada no fim da década de 70, a ciclosporina, medicamento usado contra a rejeição em transplantados, motivou as primeiras experiências em humanos. Em 1983, Starzl submeteu uma menina de 6 anos à técnica. Mas a paciente *morreu* imediatamente depois da operação em decorrência de intensa hemorragia (LOPES, 2012, p. 84. Grifo nosso)¹⁶⁰.

¹⁵⁷ Tais recursos são determinados pelo elemento expressivo, conforme apresentamos.

¹⁵⁸ Posteriormente, iremos analisar a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo dormir.

¹⁵⁹ ANEXO L.

¹⁶⁰ ANEXO M.

Deu-se início, então, ao processo de implatação do monobloco (veja o quadro na pág. 87). O evento mais extraordinário do transplante multivisceral aconteceu às 11h40, quando os cinco órgãos foram infundidos no sangue da receptora. Reviveram, portanto, no novo organismo. Apenas cinco segundos depois da sutura da aorta, o monobloco teve sua aparência transformada. De cor pálida e aspecto muco, ele enrubeceu e ganhou forma robusta (LOPES, 2012, p. 88. Grifo nosso).

Ex. (16)

[...] Outra lei inquestionável é que a única maneira de combater verdadeiramente a inflação requer o controle da quantidade de dinheiro em circulação. Foi essa a lição que a primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher, que *morreu* na semana passada, pôs em prática assim que assumiu o poder, em 1979 (veja a reportagem na pág. 56) [...] (MAXIMIANO, 2013, p. 53. Grifo nosso)¹⁶¹.

Ex. (17)

Margaret Thatcher *morreu* na última segunda-feira, dia 8, vítima de derrame. Ela tinha 87 anos. Andou esquecida até que Meryl Streep a representou no cinema, em um filme espetacular que se fixou mais no outono de sua vida, o marido morto havia anos, como se ele estivesse tomando café da manhã com ela [...] (TEIXEIRA, 2013, p. 57. Grifo nosso)¹⁶².

Nos exemplos (14), (15), (16) e (17), o verbo *morrer* foi usado com o complemento *morte* aglutinado nele, havendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva. A reportagem intitulada *O crack bate à nossa porta*, escrita por Giuliana Bergamo *et al.* (2012), informa-nos sobre um problema social seríssimo: o uso de crack por pessoas de classes sociais diversas. Nessa perspectiva, os repórteres nos apresentam depoimentos de indivíduos diferentes, mostrando os malefícios deste vício. Além disso, eles comentaram sobre a reabilitação de ex-viciados, os quais são internados em clínicas especializadas, na tentativa de serem curados do vício. Como exemplo, foi apresentada a história de Gabriel Zane¹⁶³, monitor de uma clínica de reabilitação, o qual já foi internado uma vez, na tentativa de superar a situação. No bojo desta discussão, o jovem afirmou: “Pensei em desistir, quando minha avó *morreu*, no terceiro mês da minha internação, e eu não pude nem ir ao enterro dela” (BERGAMO *et al.*, 2012, p. 67), consoante apresentamos em (14).

Na visão do sujeito-enunciador, ser usuário de drogas é bastante danoso no que diz respeito a vários aspectos. Entre eles, passar a ter uma vida desregrada e, sobretudo, perder o prazer até pela namorada, dialogando com a condição daqueles que também vivenciam isso. Verificando a dimensão axiológico-valorativa, notamos que, para ele,

¹⁶¹ ANEXO Q.

¹⁶² ANEXO R.

¹⁶³ Na época com 25 anos.

por pertencer à classe média, até dado momento teve uma vida social saudável com oportunidades concretas para investir em sua formação acadêmica. Todavia, ao ser apresentado às drogas, ficou dependente delas, rompendo com algumas regras de conduta sociais, dentre elas, vender todos os seus pertences para adquirir drogas. Através de palavras como *raiva*, *desistir* e *limpo*, é possível perceber os sentimentos e as emoções do sujeito-enunciador em relação a três fases distintas quanto à sua reabilitação. No primeiro momento, ao ser intonado, sem o crack, ele tinha *raiva*. Durante o tratamento, quis desistir, uma vez que achou muito difícil suportar esta fase, inclusive, quando sua avó *morreu*, sendo impedido de ir ao velório dela. Depois, sente que está *limpo*, fazendo planos para seu futuro, embora tenha a sensação de insegurança quanto ao processo de ressocialização.

Com isso, notamos que, ao ser usada a palavra *morreu*, a relação entre a dimensão axiológico-valorativa e a expressividade não permitiu que o objeto *morte* fosse materializado no plano da sintaxe. Para nós, desaglutinar o objeto, possivelmente, não auxilia o interlocutor compreender ativamente a palavra *morreu*. Desta feita, nestas circunstâncias a aglutinação sintático-semântico-discursiva é resultado da relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala.

Na reportagem *Cirurgia épica ao som de rock*, a repórter Adriana Dias Lopes, ao informar sobre a primeira cirurgia multivisceral (de cinco órgãos), em São Paulo, realizada no Hospital Albert Einstein, apresenta todos os passos e procedimentos das dezesseis horas deste procedimento. Dentre eles, o fato desta cirurgia ter sido feita *ao som de rock*, isto é, na sala cirúrgica, a equipe, durante o procedimento, ouvia clássicos do rock. De antemão, ela fez uma breve contextualização histórica sobre o transplante multivisceral. Segundo Adriana Dias Lopes, a experiência foi realizada pelo médico Thomas Starzl, em 1960, pela primeira vez com cães. “[...] Em 1983, Starzi submeteu uma menina de 6 anos à técnica. Mas a paciente *morreu* imediatamente depois da operação em decorrência de intensa hemorragia [...]” (LOPES, 2012, p. 84), como apresentamos em (15). Neste exemplo, igualmente, ocorre a aglutinação sintático-semântico-discursiva na palavra *morreu*, sendo aglutinado o complemento *morte* nela.

Na concepção do sujeito-enunciador, em 1983, a primeira tentativa do referido transplante realizada pelo médico Thomas Starzl em um ser humano não deu certo, uma vez que a menina de seis anos *morreu imediatamente* após. No entanto, em abril de 2012, a primeira cirurgia multivisceral (de cinco órgãos) feita no Hospital Albert

Einstein, em São Paulo, foi um sucesso, sobrevivendo a paciente. A dimensão axiológico/valorativa evidencia que o enunciador observa os avanços científicos sobre certas patologias como algo benéfico para a sociedade, já que pode salvar vidas em situações de grande risco de morte, dialogando com a concepção daquelas pessoas que têm este mesmo ponto de vista.

A expressividade do enunciado traz à cena a visão positiva do sujeito-enunciador sobre o resultado do transplante multivisceral realizado no Brasil, o qual fica encantado com o resultado dos médicos. Na sua concepção, “o evento mais extraordinário do transplante multivisceral aconteceu às 11h40, quando os cinco órgãos foram infundidos no sangue da receptora. Reviveram, portanto, no novo organismo”¹⁶⁴. Assim sendo, o resultado da cirurgia realizada pelo médico Thomas Starzl passa a ser valorado com um tom negativo, visto que a paciente *morreu imediatamente*. E o transplante feito no Brasil positivamente.

Para nós, verificando o sentido completo da enunciação, mais uma vez a relação entre o universo axiológico/valorativo e a expressividade não autoriza a desaglutinação sintático-semântico-discursiva do objeto *morte*. Assim sendo, desaglutinar o objeto *morte* nesta ocasião não contribui para que o interlocutor possa assumir uma posição de respondente em relação à palavra *morreu*, compreendendo-a ativamente.

A reportagem *Cirurgia épica ao som de rock* configurou a interação social entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico da fala, sendo materizada como enunciado. E não desaglutinar o complemento *morte* no plano da sintaxe, ocupando o lugar do objeto, resultou deste tipo de interação.

Nas reportagens *Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais* e *Uma dama do lado direito da história*, mais uma vez o verbo *morrer* foi empregado sem o complemento *morte* no plano da sintaxe. Em *Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais*, o repórter Luiz Maximiano, em 2013, discorreu sobre a inflação e o governo de Dilma Houssef. No ponto de vista do sujeito-enunciador, a inflação naquele momento era absurda, o quilo do tomate tinha chegado a 10,00 reais, sendo estritamente necessário o governo tomar atitudes sérias. Na sua visão, para combater a inflação, seria necessário o *controle da quantidade de dinheiro em circulação*, assim como fez, na Inglaterra, Margaret Thatcher. “Foi essa a lição que a primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher, que

¹⁶⁴ p. 88.

morreu na semana passada, pôs em prática assim que assumiu o poder, em 1979 [...]” (TEIXEIRA, 2013, p. 53), como mostramos no exemplo (16).

A dimensão axiológico-valorativa mostra que o sujeito-enunciador não concordava com a ideologia do governo de Dilma naquela época, julgando-o inadequado. Este governo, portanto, passa ser valorado negativamente. No entanto, considera acertada a maneira como Margaret Thatcher agiu, quando assumiu o cargo de primeira ministra da Inglaterra, conseguindo resolver alguns problemas pontuais através das medidas que tomou, entre elas: *o controle da quantidade de dinheiro em circulação*.

O enunciado em discussão, por conseguinte, dialoga com a reportagem *Uma dama do lado direito da história*. Na visão do sujeito-enunciador desta reportagem, os feitos realizados por Margaret Thatcher para combater a inflação na Inglaterra também são vistos e valorados positivamente, apreciando-a como um exemplo a ser seguido por chefes de governo de outros países, entre eles, o Brasil. No bojo deste entorno situacional, este enunciador igualmente nos informa sobre a morte dela: “Margaret Thatcher *morreu* na última segunda-feira, dia 8, vítima de derrame. Ela tinha 87 anos [...]” (TEIXEIRA, 2013, p. 53).

A nosso ver, verificando o tema, nos dois enunciados em foco, a relação entre o horizonte axiológico/valorativo e a expressividade não autoriza a transitividade na palavra *morreu*, possibilitando desaglutinar o objeto *morte* no plano da sintaxe. Esta impossibilidade, por sua vez, é resultado da relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala.

Entretanto, observamos que, em algumas ocasiões, houve o uso da desaglutinação sintático-semântico-discursiva no plano da sintaxe, tendo a ocupação do lugar do objeto, conforme ocorreu nos exemplos (18), (19), (20), (21), (22) e (23):

Ex. (18)

[...] Sarney é o quarto político que presidiu o Senado nos últimos dez anos a cair em desgraça. Antes dele, Antonio Carlos Magalhães, Jader Barbalho e Renan Calheiros passaram por processos idênticos, o que mostra que o problema principal nunca foi enfrentado. “O Senado *vive uma crise institucional* provocada pela falta de ética, pela complacência com o uso indevido dos recursos políticos e pela falta de transparência”, analisa o cientista político Lúcio Rennó, da Universidade de Brasília. “Não adianta apenas mudar os nomes. É necessária uma mudança radical nas práticas”. A questão é que isso não interessa a quem deveria promover as mudanças – e os escândalos envolvendo o senador José Sarney explicam por quê [...] (CABRAL; ESCOSTEGUY, 2009, p. 62-63. Grifo nosso)¹⁶⁵.

¹⁶⁵ ANEXO H.

Ex. (19)

[...] Simone de Beauvoir não poderia mesmo ver a maternidade como a essência da mulher. Ela teria que ser parte da existência, da realidade humana completa, da escolha e do compromisso pessoal, de que fala Kierkegaard. Para a parceira de Sartre, a maternidade como obrigação era equivalente a uma pena de prisão. A possibilidade de *viver uma vida plena e feliz* sem filhos foi então sendo lentamente aceita [...] (JIMENEZ, 2013, p. 119. Grifo nosso)¹⁶⁶.

Ex. (20)

[...] Em 2005, a empresa de distribuição de equipamentos para diagnósticos que Vinícius Pereira fundou em Belo Horizonte estava na lama: devia dez vezes o seu faturamento. Aconcelhado pela família a fechá-la, ele teimou: passou a trabalhar noite e dia para salvá-la. Naquele ano, O Brasil *viveu um surto de dengue*, e Pereira era o único distribuidor que tinha em estoque kits de testes rápidos para diagnosticar a doença. Em um ano quintuplicou seu faturamento. Investiu em mais kits, usados para identificar diversas enfermidades, e cresceu muito (RANGUEL; CARVALHO; DINIZ, 2012, p. 83. Grifo nosso)¹⁶⁷.

Ex. (21)

[...] O Brasil *vive um retrocesso intelectual e de métodos aos anos 60*, quando não havia nenhum dos atuais instrumentais de diagnósticos e controle de desequilíbrios econômicos estruturais. [...] (MAXIMIANO, 2013, p. 54. Grifo nosso)¹⁶⁸.

Ex. (22)

[...] Na semana passada, com a divulgação de que os índices de inflação superaram a meta estabelecida pelo governo, parece que se acendeu um alerta vermelho em Brasília. A avaliação geral é que a corrosão na credibilidade da política econômica foi longe demais. A inflação começa a preocupar os aliados de Dilma no congresso. O presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), defende a ideia de que o governo adote medidas mais enérgicas para eliminar o problema. Alves alega que a mera dúvida sobre a capacidade de debelar a escala dos preços alimenta expectativas adversas entre os empresários, que por isso adiam investimentos e partem para a remarcação preventiva de seus preços. “As medidas anunciadas até agora foram paliativas e insuficientes”, diz Alves. Para o ex-presidente da República José Sarney, que *viveu na pele o drama da perda de popularidade* em decorrência do fracasso do Cruzado e do descontrole inflacionário, o governo não pode afrouxar o rigor monetário. “A inflação desorganiza totalmente a economia e penaliza os mais pobres. Isso é a pior coisa que existe”, afirma Sarney. [...] (MAXIMIANO, 2013, p. 54. Grifo nosso)¹⁶⁹.

Ex. (23)

[...] Dona Marcelina sempre *viveu uma existência tão miserável* que foi incapaz de cuidar de si mesma – nem se fale de uma criança que exigia cuidados constantes. Ela recebia 134 reais do Bolsa Família, porém, como deixou de atualizar seu cadastro, os pagamentos foram suspensos há cinco meses. Mateus se transformou numa criança agressiva, com paralisantes dificuldades para se comunicar. Está matriculado na escola, onde deveria cursar o 3 ano do ensino fundamental – mas, assim como os irmãos, deixou

¹⁶⁶ ANEXO U.

¹⁶⁷ ANEXO K.

¹⁶⁸ ANEXO Q.

¹⁶⁹ ANEXO Q.

de ir à aula desde que cessaram os pagamentos do Bolsa Família. Prefere pedir esmolas na rua, sob o olhar complacente de Dona Marcelina [...] Mateus recebeu ajuda por meio do Bolsa Família, do programa de distribuição de leite, dos professores da escola, dos vizinhos, do dono do supermercado. Ajudaram todos que poderiam ajudar. O governo Lula também ajudou. Ainda que com muitas falhas, ele cumpriu sua promessa de levar comida a esses brasileiros. A solução, porém, iluminou o restante do problema: miséria não se resume à falta de comida [...] (ESCOSTEGUY, 2010, p. 265. Grifo nosso)¹⁷⁰.

A reportagem *A rendição do último coronel*, escrita por Otávio Cabral e Diego Escosteguy, informa-nos sobre a queda de José Sarney, que desocuparia o seu cargo, na época, devido a possíveis falcaturas. Para tanto, são apresentados alguns pontos de vista sobre o assunto, entre eles, o do cientista político Lúcio Rennó. Na concepção do sujeito-enunciador, “[...] o Senado *vive uma crise institucional* provocada pela falta de ética, pela complacência com o uso indevido dos recursos políticos e pela falta de transparência’, analisa o cientista político Lúcio Rennó [...]” (CABRAL; ESCOSTEGUY, 2009, p. 62-63), consoante mostramos no exemplo (18). Aqui, verificamos que o verbo *viver* foi usado com o complemento *uma crise institucional* no plano da sintaxe.

Na visão do sujeito-enunciador, no Brasil, a política, precisa mudar a ideologia, havendo modificações pontuais em relação às práticas dos políticos, uma vez que ser desonesto, não ter ética etc. passou a ser comum. No entanto, isso não ocorre, pois tal distorção na conduta moral de muitos políticos é de interesse deles, os quais são beneficiados com as falcaturas feitas. A dimensão axiológico-valorativa mostra a descrença do enunciador quanto à política brasileira, por causa dessa desconstrução ideológica. Isto é, em vez do político ser sinônimo de ética, moral, honestidade etc. simboliza o contrário, havendo uma inversão de valores sociais no senado, que *vive uma crise institucional* justamente por isso. Desta forma, é atribuído à política brasileira um tom valorativo eminentemente negativo.

A nosso ver, observando o tema, verificamos que, no plano da sintaxe, desaglutinar da palavra *vive* o objeto *uma crise institucional*, não é dispensável, já que este complemento atua como uma réplica. Isto é, dialoga com a visão daqueles que também acreditavam na crise vivenciada pelo Senado devido aos motivos apresentados.

¹⁷⁰ ANEXO J.

Portanto, preencher o lugar do objeto neste momento é responsabilidade do sujeito-enunciador quanto ao objeto de discurso retratado.

Assim, o objeto *uma crise institucional* é gerado a partir da visão de mundo do sujeito-enunciador. A relação entre o universo axiológico/valorativo e a expressividade autoriza, portanto, tal complemento vir no plano da sintaxe. Este complemento resulta do diálogo entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico da fala. Na nossa concepção, desaglutinar da palavra *vive* o objeto *uma crise institucional* é desnecessário, pois o sujeito-interlocutor pode compreender ativamente as palavras *crise* e *institucional*, opondo uma contrapalavra.

Já na reportagem *Filhos? Não, obrigada*, escrita por Gabriele Jimenez, é trazida à tona uma discussão sobre o direito da mulher no tocante à escolha de ter ou não filhos, mostrando a história de algumas pessoas comuns e da atriz Totia Meireles. Na visão do sujeito-enunciador, cabe à mulher escolher ter ou não filhos, podendo focar em outras áreas, a exemplo, a profissional, e ser feliz sem ser mãe. Entretanto, “[...] a possibilidade de *viver uma vida plena e feliz* sem filhos foi então sendo lentamente aceita [...]” (p. 119). Tal visão de mundo, por sua vez, vai de encontro à maneira como a maternidade foi valorada durante séculos, isto é, como uma obrigação. O horizonte axiológico/valorativo evidencia justamente essa mudança de ponto de vista quanto ao direito de escolha de viver ou não a maternidade sem frustrações. Optar por não experienciar ser mãe, então, passa a ter um tom valorativo positivo.

Nesse contexto, observamos que o verbo *viver* foi usado como o objeto *uma vida plena e feliz* no plano da sintaxe, havendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Na visão do enunciador, este complemento dialoga com a ideia da mulher que vive a maternidade. E a transitividade surge dessa visão de mundo do sujeito-enunciador. Desta forma, a relação entre a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade autoriza que haja a ocupação material do lugar do objeto. Além do mais, para nós, é possível o sujeito-interlocutor compreender ativamente *uma vida plena e feliz*.

A reportagem *Eu quero ser Eike*, escrita por Carolina Ranguel, Julia Carvalho e Laura Diniz, apresenta-nos uma discussão sobre o surgimento de novos milionários no Brasil. No ponto de vista dos sujeitos enunciadore, diariamente há brasileiros que ficam ricos neste país. E muitos deles tinham como modelo o empresário Eike Batista, na época considerado o oitavo homem mais rico do mundo.

Neste cenário, na visão dos enunciadores, os novos milionários, geralmente, foram pessoas humildes que lutaram e trabalharam muito, conseguindo enriquecer frente às dificuldades encontradas. Entre eles, Vinícius Pereira que, em 2005, tinha uma empresa de distribuição de equipamentos para diagnóstico falida, no entanto, intensificou o trabalho e mudou a situação. Fato este também influenciado, segundo os enunciadores, por uma situação crítica vivenciada no Brasil: “[...] Naquele ano, o Brasil viveu um surto de dengue, e Pereira era o único distribuidor que tinha em estoque kits de testes rápidos para diagnosticar a doença [...]” (RANGUEL; CARVALHO; DINIZ, 2012, p. 81), como mostramos em (20). Investindo, portanto, também em outros kits para identificar vários tipos de doenças, Vinícius enriqueceu, ficando milionário.

A dimensão axiológico/valorativa evidencia a ideologia quanto ao resultado positivo do trabalho. Ou melhor, pessoas que não nasceram muito ricas podem trabalhar intensamente, havendo a possibilidade de ficarem milionárias, desconstruindo a ideia de que esta seria uma condição apenas de outras classes sociais. Ter nascido em uma classe social baixa ou média não seria empecilho para virar um milionário, uma vez que isso poderia vir do esforço quanto ao trabalho.

No bojo desta discussão, verificamos que o verbo *viver* foi empregado com o objeto *um surto de dengue* no plano da sintaxe, tendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Este ponto de vista dos sujeitos enunciadores, portanto, dialoga com a visão daqueles que também consideravam que o Brasil vivenciava este momento crítico na época. *Um surto de dengue*, por sua vez, observando o tom apreciativo, passa ter um valor positivo, já que, na visão dos enunciadores, auxiliou Pereira chegar à condição de milionário. A transitividade surge exatamente desta visão de mundo do enunciador. A relação entre a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade, por sua vez, propicia o lugar material do objeto ser preenchido. E, a nosso ver, neste entorno situacional, o sujeito-interlocutor pode compreender ativamente *um surto de dengue*, lançando uma contrapalavra.

A reportagem *Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais*, escrita por Luiz Maximiano, apresentou-nos, na época em que foi escrita, uma discussão sobre a inflação no Brasil, criticando o governo de Dilma Houssef, conforme discutimos no exemplo (16). Na visão do sujeito-enunciador, “[...] o Brasil vive um retrocesso intelectual e de métodos aos anos 60, quando não havia nenhum dos atuais instrumentais de diagnósticos e controle de desequilíbrios econômicos estruturais [...]”

(MAXIMIANO, 2013, p. 54), como podemos perceber em (21). Verificando o acento apreciativo, observamos que o governo de Dilma é valorado negativamente, já que, segundo o enunciador, retroagiu em alguns aspectos, entre eles, a intelectualidade e os métodos. Dando sequências às críticas no tocante ao governo de Dilma Houssef, ele, em seu texto, usou o verbo *viver* desaglutinando, no plano da sintaxe, o complemento *um retrocesso intelectual e de métodos aos anos 60*.

Envolto por esta problemática, o repórter trouxe à tona a opinião de outros políticos sobre a situação vivenciada pelo Brasil, entre elas, a de José Sarney. Na concepção do sujeito-enunciador, José Sarney já “[...] *viveu na pele o drama da perda de popularidade* em decorrência do fracasso do Cruzado e do descontrole inflacionário [...]” (MAXIMIANO, 2013, p. 54), como explanamos no exemplo (22). Nesse entorno, o enunciador confere ao governo de José Sarney um acento valorativo negativo, assim como fez com o governo de Dilma na ocasião.

A relação entre o horizonte axiológico/valorativo e a expressividade permitiu desaglutinar da palavra *vive* e *viveu* os respectivos objetos: *um retrocesso intelectual e de métodos aos anos 60* e *o drama da perda de popularidade* no plano da sintaxe. Aquele dialoga com a visão dos que também acreditam que o Brasil vivia este tipo de retrocesso no momento. Palavras como *retrocesso* mostra a maneira como o enunciador valora esta fase específica na política brasileira. Isto é, como um ato de retroceder em vez de seguir os avanços esperados no que diz respeito à intelectualidade e aos métodos. O complemento surge desta visão de mundo do sujeito-enunciador como uma réplica.

Ao passo que o objeto *o drama da perda de popularidade* dialoga com a ideia dos que também compactuam com a visão de que efetivamente José Sarney perdeu a popularidade por causa das razões apresentadas. Palavras como *drama* e *perda* mostram que, no ponto de vista do enunciador, perder a popularidade para um presidente é algo que tem um valor social eminentemente negativo. E, por ter sido decorrência de ações governamentais inadequadas, isso passa a ser apreciado como danoso para sua trajetória política, bem como para sua imagem diante da sociedade. Portanto, o complemento *o drama da perda de popularidade* é gerado a partir desta visão de mundo do enunciador como uma ação responsiva.

Por outro lado, para nós, é possível o sujeito-interlocutor assumir uma posição responsiva em relação ao objeto nas duas ocasiões em discussão, compreendendo-o

ativamente. Desta feita, a desaglutinação sintático-semântico-discursiva resultou da relação dialógica entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala.

A reportagem *A vida melhorou*¹⁷¹, escrita por Diego Escosteguy, em 2010, por seu turno, informa-nos sobre as supostas melhorias na qualidade de vida de brasileiros pobres, oriundas das políticas econômicas e sociais do governo Lula. Como vimos, o gênero discursivo materializa a valoração e a ideologia, assim, nesta reportagem o sujeito-enunciador faz uma apreciação sobre o assunto discutido. “Ainda que com muitas falhas, ele cumpriu sua promessa de levar comida a esses brasileiros. A solução, porém, iluminou o restante do problema: miséria não se resume à falta de comida [...]” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 265), na concepção do enunciador, como mostramos em (23).

O tom apreciativo permite-nos observar que, no ponto de vista do enunciador, o tipo de melhoria proporcionada pelo governo Lula à classe social desfavorecida não é suficiente para garantir qualidade de vida, já que a condição sub-humana de miserável não está limitada apenas à falta de comida. No entanto, o sujeito-enunciador não nega que o fato de possibilitar pessoas miseráveis terem alimento na mesa é uma atenuação ao problema social vivenciado por elas. Assim, as políticas públicas do governo Lula passam a ser vistas e valoradas como um paliativo para o problema social apresentado.

No propósito de ilustrar o tipo de melhoria na vida de pessoas beneficiadas pelo governo Lula, o enunciador mostrou a história de algumas destas, discutindo sobre a maneira como viviam, a exemplo, dona Marcelina e o filho, mostrado em (23). No ponto de vista do enunciador, “[...] dona Marcelina sempre viveu uma existência tão miserável que foi incapaz de cuidar de si mesma – nem se fale de uma criança que exigia cuidados constantes. [...]” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 265). Nesse contexto, o verbo *viver* foi empregado com o objeto *uma existência tão miserável* no plano da sintaxe, tendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva.

O sujeito-enunciador aprecia a vida de dona Marcelina como *uma existência tão miserável* que a tornou incapaz de gerir sua própria história, sendo, por extensão, igualmente impraticável cuidar de um filho especial. Ela teve uma ajuda do governo por um tempo, recebendo 134,00, todavia, não atualizou o cadastro e perdeu o benefício. Com isso, no ponto de vista do enunciador, a vida dela ficou mais complicada, o filho

¹⁷¹ No terceiro capítulo (tópico 3.1), em *A vida Melhorou*, analisamos outra ocorrência da aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *viver*, no propósito de apresentarmos este fenômeno.

deixou de estudar, dando preferência a pedir esmolas sob a fiscalização de dona Marcelina. E a transitividade da palavra *viveu* surge exatamente desta visão de mundo do sujeito-enunciador.

A relação intrínseca entre o horizonte axiológico/valorativo e a expressividade, portanto, proporcionou o objeto vir materialmente no plano da sintaxe como uma ação responsiva. Isto é, *uma existência tão miserável* dialoga com a visão daqueles que também vivenciam a realidade de dona Marcelina. Palavras como *existência tão miserável* mostram o ponto de vista do enunciador em relação ao tipo de vida que ela viveu. Por fim, a nosso ver, o sujeito-interlocutor pode compreender ativamente o objeto, opondo uma contrapalavra.

Na reportagem *Viver mais e melhor*¹⁷², escrita por Thereza Venturoli, todavia, percebemos que, no verbo *viver*, ocorreu a aglutinação sintático-semântico-discursiva, não havendo a materialização do objeto no plano da sintaxe, como mostraremos em (24):

Ex. (24)

[...] Tirar a sorte grande na loteria genética ajuda mesmo a *viver* mais e melhor. Um estudo comandado pelo geriatra Thomas Perls, da Universidade de Boston, apontou que 20% dos centenários americanos fumam, vários mantêm uma dieta desequilibrada e pelo menos 10% sofreram em algum momento da vida problemas cardíacos, derrames ou diabetes (VENTUROLI, 2004, p. 99. Grifo nosso)¹⁷³.

Na visão do sujeito-enunciador, na referida reportagem, já é possível vivermos mais com qualidade de vida, graças aos avanços científicos, à mudança de hábitos alimentares, à prática de atividade física, à genética etc. Em relação à longevidade com qualidade de vida, ele afirma que “[...] tirar a sorte grande na loteria genética ajuda mesmo a *viver* mais e melhor [...]” (VENTUROLI, 2004, p. 99), como mostramos em (24), dialogando com a condição dos que vivem esta situação. A partir do acento apreciativo, verificamos que a genética foi aludida e valorada como algo positivo para chegarmos à Terceira Idade com qualidade de vida. Aqui observamos que o verbo *viver* foi usado sem o objeto no plano da sintaxe.

¹⁷² No terceiro capítulo (tópico 3.1), em *Viver mais e melhor*, analisamos outra ocorrência da aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *viver*, no intuito de apresentarmos este fenômeno.

¹⁷³ ANEXO E.

A relação entre a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade não permitiu que houvesse a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Ou seja, escrever “[...] tirar a sorte grande na loteria genética ajuda mesmo a *viver vida* mais e melhor [...]” (VENTUROLI, 2004, p. 99). Então, a aglutinação sintático-semântico-discursiva resultou da interação social entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala. Para nós, desaglutinar o objeto *vida* não contribue para que o sujeito-interlocutor possa compreender ativamente a palavra *viver*, opondo uma contrapalavra.

Igualmente, na reportagem em discussão, notamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos *nascer*, *morrer*, *cair*, *amadurecer* e *envelhecer*, pelas mesmas razões discutidas em (24), como veremos em (25):

Ex. (25)

- a) [...] *Nascer*... Na infância nosso ponto franco é o imunológico: para se fortalecer, vai precisar de muito treino. Por isso as crianças são mais susceptíveis a infecções (VENTUROLI, 2004, p. 96. Grifo nosso).¹⁷⁴
- b) [...] Uma pessoa perde neurônios desde que *nasce* – cerca de um milhão até os 30 anos. Mas só percebe isso a partir dos 40: os reflexos ficam mais lentos e a memória, mais fraca. Aos 70, o cérebro está menor e os reflexos diminuem. A lembrança de fatores recentes fica reduzida. Mas a memória cristalizada e a capacidade de aprendizagem continuam intactas (VENTUROLI, 2004, p. 98. Grifo nosso).
- c) [...] Um organismo *morre* quando suas células começam a parar de funcionar pela simples razão de que já nasceram programadas para esse evento final. A morte não é um ponto fora da curva, mas um fenômeno que faz parte da própria geração do ser vivo. Ainda no útero, as células do feto humano cometem uma série de suicídio – num processo chamado apoptose – para criar algumas partes do corpo. (VENTUROLI, 2004, p. 103. Grifo nosso)
- d) [...] Desde a década de 70, sabe-se que as células humanas têm capacidade limitadas para se reproduzir: não se duplicam mais do que cinquenta vezes. Depois *morrem*. (VENTUROLI, 2004, p. 103. Grifo nosso)
- e) Aos 20 anos, elastina e colágeno garantem o viço cutâneo. Aos 70, a produção destas proteínas já *caiu* muito. Pouco elástica, a pele cria ainda mais rugas e fica 20% mais fina que na mocidade. Menos ativas, as glândulas sudoríparas e sebáceas ressecam a pele e a deixa sujeita de infecções. (VENTUROLI, 2004, p. 98. Grifo nosso)
- f) [...] ...*Amadurecer*... Aos trinta anos o ser humano está no auge de suas funções mentais, físicas e sexuais. Mas, no nível das células, o envelhecimento já está começando a se instalar. (VENTUROLI, 2004, p. 97. Grifo nosso)
- g) [...] A apoptose é ativada também sempre que o ataque de agentes externos – radiação, poluição e ingestão de substâncias tóxicas às

¹⁷⁴ ANEXO E.

células, por exemplo – provoca mutações nos núcleos ou nas organelas celulares. Essa é a idéia (sic) que está na base da teoria do dano oxidativo, uma das mais axionadas para explicar esses fenômenos. Segundo essa teoria, o organismo *envelhece* porque vai se intoxicando de oxigênio. (VENTUROLI, 2004, p. 102. Grifo nosso)

No ponto de vista do sujeito-enunciador quanto a *nascer*, a infância é a fase mais frágil que vivenciamos, uma vez que nossa imunidade é fraca, motivo que explica o porquê das crianças poderem ter mais infecções, assim como vimos em (25a). O acento apreciativo confere à infância uma valoração até certo ponto de negatividade no tocante à saúde. Palavras como *ponto fraco* e *frágil* mostram este tipo de avaliação por parte do enunciador.

Em relação ao envelhecimento, na concepção do enunciador, “[...] uma pessoa perde neurônios desde que *nasce* – cerca de um milhão até os 30 anos [...]” (VENTUROLI, 2004, p. 98). No entanto, só chegando aos quarenta tem consciência disso, uma vez que seus reflexos vão perdendo a rapidez e a memória vai sendo comprometida. E aos 70 o cérebro tem seu tamanho diminuído, bem como os reflexos reduzidos, conforme vimos em (25b). Mediante o tom apreciativo, verificamos que a diminuição de neurônios passa a ser concebida e valorada como algo natural, inevitável e negativa para o ser humano, já que, através dela, o organismo vai, aos poucos, perdendo sua capacidade e morrendo.

Assim, na visão do enunciador, “[...] Um organismo *morre* quando suas células começam a parar de funcionar pela simples razão de que já nasceram programadas para esse evento final [...]” (VENTUROLI, 2004, p. 103), permanecendo o tom apreciativo da inevitabilidade quanto à morte. Fato evidenciado no exemplo (25c). Palavras como *morre*, *nasceram* e *programadas* trazem à cena a visão do sujeito-enunciador sobre uma das certezas da vida: a morte.

Nesse sentido, considera que “[...] as células humanas têm capacidade limitadas para se reproduzir: não se duplicam mais do que cinquenta vezes. Depois *morrem*” (VENTUROLI, 2004, p. 103). Portanto, a capacidade de reprodução das células é vista como ponto *sine qua non* para o organismo morrer, sendo atribuído a ela um índice de valor negativo.

O enunciador apresenta ainda sua concepção sobre a pele. “Aos 20 anos, elastina e colágeno garantem o viço cutâneo. Aos 70, a produção destas proteínas já *caiu* muito. Pouco elástica, a pele cria ainda mais rugas e fica 20% mais fina que na mocidade”

(VENTUROLI, 2004, p. 98). Considerando o envelhecimento, o sujeito-enunciador confere um tom de inevitabilidade quanto à degeneração da pele, uma vez que, com o tempo, a elastina e o colágeno diminuem. Desta sorte, a diminuição destas duas proteínas no organismo também passam a ter um valor negativo.

No que diz respeito ao *amadurecer*, na visão do enunciador, os trinta anos é a fase áurea do ser humano, já que está “[...] no auge de suas funções mentais, físicas e sexuais. Mas, no nível das células, o envelhecimento já está começando a se instalar” (VENTUROLI, 2004, p. 97). Verificando o acento valorativo, notamos que o amadurecimento chegando aos trinta anos foi visto e valorado como positivo para o ser humano. Todavia, mesmo sendo uma fase muito boa, no ponto de vista dele, não impede que o envelhecimento das células seja iniciado. Este tipo de envelhecimento, por seu lado, é avaliado como negativo, visto que culminará na morte do organismo.

Dando sequência à apreciação feita sobre o processo de envelhecimento, com base da teoria do dano oxidativo, “[...] o organismo *envelhece* porque vai se intoxicando de oxigênio [...]” (VENTUROLI, 2004, p. 102). À luz do discurso científico, neste entorno, o oxigênio passa a ser valorado como um fator negativo em relação ao organismo, indo de encontro à ideologia de que ele é vital para a nossa sobrevivência.

Pelo exposto, de fato, notamos que o horizonte axiológico/valorativo não autorizou a desaglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos *nascer*, *morrer*, *cair*, *amadurecer* e *envelhecer*, assim como aconteceu em (24). A reportagem *Viver mais e melhor* concebeu a interação social entre o falante, o ouvinte e o tópico de fala, sendo materializada como produto. E a aglutinação sintático-semântico-discursiva mais uma vez resultou disso.

Do mesmo modo, encontramos a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos *morrer*, *lutar* e *reagir* em (26):

Ex. (26)

[...] No ano passado, ao receber o diagnóstico de um câncer de mama raro e agressivo (do tipo HER-2), Maria Ivanilde Ribeiro, de 60 anos, sentiu-se desenganada. Em apenas quatro dias, o nódulo na mama esquerda dobrou de tamanho. “Eu estava me preparando para *morrer*”, conta ela. Submetida a radioterapia e tratada com o medicamento trastuzumabe, uma terapia-alvo que ataca diretamente as células tumorais, ela *reagiu*. Apesar dos efeitos colaterais, como a queda de cabelo e os enjoos, Maria Ivanilde encontrou a esperança e a força de que precisava para *lutar* e vencer a doença. (CUMINALE, 2013, p. 96. Grifo nosso)¹⁷⁵.

¹⁷⁵ ANEXO V.

Através da reportagem *O valor maior de Angelina*¹⁷⁶, escrita por Natalia Cuminale, somos informados sobre a escolha feita por Angelina Jolie no tocante à realização da dupla mastectomia, quando ela descobriu que tinha o gene BRCA I, responsável pelo câncer de mama em muitas mulheres. No bojo desta discussão, Natalia Cuminale apresenta-nos os avanços da medicina em relação ao câncer de mama, bem como histórias de pessoas acometidas por esta doença, dentre elas, a de Maria Ivanilde Ribeiro, na época com 60 anos, explanada no exemplo (26).

No ponto de vista do sujeito-enunciador, ao afirmar “eu estava me preparando para *morrer*”, quando soube que estava com câncer, notamos que a doença é vista como decisiva quanto à morte, dialogando com a ideia das mulheres que igualmente passam por esta situação. O tom apreciativo, com efeito, mostra-nos que o câncer é avaliado por Ribeiro como uma sentença de morte, tendo um valor eminentemente negativo. As palavras *preparando* e *morrer* evidenciam os sentimentos e emoções dela, os quais mostram a maneira como estava observando o momento vivido.

Embora o tipo de câncer que Ribeiro tinha fosse *raro e agressivo (do tipo HER-2)*, *ela reagiu* durante o tratamento, como percebemos em (26). A reação de Ribeiro passa a ser aludida e valorada como uma forma de responder à doença positivamente. Envoltos por esta situação, apesar dos efeitos colaterais provenientes do tipo de tratamento realizado, “Maria Ivanilde encontrou a esperança e a força de que precisava para *lutar* e vencer a doença” (CUMINALE, 2013, p. 96). A palavra *lutar* traz à tona as dificuldades no caminho que Ribeiro percorreu para conseguir combater o câncer. Nesse contexto, *lutar* e *vencer* têm um valor positivo, uma vez que o resultado final deste embate culminou na superação do câncer e na oportunidade de continuar vivendo.

Observando o sentido contextual, verificamos que o universo axiológico/valorativo e a expressividade determinaram que os verbos *morrer*, *reagir* e *lutar* fossem empregados sem ter a materialização no plano da sintaxe dos respectivos complementos verbais: *morte*, *reação* e *luta*. Isto é, houve a aglutinação sintático-semântico-discursiva.

¹⁷⁶ No primeiro capítulo (tópico 1.2), analisamos, em *O valor maior de Angelina*, outra ocorrência da aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*, no intuito de ilustrarmos o fenômeno.

Os verbos *sonhar* e *chorar*, no entanto, em alguns contextos, admitem a desaglutinação sintático-semântico-discursiva do objeto, como mostraremos nos exemplos (27) e (28):

Ex. (27)

- a) “Não digo que meu sonho acabou. Digo que *sonhei um sonho errado*”. No discurso em que anunciou à Câmara seu desligamento do PT, em 2003 (SOARES, 2006, p. 47. Grifo nosso)¹⁷⁷.

Ex. (28)

- a) [...] As pessoas que ficam desassistidas quando um parente mata alguém são tão vítimas quanto as que *choram a perda de um pai de família* num assalto? Mais: é sensato usar do mesmo grau de compaixão para com um menino de 19 anos morto na frente de casa por causa de usar um celular e um rapaz de 17 anos que atirou contra a sua cabeça mas “não sabia o que estava fazendo?”. O debate sobre a violência no Brasil atingiu um grau de insensatez capaz de borrar a distância entre criminosos e vítimas. [...] (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 87. Grifo nosso)¹⁷⁸.
- b) [...] Desde que enterraram a filha, há cerca de dez dias, os aposentados Viriato Gomes de Souza, de 70 anos, e Risoleide Moutinho de Souza, de 71, não puderam se entregar ao luto. Enquanto *chora a perda da dentista Cinthya Moutinho de Souza*, de 47 anos, queimada viva em seu consultório em São Bernardo do Campo (SP) por ter um saldo de apenas 30 reais para entregar aos assaltantes, o casal tem de se preocupar com sua outra filha, Simone, de 42 anos. Ela é deficiente mental e, embora não compreenda bem o que se passa à sua volta, nem por isso deixa de sentir a falta da irmã. ‘Ela não fala, mas dá para perceber que está deprimida. Dorme mal e está com a alimentação prejudicada. Às vezes fica um tempão segurando o sapato da Cinthya’ [...]. (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 92. Grifo nosso)
- c) [...] Aos 11 anos, a terapeuta carioca **Marcia Bairos de Medeiros** (grifo do autor), de 32 anos, perdeu o pai, executivo de multinacional, em um assalto. “Meus irmãos tinham 7 e 14 anos. Minha mãe, que não trabalhava, vendeu bolsas para nos sustentar. Foi muito duro. A cada data importante - meus 15 anos, o nascimento de minha filha -, *eu chorava a falta dele*”. No dia 7 de março, ela reviveu o drama de forma trágica. Seu marido foi baleado na cabeça em um assalto à sua casa, na Zona Sul do Rio. A filha de Marcia, Mariana, de 15 anos, testemunhou o assassinato do padrasto. ‘Ela o via como um pai. Seu luto é exatamente igual ao meu [...]’. (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 93. Grifo nosso)

Na reportagem *A utopia real de Gabeira*, escrita em 2006 por Lucila Soares, foi discutida, grosso modo, a vida de Fernando Gabeira¹⁷⁹, apresentando suas perspectivas políticas. Lucila Soares o focou como um visionário que, embora houvesse opiniões diferentes, poderia ser coerente quanto aos seus ideários políticos, vislumbrando a

¹⁷⁷ ANEXO G.

¹⁷⁸ ANEXO S.

¹⁷⁹ Na época, Fernando Gabeira era deputado e candidato à reeleição pelo Partido Verde (PV).

possibilidade de o Brasil ser governado por pessoas mais éticas e, sobretudo, atender às necessidades de algumas minorias. “Minha tese é que estão dadas algumas condições históricas para fazer do Congresso um espaço decente e produtivo. Um espaço com o qual o novo presidente possa trocar ideias, e não moedas” (SOARES, 2006, p. 50), afirma Gabeira.

Envolta por este universo conflitante sobre a política brasileira, Lucila Soares mostra-nos alguns momentos marcantes da carreira política de Fernando Gabeira. Entre eles, em 2003, o discurso “em que anunciou à Câmara seu desligamento do PT¹⁸⁰”, como verificamos no exemplo (27). “Não digo que meu sonho acabou. Digo que *sonhei um sonho errado*¹⁸¹”, registra Gabeira. Neste momento, o verbo *sonhar* foi usado com o complemento *um sonho errado* no plano da sintaxe.

Em (27), observamos que o sujeito-enunciador, em um dado momento, acreditava na ideologia do PT, sendo partícipe deste partido, no entanto, isso foi desconstruído. E o horizonte axiológico implica justamente nisso, ou melhor, a escolha deste enunciador pelo desligamento do partido, uma vez que julga ter “sonhado um sonho errado”, dialogando com a condição daqueles que também um dia acreditaram nos ideais propagados pelo Partido dos Trabalhadores e, por alguma razão, deixaram o partido. No entanto, na sua concepção, seu sonho não acabou. A palavra *errado* traz à tona o desapontamento do sujeito-enunciador no tocante à ideologia defendida pelo PT, neste sentido, o sonho em relação ao partido passa a ser concebido e valorado como algo errado.

No exemplo em análise, embora o verbo e o complemento venham do mesmo radical, desaglutinar o objeto *um sonho errado* não gera uma redundância linguística dispensável, visto que a relação constitutiva entre o horizonte axiológico do discurso, a valoração e a expressividade autoriza sua materialização no plano da sintaxe. Isto é, a transitividade surge da visão de mundo do sujeito-enunciador, possibilitando uma réplica. Assim, a ocupação do objeto *um sonho errado* no plano da sintaxe resulta da relação entre o sujeito-enunciador, o interlocutor e o tópico da fala.

Retornando à reportagem *Condenados pela impunidade*, escrita por Laura Diniz e Julia Carvalho, discutida em (13), notamos que os repórteres, ao apreciar o auxílio-

¹⁸⁰ Id. p. 47.

¹⁸¹ Ibid. p. 47 Id.

reclusão, valoram-no negativamente. Ou melhor, julga o direito que alguns presos adquirem passando a receber este tipo de auxílio como algo bastante prejudicial para a sociedade brasileira. A exemplo, os parentes das vítimas que ficam desassistidos pelo governo neste aspecto sendo, então, *Condenados pela impunidade*. “[...] O debate sobre a violência no Brasil atingiu um grau de insensatez capaz de borrar a distância entre criminosos e vítimas [...]” (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 87). Desta maneira, na visão de mundo deles, a discussão sobre violência no nosso país passa a ser observada através de uma distorção de valores, visto que está havendo uma inversão em relação à noção de quem é vítima na ocasião.

Diante deste embate, é questionado sobre quem verdadeiramente é vítima na situação, os parentes do criminoso ou aqueles que tiveram seus entes queridos mortos por ele: “[...] As pessoas que ficam desassistidas quando um parente mata alguém são tão vítimas quanto as que *choram a perda de um pai de família* num assalto? [...]” (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 87)¹⁸². Esta visão de mundo dos sujeitos enunciadore dialoga com a condição dos que também perderam um parente vítima de marginais. E a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, portanto, surge desta visão de mundo como uma ação responsiva. Em outros termos, a transitividade (*a perda de um pai de família*) do verbo *chorar*.

No ponto de vista dos repórteres, a maior vítima é aquele que chora a morte de um cidadão que tem uma família, atribuindo um valor social positivo quanto a este tipo de pessoa. E um acento valorativo negativo ao marginal, visto como uma pessoa que não deveria ter o direito ao auxílio-reclusão, vendo seus parentes serem assistidos pelo governo por causa do delito cometido. Este tipo de direito é valorado pelos enunciadore como um ato insano, incoerente e sem justificativas. Palavras como *choram*, *perda*, *pai*, *família* e *assalto*, por serem signos ideológicos, afloram o horizonte axiológico do discurso, os índices sociais de valor dos repórteres e seus sentimentos quanto ao assunto discutido.

Em meio à apreciação sobre o auxílio-reclusão, Laura Diniz e Julia Carvalho apresentam o depoimento dos aposentados Viriato Gomes de Sousa e Risoleide Moutinho de Souza. Eles perderam a filha, que foi queimada viva por bandidos, conforme apresentado em (28b). “[...] Enquanto *chora a perda da dentista* [...] o casal tem de se preocupar com sua outra filha [...]. Ela é deficiente mental” (DINIZ,

¹⁸² Fato mostrado no exemplo (28a).

CARVALHO, 2013, p. 92). Visão que dialoga com a ideia daqueles que também passam por esta situação. Palavras como *chora* e *perda* reforçam a apreciação negativa em relação ao auxílio-reclusão, já que os criminosos são vistos como responsáveis por muita crueldade e sofrimento por parte dos parentes das vítimas. E, no caso do casal de aposentados, além de ter que superar a dor vivida, é necessário confortar sua outra filha que é especial. E a desaglutinação sintático-semântico-discursiva do objeto *a perda da dentista Cinthya Moutinho de Souza* é gerada a partir da visão de mundo do sujeito-enunciador, atuando como uma ação responsiva.

Dando seguimento, é apresentado o depoimento de Marcia Bairos de Medeiros, uma terapeuta carioca que perdeu o pai e, anos depois, o marido, ambos vítimas de assalto seguido de morte. Na visão do enunciador em relação à morte do pai, “[...] foi muito duro. A cada data importante - meus 15 anos, o nascimento de minha filha -, *eu chorava a falta dele* [...]” (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 93)¹⁸³, dialogando com a visão das pessoas que também, bruscamente, perderam seus pais nestas circunstâncias e passaram por isso. A apreciação feita sobre a falta de um pai devido à criminalidade é vista e valorada como uma coisa extremamente negativa, uma vez que, no caso dela, além de ter sido furtada a oportunidade de convivência com ele em momentos especiais, gerou danos financeiros. Com isso, sua mãe, esposa de um executivo de multinacional, não trabalhava, no entanto, depois do assassinato do marido, teve que vender bolsas para manter os filhos. E a desaglutinação sintático-semântico-discursiva do objeto *a falta dele* é provocada desta visão de mundo do enunciador como uma réplica.

Nesse contexto, nas três situações, o verbo *chorar* foi usado com o complemento materializado no plano da sintaxe, havendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. A relação constitutiva entre o universo axiológico/valorativo e a expressividade proporcionou isso. Para nós, escrever *choram a perda de um pai de família*, *chora a perda da dentista Cinthya Moutinho de Souza* e *chorava a falta dele*, desaglutinando os objetos não é desnecessário, visto que o sujeito-interlocutor pode assumir uma posição de respondente ativo em relação a eles.

Contudo, em outras situações o verbo *chorar* foi usado com o complemento aglutinado nele, acontecendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva, como veremos em (29) e (30):

¹⁸³ Situação mostrada no exemplo (28c).

Ex. (29)

[...] Outro dia mesmo, um imigrante nordestino me parou na rua enquanto eu corria e perguntou: “O senhor tem noção do que representa para quem tem esperança de melhorar de vida?”. Ele me abraçou e começou a *chorar*. *Chorei* junto. Nunca imaginei algo assim acontecendo comigo (RANGUEL, CARVALHO, DINIZ, 2012, p. 83. Grifo nosso)¹⁸⁴.

Ex. (30)

[...] Ridicularizar - Tática perigosa para conseguir que a criança faça algo. Costuma ser brutal para a auto-estima dela. Em vez de chamá-la de “relaxada” por ter deixado os brinquedos jogados na sala, critique a situação e não a criança: “Não gosto quando você deixa suas coisas espalhadas por aí”. Em vez de chamar o garoto de “chorão”, mostre que não há motivo para *chorar* só porque não vai dar a 28ª volta no brinquedo do shopping (LUNA; CARDOSO, 1998, p. 140. Grifo nosso)¹⁸⁵.

Voltando à reportagem *Eu quero ser Eike*, já discutida em (20), percebemos que Carolina Ranguel, Julia Carvalho e Laura Diniz, em 2012, informam-nos sobre o perfil dos novos milionários no Brasil. No ponto de vista de muitos deles, Eike Batista era um modelo a ser seguido, visto e valorado como uma fonte de inspiração para o sucesso financeiro. Envoltos a isso, elas expuseram a entrevista feita com Eike Batista pela editora Malu Gaspar. Nesta ocasião, Eike respondeu a perguntas sobre vários assuntos, tais como ser considerado um exemplo para novos milionários, a meta de ser o homem mais rico do mundo etc. Em meio às perguntas, ele contou que, certa vez, em um momento de lazer, um imigrante nordestino o parou para fazer uma indagação: “O senhor tem noção do que representa para quem tem esperança de melhorar de vida?”. Ele me abraçou e começou a chorar. *Chorei* junto [...]” (RANGUEL; CARVALHO; DINIZ, 2012, p. 83), mostrado em (29).

Na visão do sujeito-enunciador, a atitude do imigrante é apreciada como uma espécie de reconhecimento positivo por tudo o que ele fez para conseguir ser um milionário, alimentado o sonho daqueles que também desejam ter uma vida melhor. O choro deste imigrante, por sua vez, é valorado como algo bom, motivado por gratidão, respeito, admiração etc. Através do verbo *chorar*, é possível percebemos os sentimentos e a emoção do enunciador, conduzindo pelas lágrimas do imigrante. Este horizonte axiológico/valorativo e a expressividade não permitiram o objeto do verbo *chorar* vir no plano da sintaxe, sendo ocupado o seu lugar. Além disso, para nós, escrever *chorei*

¹⁸⁴ ANEXO K.

¹⁸⁵ ANEXO D.

choro/lágrimas não contribui para que o sujeito-interlocutor possa realizar a compreensão ativa da palavra *chorei*, lançando uma contrapalavra.

Da mesma maneira, em *Os pequenos imperadores*, reportagem escrita por Fernanda Luna e Rodrigo Cardoso, observamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*. Nesta reportagem, os sujeitos enunciadores trazem à tona um assunto até certo ponto polêmico: os benefícios e as dificuldades de criarmos um filho único. No ponto de vista deles, o número de pais que têm só um filho cresceu muito nos últimos anos. Isto, por sua vez, tem suas vantagens e desvantagens, visto que algumas dessas crianças nem sempre têm limites. No entanto, na maioria das vezes, por conviverem muito com adultos, são mais independentes do que os filhos criados com irmãos. Para ilustrar, os repórteres apresentaram histórias de alguns filhos únicos, apreciados por eles como bastante “mimados”, os quais têm, às vezes, comportamentos inadequados.

Neste entorno, é necessário, no ponto de vista dos repórteres, saber evitar algumas armadilhas que surgem em nosso dia-a-dia no que concerne a educar filhos únicos, a saber: “Ridicularizar [...] Em vez de chamar o garoto de ‘chorão’, mostre que não há motivo para *chorar* só porque não vai dar a 28ª volta no brinquedo do shopping” (LUNA; CARDOSO, 1998, p. 140), como expusemos em (30).

A palavra *chorar* neste momento é apreciada positivamente. Isto é, concebida como uma oportunidade para educar o filho único, já que, em nossa sociedade, existe a ideologia de que a criança, quando é criada sozinha, sem irmão, nem sempre os pais conseguem estabelecer adequadamente os limites necessários. Assim, remete à dica de como agir no momento em que a criança começar a chorar por algum motivo, por mais fútil que seja, passando a ser avaliada como essencial e importante a atitude de não ridicularizar o filho nestas circunstâncias. E sim educá-lo através da experiência quanto à frustração por receber um não, sendo criticada a situação e não o filho. Novamente, o universo axiológico/valorativo e a expressividade não autorizaram o objeto do verbo *chorar* vir no plano da sintaxe.

Ademais, verificamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva, em (31), no verbo *crescer*:

Ex. (31)

- a) [...] A audiência da internet *cresceu* sem parar há anos, mas o mercado publicitário começou a investir pesado no segmento pouco tempo atrás. Em 2008, a publicidade on-line movimentou 1,6 bilhões de reais no

Brasil. Em 2010, o valor dobrou. (RANGUEL; CARVALHO; DINIZ, 2012, p. 87. Grifo nosso)¹⁸⁶.

- b) [...] Em 2005, a empresa de distribuição de equipamentos para diagnósticos que Vinícius Pereira fundou em Belo Horizonte estava na lama: devia dez vezes o seu faturamento. Aconselhado pela família a fechá-la, ele teimou: passou a trabalhar noite e dia para salvá-la. Naquele ano, O Brasil viveu um surto de dengue, e Pereira era o único distribuidor que tinha em estoque kits de testes rápidos para diagnosticar a doença. Em um ano quintuplicou seu faturamento. Investiu em mais kits, usados para identificar diversas enfermidades, e *cresceu muito*. (RANGUEL; CARVALHO; DINIZ, 2012, p. 83. Grifo nosso)

Retornando à reportagem *Eu quero ser Eike*, escrita por Carolina Ranguel, Julia Carvalho e Laura Diniz, discutida em (20) e (29), verificamos outro caso de aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *crescer*. Ao apreciarem o perfil de novos milionários no Brasil, elas mostraram duas histórias de pessoas que, nos seus pontos de vista, chegaram a esta condição através de muito trabalho: Osmar Baboin e Vinícius Pereira. Aquele ficou milionário abrindo um dos primeiros *sites* de jogos do Brasil: o Fliperama.

Na visão de mundo dos sujeitos enunciadore, Baboin é um “milionário mochileiro”¹⁸⁷, já que “não tem nada de nerd e gosta mesmo é de colocar uma roupa surrada e fazer trilhas e pedalar adentro, mesmo que tenha que acampar e se hospedar em pousadas [...]” (RANGUEL; CARVALHO; DINIZ, 2012, p. 87). Ele, então, é visto como um tipo de milionário peculiar que dá preferência às coisas simples como *roupa surrada, acampar* etc., indo de encontro à ideologia que temos de pessoas pertencentes a esta classe social. Esse novo perfil, portanto, é valorado como algo positivo, servindo para desconstruir, de certa forma, a ideia que temos sobre os milionários na sociedade.

Em meio a isso, a condição financeira de Baboin é atribuída à disseminação da internet, já que ele chegou à classe de milionários devido ao Fliperama. No ponto de vista das repórteres, isso é justificado, visto que “[...] a audiência da internet *cresceu* sem parar há anos, mas o mercado publicitário começou a investir pesado no segmento pouco tempo atrás [...]” (RANGUEL; CARVALHO; DINIZ, 2012, p. 87), como vimos em (31a). Foi conferido à audiência da internet um acento valorativo positivo, visto que, embora venha aumentando há muitos anos, é recente o investimento que a publicidade estava fazendo na ocasião. Por isso, na visão de mundo delas, é bastante rentável

¹⁸⁶ ANEXO K.

¹⁸⁷ p. 87.

investir neste seguimento, como foi exemplificado com Badoin, que chegou à condição de milionário com isso.

Em face disso, o verbo *crescer* foi usado sem o objeto no plano da sintaxe, tendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva. A utilização desse fenômeno foi autorizada pela relação constitutiva entre o horizonte axiológico/valorativo e a expressividade.

Igualmente, verificamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *crescer* em (31b). É atribuída à venda de kits para o diagnóstico de doenças uma das explicações para Vinícius Pereira virar milionário e sua empresa sair do estado crítico que vivia, ressurgindo. “[...] Em um ano quintuplicou seu faturamento. Investiu em mais kits, usados para identificar diversas enfermidades, e *cresceu muito* [...]”¹⁸⁸, consoante (31b). A venda destes kits é apreciada como um valor positivo por ter sido um elo para Pereira conseguir enriquecer. E o verbo *crescer* foi empregado nesse universo axiológico/valorativo que juntamente com a expressividade não permitiu o objeto *crescimento* vir no plano da sintaxe.

Também encontramos a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos *gritar*, *sorrir*, *nascer* e *renascer* em (32):

Ex. (32)

- a) [...] Num lugar de horrores, o Hospital-Geral de Porto Príncipe, transformado no maior centro de amputação do Haiti, a jovem Widlyn *gritou* e, depois, *sorriu*: num pátio iluminado por uma lanterna, *nascia* o pequeno Cristopher [...] (ESCOSTEGUY, 2010, p. 76. Grifo nosso)¹⁸⁹.
- b) [...] Suando muito, Widlyn segura-se no tronco de uma árvore e emite longo e agudo uivo. Um bebê sai lentamente de seu ventre. Widlyn *sorri*. O nome de seu filho é Cristoper – e o Haiti é o seu futuro. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 76. Grifo nosso)
- c) [...] vez ou outra, explodem discussões e brigas – sempre por comida. Noutra praça, em Delmas, Marie Therese tentava proteger Kevensson, sua filha de 6 meses, de uma chuva miúda que atravessou as cortinas de calor. Ela usava as mãos como guarda-chuva, mas sem sucesso: o bebê *gritava*. “É tudo o que me sobrou”, ela disse observando a filha. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 75. Grifo nosso)
- d) [...] Do Hospital-Geral de Porto Príncipe, emergem urros de dor dos pacientes. Com os primeiros raios de sol a notícia do resgate de uma criança com vida e a esperança *renasceu* [...].(ESCOSTEGUY, 2010, p. 73. Grifo nosso)

¹⁸⁸ Ibid. p. 83 Id.

¹⁸⁹ ANEXO I.

Na reportagem *O caos depois do desastre*¹⁹⁰, Diogo Escosteguy aprecia a situação dos haitianos após o terremoto em 2010. No ponto de vista do sujeito-enunciador, milhares de haitianos foram mutilados, torturados, envergonhados, humilhados, perderam sua dignidade etc., vivenciando *o caos depois do desastre*. Outros ficaram sem moradia, alimentos, vestimentas e vagavam pelas ruas. No Haiti, naquela época, na visão dele, estava sendo experienciada uma situação catastrófica de miséria e, sobretudo, de luta pela sobrevivência. Inúmeros voluntários ajudaram-nos, entre eles, a missionária Zilda Arns que, depois de um terremoto, morreu.

Presenciando este momento no Haiti, Diogo Escosteguy, na reportagem em discussão, descreveu algumas cenas com haitianos testemunhadas por ele, a exemplo das expostas em (32). Ao visitar o Hospital-Geral de Porto Príncipe, na sua visão de mundo, em meio a muita dor e sofrimento, ele viu Widlyn parindo um bebê. Neste momento, “[...] o Hospital-Geral de Porto Príncipe, transformado no maior centro de amputação do Haiti, a jovem Widlyn *gritou* e, depois, *sorriu*: num pátio iluminado por uma lanterna, *nascia* o pequeno Christopher [...]”¹⁹¹, como podemos notar em (32a).

Na concepção do enunciador, em meio a um universo permeado pela calamidade, houve o nascimento de Christopher, valorado como uma esperança. E, apesar da situação catastrófica, a mãe reagiu à situação como qualquer mulher que está tendo um parto normal faz independente da classe social que pertence: *gritou* e *sorriu*. Assim, “[...] suando muito, Widlyn segura-se no tronco de uma árvore e emite longo e agudo uivo. Um bebê sai lentamente de seu ventre. Widlyn *sorri*”¹⁹², como vimos em (32b). O grito expressa a dor sentida por ela e o sorriso a recompensa de dar a luz naquele momento, já que *nascia* seu rebento, dialogando com a visão da mulher que vivencia a maternidade. Em virtude deste horizonte axiológico/valorativo e a expressividade, não houve a autorização dos objetos *grito*, *sorriso* e *nascimento* serem materializados no plano da sintaxe, havendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva.

Em Telmas, numa praça, Diogo Escosteguy testemunhou o momento em que Marie Therese tentava, na visão dele, em vão proteger sua filha da chuva que começava discretamente a cair: “[...] ela usava as mãos como guarda-chuva, mas sem sucesso: o

¹⁹⁰ Na introdução, analisamos, em *O caos depois do desastre*, a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*, no propósito de exemplificar o fenômeno.

¹⁹¹ Escosteguy (2010, p. 76).

¹⁹² p. 76.

bebê *gritava*. ‘É tudo o que me sobrou’, ela disse observando a filha. [...]” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 75). Na visão de mundo do sujeito-enunciador, a catástrofe através do terremoto dilacerou vidas, deixando muitos haitianos sem nada em condição sub-humana, como no caso de Therese que, para tentar proteger a filha da chuva, só tinha a mão para ser utilizada. O terremoto passou a ser considerado e valorado com um acento eminentemente negativo, avassador e destrutivo, uma vez que acabou com pessoas, sonhos, famílias etc. E mais uma vez o verbo *gritar* foi empregado sem o objeto, sendo observada a aglutinação sintático-semântico-discursiva. No entanto, aqui o grito do bebê teve um valor negativo, isto é, trazia à cena a dura realidade que estava passando os haitianos. Da mesma forma, a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade não permitiu o objeto *grito* vir no plano da sintaxe.

Em face disso, no ponto de vista do enunciador, “[...] do Hospital-Geral de Porto Príncipe, emergem urros de dor dos pacientes. Com os primeiros raios de sol a notícia do resgate de uma criança com vida e a esperança *renasceu*. [...]”¹⁹³. O resgate da criança viva diante da situação passou a ter um acento valorativo positivo, considerado como luz, deixando emergir que, independente da ocasião, a esperança *renasceu*. Palavras como *urros de dor* e *pacientes* evidenciam os sentimentos e as emoções face ao momento, simbolizando a dimensão da catástrofe e, sobretudo, seus efeitos destrutivos. Nesse contexto, houve, também no verbo *renascer*, a aglutinação sintático-semântico-discursiva, permitida pelas mesmas razões discutidas em (32a), (32b) e (32c). Por fim, podemos afirmar que, em todos os verbos analisados, na reportagem *O caos depois do desastre*, o fenômeno em discussão resultou da relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala.

Assim como na reportagem *O caos depois do desastre*, notamos que, em *Vidas repaginadas*, escrita por Mariana Amaro, nos verbos *sorrir*, *chorar* e *nascer* também houve a aglutinação sintático-semântico-discursiva, como mostraremos no exemplo (33):

Ex. (33)

- a) [...] “Tínhamos forte a lembrança da cirurgia que Charlie havia feito com 1 ano para corrigir uma cardiopatia. Quase desistimos, quando pensamos em enfrentar de novo o medo da anestesia”, relembra a mãe. Tomaram a decisão com o pedido do filho. “Foi uma alegria quando tiramos os

¹⁹³ Id. p. 73.

curativos. Ele *sorriu, chorou* e disse que estava igual ao pai” [...] (AMARO, 2012, p. 123. Grifo nosso)¹⁹⁴.

- b) [...] Quando um bebê *nasce*, os seis ossos que formam o topo do crânio estão separados para que o cérebro tenha espaço para crescer. Esses ossos começam a se fechar no primeiro ano de vida em crianças com Crouzon e Apert, uma ou várias fendas dos ossos se fecham antes do tempo [...]. (AMARO, 2012, p. 124. Grifo nosso)

Em *Vidas repaginadas*, Mariana Amaro discorre sobre cirurgias plásticas realizadas em portadores de síndromes genéticas, permitidas pelos pais, tais como a síndrome de Down, mostrando como uma possibilidade de melhorar a vida de tais pessoas. Para tanto, ela traz à tona histórias de pais que optaram por este tipo de cirurgia em seu filho e pessoas que não concordam com esta atitude.

Uma destas histórias foi a de Luis Cardillo e Samantatha, americanos de Nova York, que tiveram um filho com síndrome de Down, a quem deram o nome de Charlie. No ponto de vista deste casal, o seu filho sofria muito preconceito na escola, onde alguns outros adolescentes o chamavam de Dumbo, porque tinha as orelhas grandes, como vimos em (33a). Um cirurgião plástico próximo à família ofereceu realizar uma cirurgia plástica objetivando reduzir o tamanho das orelhas do menino, e eles, mediante a solicitação feita pelo filho, aceitaram.

Na visão do enunciator, a síndrome de Down é valorada negativamente, já que o filho Charlie passou por situações constrangedoras na escola devido a sua aparência, dialogando com a ideia daqueles que também têm filhos especiais que sofrem esse tipo de preconceito. E isso gerava bastante sofrimento nele, entretanto, na apreciação deles, o seu filho ficou aparentemente feliz com o resultado da cirurgia, traçando um paralelo positivo de semelhança com o pai.

O sorriso e o choro, na visão do sujeito-enunciator, representam o sentimento e as emoções de Charlie em relação à mudança de aparência, sendo sinônimo de alegria por naquele momento está parecido com o pai. Ter características físicas semelhantes à normalidade imposta pelo social passa a ser valorado positivamente, havendo a tentativa de apagar as diferenças. Ao observamos o horizonte axiológico do discurso (a ideologia), notamos que, em vez de aceitar algumas particularidades oriundas da síndrome de Down, o casal, depois do pedido de Charlie, prefere moldar características

¹⁹⁴ ANEXO P.

físicas do filho à aparência supostamente aceita pela sociedade como adequada, a exemplo, ter orelhas pequenas como o pai.

Por causa desta dimensão axiológico/valorativa, não houve a autorização para as palavras *sorriu* e *chorou* serem usadas com os seus respectivos objetos (*sorriso* e *choro/lágrimas*) no plano da sintaxe, havendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva. Para nós, nesse contexto, desaglutinar os objetos dos verbos em análise não auxilia para que o sujeito-interlocutor possa concretizar a compreensão ativa das palavras *sorriu* e *chorou*.

Mariana Amaro, na reportagem em evidência, apresenta ainda pontos de vista contrários quanto às cirurgias plásticas em crianças portadoras da síndrome de Down só para repaginar a aparência. Dentre elas, o de Ana Brandão, uma pediatra que tem um filho portador desta síndrome. Na visão de mundo desta médica, é necessário modificar a forma como a sociedade vê as pessoas que possuem síndrome de Down, e não fazer intervenções cirúrgicas arriscadas e dolorosas para torná-las aparentemente mais próximas à estética daqueles que são vistos como geneticamente normais.

Em *Vidas repaginadas*, no entanto, observamos que, em outros casos, a cirurgia funcional é valorada como essencial para o portador da síndrome de Crouzone e da síndrome de Apert. “[...] Quando um bebê *nasce*, os seis ossos que formam o topo do crânio estão separados para que o cérebro tenha espaço para crescer [...]” (AMARO, 2012, p. 124). Considerando o discurso científico, é mostrado que, em crianças normais, a partir de um ano de idade, eles vão paulatinamente sendo fechados, como mostramos em (33b). Ao passo que nas crianças portadoras da síndrome de Crouzone e de Apert, uma ou várias aberturas entre os ossos são fechadas antes da hora, podendo ocasionar graves problemas cognitivos, de fala e no crescimento. Por isso, no ponto de vista do enunciador, é indispensável uma cirurgia para corrigir esta situação no tempo certo.

A intervenção cirúrgica no caso da síndrome de Crouzone e da síndrome de Apert passa a ser concebida como uma necessidade emergencial, pois, sem isso, pode causar consequências danosas para a criança, sendo primordial. Novamente, a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade não permitiram que o objeto (nascimento) do verbo *nascer* fosse materializado no plano da sintaxe. Com isso, podemos registrar que, em *Vidas repaginadas*, a aglutinação sintático-semântico-discursiva nas palavras *sorriu*, *chorou* e *nasce* surge da relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala.

Todavia, em algumas situações, o complemento do verbo *sorrir* pode vir no plano da sintaxe, como ocorre em (34):

Ex. (34)

[...] O segundo homem a ir à Lua é Edwin Aldrin, “Buzz” – em português se poderia dizer “Zumbido”. Trinta e nove anos também. Cabelos louros também. Olhos azuis, também. Mas, fisicamente, distingue-se de Armstrong: o nariz é grosso, carnudo. E Aldrin não se ruboriza. É muito presunçoso. Mas, quando o conheci, em 1966, ainda não era. Ou não o percebi. O encontro foi num domingo à noite em Cabo Kennedy, em uma casa de certos milionários que ofereciam uma festa aos astronautas. Era uma daquelas recepções onde se prepara a carne ao ar livre, em enormes grelhas à beira da piscina. Aldrin estava sentado sozinho (*sic*) em um canto e chamou a minha atenção porque olhava para a Lua com intensidade, pensativo. Cheguei perto e lhe disse: “um dia você andarà nela”. *Sorriu um sorriso bastante cordial* e respondeu: “Não creio. Somos muitos a querer ir”. [...] (FALLACI, 1969, p. 32. Grifo nosso)¹⁹⁵.

Na reportagem *Os três da Lua, Armstrong, Aldrin, Collins: quem são?*¹⁹⁶, o sujeito-enunciador aprecia o perfil dos três primeiros homens a irem à Lua na missão Apollo 11, descrevendo algumas de suas particularidades: caracterização física, família, hábitos, *hobby*, personalidade, momentos especiais vividos etc. Nesta missão, houve uma ordem a ser seguida: Neil Armstrong foi o primeiro a descer na Lua, Edwin Aldrin o segundo e Michael Collins ficou em órbita. No ponto de vista do enunciador, na época em que conheceu Edwin Aldrin ele ainda não era *presunçoso* ou pelo menos isso não tinha sido percebido por Oriana Fallaci: “[...] estava sentado sozinho (*sic*) em um canto [...] Cheguei perto e lhe disse: ‘um dia você andarà nela’. *Sorriu um sorriso bastante cordial* [...]” (FALLACI, 1969, p. 32), conforme explanado no exemplo (34).

Naquela situação, na visão do sujeito-enunciador, Aldrin estava contemplando a Lua, olhando-a incessantemente e, ao ser abordado por Fallaci, respondeu-lhe com gentileza e um certo ar de humildade, retribuindo uma assertiva feita por ela (‘um dia você andarà nela’) com *um sorriso bastante cordial*. As palavras *sorriso*, *bastante* e *cordial* evidenciam o tom apreciativo do enunciador, conferindo ao sorriso de Aldrin naquela ocasião um acento valorativo positivo. Em virtude deste horizonte axiológico/valorativo e da expressividade, foi possível haver a desaglutinação sintático-semântico-discursiva do objeto referente à palavra *sorriu*, vindo, no plano da sintaxe, *um sorriso bastante cordial*. Este, por seu turno, atua como uma ação responsiva e de responsabilidade do sujeito-enunciador quanto ao objeto de discurso retratado, surgindo

¹⁹⁵ ANEXO A.

¹⁹⁶ Escrita por Oriana Fallaci.

da visão de mundo deste sujeito. Para nós, desaglutinar o complemento do verbo nesta circunstância é aceitável, uma vez que o sujeito-interlocutor pode compreendê-lo ativamente.

Entretanto, em *Os três da Lua, Armstrong, Aldrin, Collins: quem são?*, no decorrer do texto, percebemos que houve a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *sorrir*, como mostraremos em (35):

Ex. (35)

Aos 39 anos, Neil Armstrong será o primeiro homem a descer na Lua. [...] Quando o conheci, três anos e meio atrás, logo me senti rejeitada, e muita gente tem-me dito haver sentido a mesma coisa. Talvez por causa de sua timidez, que é enorme e que ele (*sic*) combate com arrogância: envergonha-se por qualquer coisa, ruboriza-se do pescoço até as têmporas, e cada vez que isso acontece Neil Armstrong se envaidece -, e, quanto mais se enfurece, mais grosseiro fica. Então, para remediar, *sorri*. Mas é um sorriso tão confuso, tão forçado, que consegue somente (*sic*) complicar as coisas e aumentar o embaraço, que se traduz numa voz estridente. [...] (FALLACI, 1969, p. 30. Grifo nosso)¹⁹⁷.

Quanto a Neil Armstrong, ao descrever alguns traços referentes ao comportamento dele, o sujeito-enunciador aprecia-o como bastante tímido, às vezes, grosseiro, quando ficava com raiva, dentre outros aspectos ressaltados. Na sua concepção, talvez por isso, no momento em que o conheceu, achou que foi um tanto rejeitada; outras pessoas também tiveram este sentimento. “Então, para remediar, *sorri*. Mas é um sorriso tão confuso, tão forçado, que consegue somente (*sic*) complicar as coisas e aumentar o embaraço, que se traduz numa voz estridente [...]”¹⁹⁸, como podemos ver em (35). A palavra *sorri* remete à atitude do enunciador diante de Armstrong, no entanto, na sua visão, o sorriso foi uma espécie de estratégia para mascarar o desconforto que sentiu face ao comportamento dele.

Na verdade, neste contexto, o sorriso passa a ser valorado com um tom negativo. Ou melhor, como uma forma de esconder os sentimentos e as impressões negativas do sujeito-enunciador frente a Armstrong. Todavia, no ponto de vista do enunciador, esse sorriso terminou sendo confuso, forçado etc., trazendo à cena o quão foi embaraçoso tal momento para Oriana Fallaci. A relação entre a dimensão axiológica, a valorativa e a expressividade, nesta situação, não autorizou desaglutinar do verbo *sorrir* o objeto *sorriso*, tendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva. Para nós, desaglutinar do

¹⁹⁷ ANEXO A.

¹⁹⁸ Id. p. 30.

verbo o objeto não influencia para que o sujeito-interlocutor possa realizar a compreensão ativa da palavra *sorri*, sendo um respondente.

Igualmente, a aglutinação sintático-semântico-discursiva aconteceu também no verbo *chorar*, como veremos em (36):

Ex. (36)

- a) [...] Chegou um guarda e, tímidamente (*sic*), convidou-o e os outros para verem uma tartaruga marinha que estava desovando pouco longe dali. O espetáculo de uma tartaruga marinha desovando é muito raro, porque usualmente ela se esconde; é também um espetáculo comovente, porque, para desovar, uma tartaruga sofre como uma mulher para ter um filho, ela anda na areia e *chora*. “Venha vê-la”, insistiu o policial. Dirijo a Aldrin e também o convidei: “Come on, Buzz. Venha”. Mas êle (*sic*) não se moveu. E exclamou: “Quem vai se mexer por causa de uma tartaruga?” [...] (FALLACI, 1969, p. 33. Grifo nosso)¹⁹⁹.
- b) [...] “o que sentiu. Collins”, perguntei. “Eu fiquei com o coração despedaçado, *chorava* como uma criança”. “E depois, Collins?”. “Fizeram-me a operação e ela teve êxito. Curei-me e puseram-me no Apollo 11. Agora, *choro* de nôvo (*sic*), como um menino, mas de felicidade” (FALLACI, 1969, p. 34. Grifo nosso).

Em relação a Aldrin, no ponto de vista do sujeito-enunciador, ele era uma pessoa reservada. Ao contar como o conheceu, diz que foi em uma festa, organizada por amigos. E, em um dado momento da festa, um guarda chegou e os convidou para ver uma tartaruga desovar e Aldrin, na concepção do enunciador, achou aquilo, simplesmente, insignificante, não indo ver a cena.

Oriana Fallaci, por seu turno, ficou surpresa com a atitude dele, pois, na visão de mundo dela, considera que ver uma tartaruga desovando é algo raro, já que este animal geralmente fica escondido. Além disso, “é também um espetáculo comovente, porque, para desovar, uma tartaruga sofre como uma mulher para ter um filho, ela anda na areia e *chora* [...] ²⁰⁰”, conforme notamos no exemplo (36a). Fazendo uma analogia à mulher, o sujeito-enunciador aprecia o momento em que uma tartaruga desova como algo extraordinário e digno de atenção, julgando-o como um show da natureza a ser contemplado pelo ser humano independente de quem seja este sujeito. Palavras como *espetáculo* e *comovente* mostra-nos os sentimentos e as emoções do enunciador quanto ao momento presenciado. Esse universo axiológico/valorativo e a expressividade não permitiram que o objeto *choro/lágrimas* do verbo *chorar* fosse desaglutinado, ocorrendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva.

¹⁹⁹ ANEXO A.

²⁰⁰ Id. p. 33.

No que diz respeito a Collins, Oriana Fallaci registra um momento peculiar em relação a uma cirurgia de coluna cervical que ele iria fazer. No ponto de vista de Collins, essa cirurgia foi valorada como algo ruim por poder acabar com o sonho dele de ir à Lua: [...] “Eu fiquei com o coração despedaçado, *chorava* como uma criança” (p. 34), assim como visualizamos em (36b). O choro, na visão do enunciador, refletia o medo e a incerteza face à situação invetável que ele vivenciaria, tendo um tom apreciativo negativo.

Todavia, após a cirurgia, Collins voltou a chorar, atribuindo a esse choro um valor eminentemente positivo, uma vez que deixa aflorar, através da palavra *choro*, seus sentimentos e emoções frente ao sucesso que teve a cirurgia, podendo, então, ter a certeza de que ir à Lua era possível: “Agora, *choro* de nôvo (*sic*), como um menino, mas de felicidade”. Novamente, o horizonte axiológico/valorativo autorizou a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo em discussão.

Semelhantemente, há a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *rir* no exemplo (37):

Ex. (37)

[...] Cá entre nós: jantar com o Aldrin era a experiência menos divertida do mundo. Entre outras coisas, êle (*sic*) nunca *ria*. Lembro-me da noite em que me levou para comer uma sopa de mariscos num restaurante de Coco Beach. Havia um bêbado engraçadíssimo, não se podia olhá-lo sem *rir*, mas os olhos de Aldrin não se moveram nenhum pouquinho e durante tôda (*sic*) a sopa de mariscos êle (*sic*) continuou a explicar-me a metafísica da tecnologia [...] (FALLACI, 1969, p. 32. Grifo nosso)²⁰¹.

Na visão de mundo do enunciador, Edwin Aldrin era uma pessoa muito séria e focada no trabalho: “[...] Cá entre nós: jantar com o Aldrin era a experiência menos divertida do mundo. Entre outras coisas, êle (*sic*) nunca *ria*. Lembro-me da noite em que me levou para comer uma sopa de mariscos num restaurante de Coco Beach²⁰²”, conforme apresentado no exemplo (37). É atribuído, portanto, à seriedade de Aldrin um tom negativo, uma vez que sua companhia passa a ser considerada e valorada como algo monótono. Até mesmo em situações que qualquer pessoa iria rir, a exemplo, diante de um bêbado *engraçadíssimo*, o comportamento dele era apático, na visão do sujeito-enunciador. E a relação constitutiva entre o horizonte axiológico/valorativo e a

²⁰¹ ANEXO A.

²⁰² Id. p. 32.

expressividade nestas circunstâncias proporcionou a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *rir*, não havendo a ocupação do lugar de objeto no plano da sintaxe.

Pelo exposto, em *Os três da Lua, Armstrong, Aldrin, Collins: quem são?*, verificamos que a aglutinação sintático-semântico-discursiva resultou da interação social entre o falante, o ouvinte e o tópico da fala.

Diferentemente, em outros momentos, o verbo *rir* é usado com o complemento *riso* no plano da sintaxe, acontecendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, como acontece em (38):

Ex. (38)

Aos olhos do povo, JK foi sobretudo o presidente que sabia *rir um riso aberto*, e, nos momentos de crise, transpirava um timismo que, apesar de às vezes alegremente irresponsável, construiu Brasília e, ao longo de cinco anos trepidantes, consolidou a crença de que a democracia liberal é possível também no Brasil – como mostra o documentário de “Os Anos JK, que estreia nesta semana (veja o quadro) [...] (PERDIGÃO, 1980, p. 84. Grifo nosso)²⁰³.

Na reportagem *JK riu por último*²⁰⁴, o sujeito-enunciador aprecia a temporada JK, isto é, uma série de homenagens feitas na época, julgando-a como algo muito positivo para imagem dele e resultante do embate entre duas fases específicas: a cassação e a devolução das condecorações. Entre elas, em 1981, o tema do enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira e o documentário “Os Anos de JK”. Na visão do enunciador, ele tinha um espírito festivo que nem sempre era visto pelos brasileiro como adequado para um presidente. E “aos olhos do povo, JK foi, sobretudo, o presidente que sabia *rir um riso aberto*, e, nos momentos de crise, transpirava um otimismo [...]”²⁰⁵, como vimos no exemplo (38). É lançado ao *riso* de JK um índice social de valor até certo ponto positivo, uma vez que, na visão do enunciador, o povo brasileiro o via como encantador.

Nesse contexto, o verbo *rir* foi empregado com o objeto *um riso aberto*, dialogando com a visão daqueles que também atribuíam ao riso de Jk tal característica. E essa transitividade é gerada a partir da visão do sujeito-enunciador com uma réplica. A nosso ver, desaglutinar o objeto nesta ocasião é aceitável, visto que o sujeito-interlocutor pode realizar a compreensão ativa das palavras *riso* e *aberto*.

²⁰³ ANEXO C.

²⁰⁴ Escrita por Paulo Brandão.

²⁰⁵ Perdigão (1980, p. 84).

Da mesma forma, visualizamos que, em (39), o verbo *dormir* foi empregado com o complemento *sono* expresso no plano da sintaxe:

Ex. (39)

O Correio brasileiro, aos 130 anos de existência (complementos no próximo dia 25), crivado de críticas e desconfianças, tenta se levantar. Pesa-lhe um passado de irresponsabilidades, estagnação e a mais absoluta ausência de qualquer planejamento, além de um conceito quase inextirpável de “cabide de empregos”. Carregados de tal herança, constitui-se hoje no maior desafio do Ministério das Comunicações, nas palavras de seu ministro, Hygino Corsetti: “Pegamos uma empresa que vinha funcionando de maneira precária há muitos anos e, sem que ela pare, temos de transformá-la numa empresa eficiente”. O despertar será lento, porque houve época em que o gigante de 63000 funcionários (a maior empresa do país, em pessoa), muitos deles analfabetos, débeis mentais ou meros “assinantes de ponto”, *dormia um sono profundo*. Esquecido até de que a ele estava confinada a civilizadora missão de vencer as distâncias e entregar objetos, valores e principalmente as comunicações escritas entre os brasileiros, em cujo país era (e ainda é) o único contato de certos pontos distantes com o mundo exterior (CUNHA, 1973, p. 40. Grifo nosso)²⁰⁶.

Na reportagem *Ilmos. planos do Correio, lentos, difíceis e ambiciosos*, escrita por Luiz Cláudio Cunha, o sujeito-enunciador faz uma apreciação sobre a crise por que passava, naquela época, o Correio e os planos de mudança. Na visão deste enunciator, entre problemas quanto à estrutura, à organização, à limpeza, aos funcionários, à qualidade do serviço prestado etc. foram apresentados os planos de mudança do Correio, concebidos como bastante difíceis de serem concretizados, observando o esdrúxulo contexto em que estavam inseridos. Assim, “o despertar será lento, porque houve época em que o gigante de 63000 funcionários [...] *dormia um sono profundo*”²⁰⁷, como podemos constatar em (39).

Um sono profundo vivido pelo Correio é visto como um momento deplorável de letargia quanto ao seu funcionamento, à sua qualidade nos serviços, à sua estrutura física etc., sendo valorado como um período negativo. Palavras como *analfabetos* e *débeis mentais* usadas em relação aos funcionários da empresa na ocasião demonstram a ideologia de que pessoas pertencentes a essas classes sociais seriam incapazes de desenvolver a atividade destinada. Além disso, *meros ‘assinantes de ponto’* traz à cena uma crítica quanto à irresponsabilidade de alguns relativo ao trabalho a ser realizado, concebidos como alheios à função, na visão do enunciator. Essa visão de mundo dialoga com a daqueles que também apreciavam desta maneira a situação do Correio. E

²⁰⁶ ANEXO B.

²⁰⁷ Id. p. 40.

a desaglutinação sintático-semântico-discursiva surgiu disso. Desta forma, a dimensão axiológica, a valorativa e a expressiva permitiram que o objeto *um sono profundo* fosse materializado no plano da sintaxe, como uma contrapalavra.

Na nossa concepção, em *Ilmos. planos do Correio, lentos, difíceis e ambiciosos*, desaglutinar o objeto do verbo *dormir* é necessário, uma vez que o sujeito-interlocutor pode compreendê-lo ativamente, respondendo às palavras *sono* e *profundo* com uma contrapalavra.

Todavia, na reportagem em questão, observamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *crescer* em (40):

Ex. (40)

[...] **Primeiros passos** (grifo do autor) – Antes de mais nada, foi preciso romper um círculo vicioso: mal instalados, os funcionários não rendiam; não rendendo, *cresciam* os deficits; sem dinheiro, as instalações continuavam insatisfatórias. Ou até repugnantes, como no Correio Central de Salvador. Pelos corredores e nas salas, exalava o odor azedo que os sanitários imundos irradiavam. A fachada do prédio cinzento ostentava janelões partidos. Em todo canto, o bolor acumulado desde 1939, ano da inauguração da sede própria na praça da Inglaterra – após um ziguezague centenário por dezenas de ruas e avenidas da cidade. Durante o ano passado, numa operação que se estendeu às demandas capitais, desde Manaus até Porto Alegre, o edifício baiano mudou. Uma empresa de limpeza recuperou o branco dos mármore encardidos e conserva a casa em bom aspecto (CUNHA, 1973, p. 40. Grifo nosso)²⁰⁸.

Aos serem explanados os planos de reestruturação do Correio, os primeiros passos seguidos foram apresentados e apreciados pelo sujeito-enunciador, conforme podemos ver em (40). “Antes de mais nada, foi preciso romper um círculo vicioso: mal instalados, os funcionários não rendiam; não rendendo, *cresciam* os déficits; sem dinheiro, as instalações continuavam insatisfatórias” (CUNHA, 1973, p. 40). Em face disso, o verbo *crescer* foi usado sem o objeto, havendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva. Na concepção do enunciador, foi necessário dar importância à instalação, já que, por estarem em estado inadequado, refletia diretamente na qualidade do trabalho, comprometendo o rendimento dos funcionários e, fadidamente, *cresciam* os déficits. As instalações do Correio foram apreciadas como inadequadas, todavia, repaginá-las, passou a ser visto e valorado como a primeira atitude para a mudança, auxiliando o Gigante sair de seu estado letárgico.

²⁰⁸ ANEXO B.

Em virtude desse universo axiológico, valorativo e expressivo, não houve a autorização para o objeto do verbo *crescer* vir no plano da sintaxe, acontecendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva. Igualmente, em (41), verificamos o fenômeno no verbo *lutar*:

Ex. (41)

O senador José Sarney *lutou* muito, mas não conseguiu vencer os fatos. Ao decidir disputar a presidência do Senado, em fevereiro passado, acreditava que o cargo era uma garantia de imunidade para ele e a família – àquela altura já investigada pela Polícia Federal por suspeitas de uma multiplicidade de crimes [...] (CABRAL; ESCOSTEGUY, 2009, p. 61. Grifo nosso)²⁰⁹.

Retornando à reportagem intitulada *A rendição do último coronel*, escrita por Otávio Cabral e Diego Escosteguy, observamos que os sujeitos enunciadorez trazem à cena, em 2009, informes sobre José Sarney no tocante a deixar a presidência do Senado, apreciando este momento, como vimos em (18). Na visão dos repórteres, José Sarney já vinha sendo alvo de investigação pela Polícia Federal por causa da suspeita de uma sucessão de crimes. “O senador José Sarney *lutou* muito, mas não conseguiu vencer os fatos [...]”²¹⁰, conforme mostramos no exemplo (41).

No ponto de vista dos enunciadorez, a luta que José Sarney travou quanto à enxurrada de acusações feitas contra ele teve um acento valorativo negativo, já que não conseguiu vencer e provar sua inocência, sendo proporcionada a *rendição do último coronel*. Nesta situação, o verbo *lutar* foi empregado com o complemento *luta* aglutinado nele. A relação intrínseca entre a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade provocou a aglutinação sintático-semântico-discursiva do verbo em análise. A nosso ver, desaglutinar o objeto nesta situação não auxilia para que o sujeito-interlocutor possa compreendê-lo ativamente, assumindo uma posição de respondente.

Na reportagem intitulada *A casa do horror*, escrita por Duda Teixeira e Julia Carvalho, também verificamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *dormir* em (42):

Ex. (42)

[...] Sequestradores como Castro fazem as vítimas acreditar que sua vida será assim para sempre, que não há mais saída. Quando a última célula de humanidade é esmagada, a dependência do sequestrado em relação ao algoz torna-se completa. É este quem decide quando a vítima vai ao banheiro,

²⁰⁹ ANEXO H.

²¹⁰ Id. p. 61.

dormir e, principalmente, se será ou não abusada. Shawn Hombeck, sequestrado em 2002, aos 11 anos depois de ser libertado: “Você sofre uma lavagem cerebral. É como se estivesse em piloto automático, com outra pessoa apertando os botões” (TEIXEIRA; CARVALHO, 2013, p. 85. Grifo nosso)²¹¹.

Na reportagem em questão, os sujeitos enunciadore discorrem sobre os delitos cometidos em Cleveland por Ariel Castro, ex-motorista de ônibus escolar, apreciando-o como um psicopata. Duda Teixeira e Julia Carvalho contam-nos que ele sequestrou três mulheres (Michelle Knight, Amanda Berry e Georgia de Jesus), escondeu em sua casa, estuprou e torturou durante uma década. No ponto de vista dos enunciadore, aparentemente, Castro era um homem que tinha uma vida normal. Contudo, algumas pessoas desconfiaram que havia algo esdrúxulo na casa dele, denunciando-o à polícia, sem nada ser feito. No entanto, um dia, Castro descuidou e deixou a porta aberta. Amanda Berry conseguiu, portanto, fugir, ligou para a polícia e relatou o que viveu, sendo preso o psicopata. “[...] Sequestradore como Castro fazem as vítimas acreditar que sua vida será assim para sempre, que não há mais saída. [...] É este quem decide quando a vítima vai ao banheiro, *dormir* e, principalmente, se será ou não abusada²¹²”, consoante mostrado no exemplo (42).

O sequestro das três pessoas realizado por Castro, na visão de mundo dos enunciadore, foi um ato desumano, cruel e insano, dilacerando-as fisicamente e, sobretudo, psicologicamente. A atitude do sequestrador foi vista e valorada como algo extremamente danoso para as vítimas, furtando-as o direito de liberdade, de conviver com a família, de terem vida social, de serem amadas e respeitadas enquanto ser humano etc. Em virtude desse horizonte axiológico/valorativo e da expressividade, houve a aglutinação sintático-semântico-dircurativa no verbo *dormir*. Do mesmo modo acontece este fenômeno no exemplo (43):

Ex. (43)²¹³

[...] “Minha mãe é professora e meu avô era tenente-coronel da Aeronáutica. Cheguei a entrar em três faculdades – farmácia, enfermagem e engenharia química -, mas sempre me preocupei mais com as festas do que com os estudos. Da cocaína, passei para o crack, que alguns colegas usavam. Logo estava vendendo tudo o que eu tinha para comprar a droga. Não me interessava mais nem por minha namorada. Decidi me tratar quando percebi que não tinha a confiança de mais ninguém. No começo, sem o crack, sentia muita raiva. Tive de reaprender a lidar com as emoções. O mais difícil foi me

²¹¹ ANEXO T.

²¹² Id. p. 85.

²¹³ Este mesmo depoimento foi apresentado no exemplo (14). Todavia, lá analisamos a palavra *morreu*.

adaptar a rotina: ter hora para acordar, comer, tomar banho, trabalhar. Precisa de remédios para controlar a ansiedade e *dormir*. Pensei em desistir, quando minha avó *morreu*, no terceiro mês da minha internação, e eu não pude nem ir ao enterro dela. Agora, eu me considero limpo. Quero voltar a estudar, mas fico pensando que ambiente eu vou encontrar. Se tiver drogas lá... Tenho medo de não conseguir resistir” [...] GABRIEL ZANE, 25 anos, monitor de clínica de recuperação (RS). Foi internado uma vez (BERGAMO et al., 2012, p. 67. Grifo nosso)²¹⁴.

Na reportagem *O Crack bate à nossa porta*, os sujeitos enunciadoreis apreciam um problema social que atinge pessoas diversas independente da classe a que pertencem: o uso do crack, como discutimos no exemplo (14). No ponto de vista deles, o vício do crack traz muitas consequências, a título de exemplificação, a dificuldade das pessoas para conseguir deixá-lo e, em seguida, serem ressocializadas. Envoltos por esta discussão, eles nos mostraram a história de Gabriel Zane.

Na visão de mundo de Gabriel Zane, um jovem de classe média, é muito difícil deixar o crack, principalmente, voltar a ter uma rotina saudável, na qual é necessário cumprir horários para realizar algumas ações básicas, entre elas, comer, tomar banho e dormir: “[...] precisa de remédios para controlar a ansiedade e *dormir* [...]” (BERGAMO et al., 2012, p. 67), como podemos visualizar no exemplo (43). Palavras como *remédio*, *controlar*, *ansiedade* e *dormir* demonstram algumas das dificuldades de Zane em relação ao tratamento, já que o referido vício é concebido pelo sujeito-enunciador como um fio condutor para o ser humano perder o controle emocional, afetando inclusive o sono. Esse universo axiológico/valorativo e expressivo permitiram a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *dormir*.

Da mesma maneira, observamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *dormir* no exemplo (44):

Ex. (44)

[...] Mesmo quando a justiça chega, o estrago já está feito. Na semana passada, a pequena R.M., de 8 anos, dava seu depoimento sobre a noite de terror que viveu ao lado do tio que a levava para um final de semana em Araruna, na Região dos Lagos Fluminense. *Dormia* quando sentiu o pesado corpo sobre o seu, nu, ferindo-a. Já chorou muito, mas não espantou a tristeza: “Será que um dia vou apagar esse pesadelo de minha cabeça?”. Na grande maioria das vezes, as vítimas da violência só começam a tratar os danos psicológicos depois de adultas. Em geral, têm dificuldades de estabelecer relacionamentos e são inseguras [...] (JIMENEZ; BETTI, 2012, p. 96. Grifo nosso)²¹⁵

²¹⁴ ANEXO L.

²¹⁵ ANEXO N.

Conforme discutimos no exemplo (4)²¹⁶, na reportagem *Mémoires que não se apagam*, os repórteres discutem sobre a pedofilia. Na visão de mundo dos sujeitos enunciadoreis, este é um problema social que traz consequências sérias para muitas pessoas, entre elas, vítimas e pedófilos. No decurso do texto, as repórteres nos apresentaram histórias referentes a crianças que foram abusadas sexualmente, a exemplo de R.M. Na época com 8 anos, ela foi abusada pelo tio. Ambos passavam um final de semana em Araruna, na Região dos Lagos Fluminense. “[...] *Dormia* quando sentiu o pesado corpo sobre o seu, nu, ferindo-a [...]” (JIMENEZ; BETTI, 2012, p. 96), conforme mostramos em (44).

É conferido ao pedófilo um índice social de valor extremamente negativo, uma vez que este, na visão dos enunciadoreis, causa às crianças danos físicos e psíquicos irreparáveis. Elas, por sua vez, são vistas como vítimas indefesas que, muitas vezes, nem compreendem o porquê de tanta violência, sendo submetidas a uma situação de horror, medo, trauma, abuso e desrespeito. E, no ponto de vista dos enunciadoreis, muitas vezes, o agressor são pessoas que deveriam protegê-las (pai, irmão, tio, avô etc.), como aconteceu com R.M. Nesse contexto, a relação entre a dimensão axiológica, valorativa e expressiva não autorizou desaglutinar o objeto do verbo *dormir*, ocorrendo a aglutinação sintático-semântico-discursiva.

Por fim, segundo a análise feita nesta seção, podemos afirmar que, de fato, nos verbos selecionados, em alguns momentos, houve o processo da aglutinação sintático-semântico-discursiva; assim, o lugar de objeto não foi ocupado. E isto aconteceu pelas razões descritas no Quadro (1)²¹⁷. No entanto, em alguns destes verbos, houve a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, ou melhor, a aparição material do complemento no plano da sintaxe, ocupando o lugar de objeto, pelos motivos mostrados no Quadro (2).

²¹⁶ No segundo capítulo (tópico 2.1), em *Memórias que não se apagam*, analisamos, no exemplo (4), a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*.

²¹⁷ Tanto o quadro (1) como o (2) foram apresentados no tópico (3.2).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da discussão tecida nesta tese, podemos afirmar que o verbo definido como intransitivo pela Gramática Tradicional é um caso de aglutinação sintático-semântico-discursiva. Dessa forma, há nele a junção do complemento, não tendo a ocupação do objeto no plano da sintaxe. E o Objeto Direto Interno, por sua vez, é um caso de desaglutinação sintático-semântico-discursiva, isto é, o objeto vem materializado no plano da sintaxe. No nosso ponto de vista, este fenômeno ocorre por questões enunciativas, sendo percebido nas reportagens impressas analisadas. Para tanto, a princípio, seguindo Bakhtin (2003), vimos o gênero discursivo selecionado como secundário, observando o conteúdo temático, os elementos composicionais e o estilo.

Quanto ao conteúdo temático, notamos que é próprio da reportagem impressa informar, divulgar e/ou denunciar assuntos sociais diversos (nacionais e internacionais), entre eles: o abuso sexual infantil (pedofilia); o câncer de mama; o transplante multivisceral; o crack; o pagamento do “bolsa-bandido”; o governo Dilma; os feitos políticos de Margaret Thatcher; os incentivos financeiros do ex-presidente Lula para pessoas carentes etc., assim como mostramos nas reportagens discutidas.

Concernente ao estilo, nas reportagens, verificamos o estilo individual dos autores através da expressividade, do tom apreciativo, dos índices sociais de valor, da escolha das palavras; da seleção dos recursos gramaticais; da maneira objetiva e didática como discutiram os assuntos; da forma como organizaram as imagens etc. Além disso, percebemos também a questão da orientação social, já que os enunciados produzidos não são indiferentes entre si nem tampouco bastam cada um por si só, como discutimos.

Ao contrário, na verdade, cada enunciado concreto é conhecedor dos outros, havendo uma relação de mutualidade, isto é, um é refletido no outro, determinando o seu caráter. Assim, observamos que todas as reportagens foram produzidas com o intuito de ir ao encontro da resposta do outro. Nelas a eficiência da enunciação dependeu do grau de consciência dos repórteres em relação à orientação social dos enunciados produzidos. Elas configuraram, portanto, a interação social entre o falante, o ouvinte e o tópico de fala, sendo materializadas como produto.

Os campos da atividade humana especificam seus tipos de destinatário. Assim, tanto os elementos composicionais como o estilo das reportagens discutidas

dependeram indubitavelmente de algumas especificidades: o destinatário (leitor); a forma como os falantes (os repórteres) representaram para eles tais leitores e a influência destes para o enunciado. Portanto, podemos dizer que estes campos possuem uma percepção específica no que diz respeito aos destinatários, como acontece com o Jornalismo.

Os limites em relação aos enunciados são observados mediante a alternância dos sujeitos. O interlocutor, ao ler as reportagens analisadas, tem, enquanto sujeito ativo, uma atitude responsiva no que diz respeito a elas. Assim, pode rejeitá-las, ratificá-las, refutá-las, criticá-las, indagá-las etc. A compreensão é efetivada ativamente através da interação entre os sujeitos. E o sentido resulta desta interação, não pertencendo à palavra, ao falante nem ao sujeito-interlocutor. O leitor, por conseguinte, é ativo, passando a ter uma posição de respondente. Todavia, alguns fatores influenciam a sua compreensão: o acento axiológico/valorativo, a posição social, o grau de informação prévia e o interesse referente ao assunto abordado, o nível de escolaridade etc.

Para nós, verificando os elementos composicionais e o estilo das reportagens apresentadas, em algumas situações, notamos, mediante a escolha das palavras empregados nelas, a aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir. A título de ilustração, temos os exemplos (1), (2), (3), (4), (5), (14), (15), (16), (17), (24), (25), (26), (29), (30), (31), (32), (33), (35), (36), (37), (40), (41), (42), (43) e (44). Fatores enunciativos, portanto, possibilitaram este fenômeno, tais como: a relação intrínseca entre o horizonte axiológico do discurso (a ideologia), a valoração (os índices sociais de valor) e a expressividade não autorizou a ocupação do lugar de objeto no plano da sintaxe em algumas situações; a relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala não permitiu a materialização do objeto em certos momentos no plano da sintaxe.

Por outro lado, observamos que, em momentos específicos, alguns dos verbos citados foram usados com o complemento materializado no plano da sintaxe, havendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Isto também aconteceu por causa de fatores enunciativos, a saber: a relação intrínseca entre o horizonte axiológico (a ideologia), a valoração (os índices sociais de valor) e a expressividade autorizou a ocupação do lugar de objeto em algumas ocasiões; o fenômeno foi gerado a partir da visão de mundo do sujeito-enunciador; o complemento materializado no plano da

sintaxe atuou como uma reação responsiva e responsável do sujeito-enunciador quanto ao objeto de discurso retratado; a relação entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico de fala permitiu a materialização do objeto no plano da sintaxe em certos momentos; o tema (sentido completo da enunciação) e a compreensão ativa. Como mostramos nos exemplos (6), (7), (18), (19), (20), (21), (22), (23), (27), (28), (34), (38) e (39).

Por fim, verificamos que a Revista Veja é um meio de divulgação que circula em âmbito nacional, destinada a um público peculiar, entre outros aspectos. Assim, escrever para ser publicado nela requer a observância a certas especificidades, entre elas: a dimensão axiológico/valorativa, o grau de conhecimento do leitor sobre o assunto, a classe social, o nível de linguagem, o interesse sobre o assunto etc. Nesse diapasão, a nosso ver, todas as reportagem discutidas materializaram ideologia e valoração, apresentando conclusibilidade e expressividade.

Pelo exposto, nossa intenção foi apresentar outras questões sobre os verbos escolhidos. Nesse sentido, consideramos importante tais verbos serem vistos como signos ideológicos, atentando para as questões enunciativas. Além do mais, a linguagem ser concebida a partir da perspectiva dialógica, apresentada nesta tese, seguindo Bakhtin/Volochinov (1981/1926), Bakhtin (2003) e Volochinov (1930). Assim, conforme explanamos, outras especificidades são consideradas, a exemplo da interação social entre o falante e o interlocutor, considerando suas posições sociais, as quais os particularizam. A língua é, por seu lado, constituída a partir deste tipo de interação, sendo concretizada através das enunciações, uma vez que não é um sistema abstrato nem enunciações monológicas.

Assim sendo, a interação é constitutiva da língua, já que esta é gestada a partir da dialogicidade entre os sujeitos, os quais são organizados pelo âmbito social. Desta feita, verificamos que o linguístico é configurado justamente através dos processos interativos. Todavia, não é conveniente observar os sujeitos como passivos, porquanto são ativos. E a enunciação é determinada pelo meio, resultando da interação entre tais sujeitos.

Com isso, acreditamos ter apresentado outro olhar sobre os verbos intransitivos, verificando este problema sintático à luz da enunciação, na perspectiva defendida por nós. Registramos aqui o respeito e o reconhecimento quanto às contribuições teóricas feitas pelos gramáticos apresentados. Cada um destes gramáticos observou, segundo o

contruto teórico no qual estão embasados, a transitividade verbal. Todavia, nem sempre apresentaram pontos de vista semelhantes, expondo divergências quanto à nomenclatura abordada e às subseqüentes explicações.

Resta-nos, agora, investigar a ocorrência da (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva em outras funções sintáticas, entre elas, o sujeito e o adjunto adverbial. Estas questões, por sua vez, serão pesquisadas em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- AMARO, M. Vidas repaginadas. **Revista Veja**, São Paulo, 31 out., p. 122-124.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1929].
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. 1926. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte>>. Acesso em: 22 ago. 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005 (p. 25-36).
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**: revisada e ampliada. São Paulo: Lucerna, 2006.
- BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 1791-1799.
- BÉRGAMO, G. et al. O crack bate à nossa porta. **Revista Veja**, São Paulo, 25 jan. 2012, p. 64-69.
- BETTI, R.; JIMENEZ, G. Memórias que não se apagam. **Revista Veja**, São Paulo, 30 mai. 2012, p. 90-96.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexão e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006 (p. 57-84).

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem In: _____ (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005 (p. 87-98).

CABRAL, D.; ESCOSTEGUY, D. A rendição do último coronel. **Revista Veja**, São Paulo, 05 ago. 2009, p. 60-64.

CAMARA, J. M. Jr. **Dicionário de filologia e gramática**. Rio de Janeiro: Iozon, 1968.

CUMINALE, N. O valor maior de Angelina. **Revista Veja**, São Paulo, mai. 2013, p. 90-98.

CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1970.

CUNHA, D. de A. C. da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; B. M. A. **Gêneros Textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010 (p. 179- 193).

CUNHA, L. C. Ilmos. planos do Correio, lentos, difíceis e ambicios. **Revista Veja**, São Paulo, 03 jan. 1973, p. 40-48.

DIAS, A. Cirurgia épica ao som de rock. **Revista Veja**, São Paulo, 11 abr. 2012, p. 82-88.

DIAS, L. F. Enunciação e gramática: o campo de produção de gramática no Brasil contemporâneo. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Une dialogue atlantique**. Paris: ENS Editions, 2006.

_____. Aspectos de uma gramática explicativa: a ocupação do lugar do objeto direto. In: **Textura**. Canoas: UFBRA, 2000. p. 49-69.

DINIZ, L; CARVALHO, J. Condenados pela impunidade. **Revista Veja**, São Paulo, 29 mai. 2013, p. 86-93.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas/SP: Pontes, 1987.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

ESCOSTEGUY, D. A vida melhorou. **Revista Veja**, São Paulo, 29 dez. 2010, p. 260-265.

_____. O caos depois do desastre. **Revista Veja**. São Paulo, 27 jan. 2010, p. 66-76.

FALLACI, O. Os três da Lua, Armstrong, Aldrin, Collins: quem são? **Revista Veja**, São Paulo, 16 jul. 1969, p. 28-35.

FRAGMENTOS DE HERÁCLITO, 51, Hipólito, Refutação, IX, 9. In: SOUZA, José Cavalcante de (Coord.). **Coleção Os Pensadores: Pré Socráticos**: Fragmentos, doxografia e comentários. Tradução de José Cavalcante de Souza et al. São Paulo: Nova Cultural LTDA, 1999 (p. 93).

HERNANDES, N. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e Internet fazem para manter e captar a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

JIMENEZ, G. Filhos? Não, obrigada. **Revista Veja**, São Paulo, 29 mai. 2013, p. 114-120.

KINDERMANNO, C. A. **A reportagem jornalística no jornal Brasil**: desvendando as variantes do gênero. 2003. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAGARDETTE, J. L. M. **Manual da escrita jornalística**: escrevo, informo, convenço. Lisboa: Pergaminho, 1998.

_____. **Manual da escrita jornalística**: Escrevo - Informo – Convenço. Lisboa: Pergaminho, 2010.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Práticas de leitura de gêneros discursivos: A reportagem como proposta. In: PETRONI, Maria Rosa. **Gêneros do discurso, leitura e escrita**: experiências de sala de aula. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2008 (p.130-145).

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006 (p. 115-131).

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, M. A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006 (p. 23-36).

MARTINEZ, A. G. A construção da notícia em tempo real. In: FERRARI, P. (Org.). **Hipertexto hipermídia: as novas ferramentas da comunicação**. São Paulo: Contexto, 2007 (p. 13-27).

MAXIMIANO, L. Sim, eu posso... Mas a inflação pode mais. **Revista Veja**, São Paulo, 17 abr. 2013, p. 50-54.

MIRANDA, C. I. D. de; SANTOS, J. S. **O gênero jornalístico e o ensino: reflexões sobre reportagem na mídia impressa e no livro didático**. 2010. Disponível em: <<http://www.revistaopedaleta.net/>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NÓBREGA, F. **A aglutinação sintática discursiva: diálogos com Bakhtin**. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo: [s.n.], 1990.

PERDIGÃO, P. JK riu por último. **Revista Veja**, São Paulo, 27 agos. 1980, p. 84-85.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do Português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

RANGUEL, C.; CARVALHO, J.; DINIZ, L. Eu quero ser Eike. **Revista Veja**, São Paulo, 18 jan. 2012, p. 78-89.

RIBEIRO, M. G. C. **Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em –mente em interações orais dialogadas**. 2003. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2003.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

RODRIGUES, R. H. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1982.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOBRAL, A. **As bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, V. C. de. **Imagem da enunciação do gênero reportagem**. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Língua Vernácula) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

TEIXEIRA, D. Uma dama do lado direito da história. **Revista Veja**, São Paulo, 17 abr. 2013, p. 56-61.

TEJÓN, J. S. L. **Tiras da Mafalda**. Disponível em:
<<http://tirasdemafalda.tumblr.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

TEXEIRA, D.; CARVALHO, J. A casa do horror. **Revista Veja**, São Paulo, 15 mai. 2013, p. 84-87.

VALLADARES, R.; BERGAMO, G. O fim dos mitos sobre o câncer. **Revista Veja**, 18 mai. 2005, p. 78-85.

VENTUROLI, T. Viver mais e melhor. **Revista Veja**, São Paulo, 15 set. 2004, p. 96-102.

VILICIC. F. Afinal, a leitura. **Revista Veja**, São Paulo, 04 jul, p. 84-89.

VOLOSCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre a poética sociológica). Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

ANEXOS

ANEXO A: Os três da Lua, Armstrong, Aldrin, Collins: quem são?